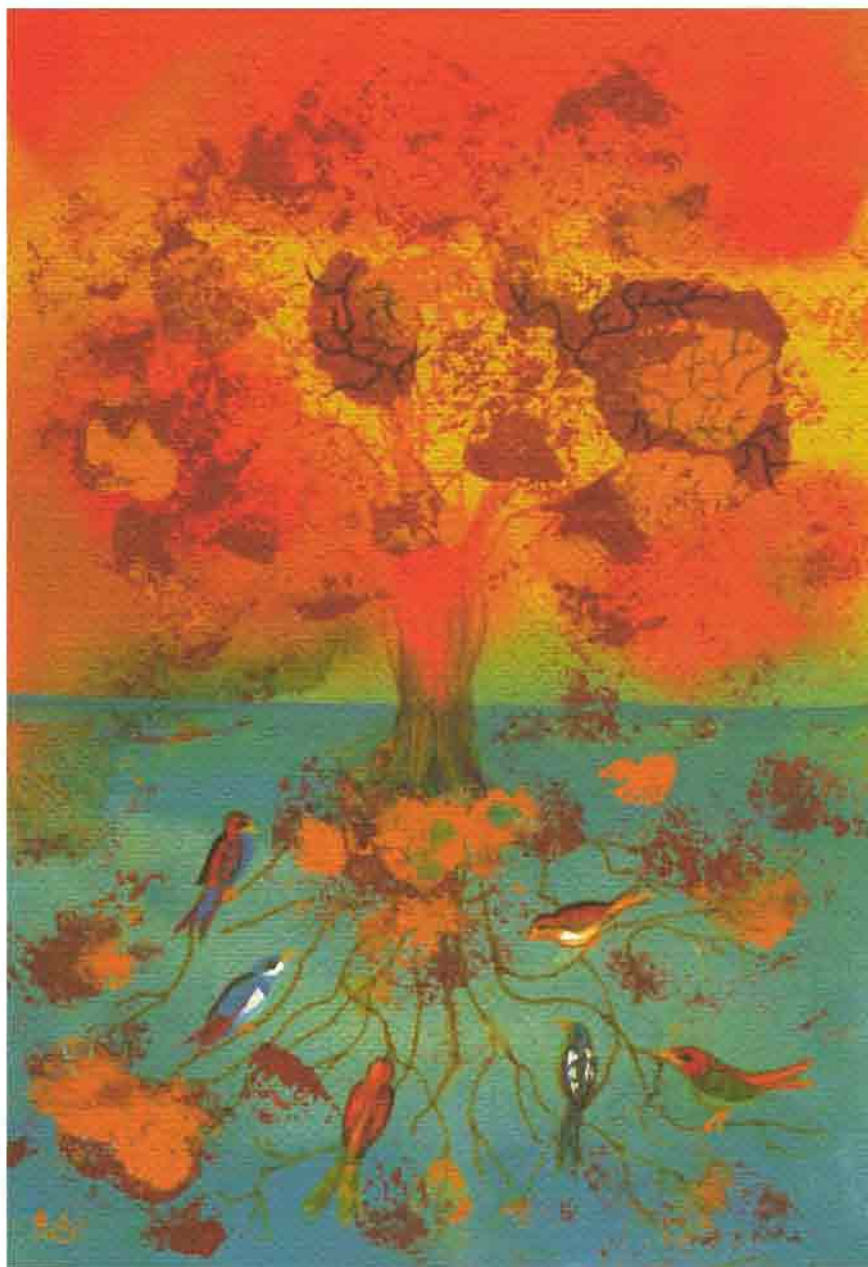


# *Ciganos Aquém do Tejo*

PROPOSTAS DE ACTIVIDADES NÓMADAS PARA O ENSINO BÁSICO



## *Projecto Nómada*

INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS



*Ciganos Aquém do Tejo*  
PROPOSTAS DE ACTIVIDADES NÓMADAS PARA O ENSINO BÁSICO

*Projecto Nómada*  
INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS

**Biblioteca Nacional-Catálogo na Publicação**

Instituto das Comunidades Educativas. Projecto Nómada  
Ciganos aquém do Tejo: propostas de actividades nómadas para o ensino básico  
ISBN 972-99316-2-3  
CDU 371.212(469)  
397(469)  
371.3(469)

*Ficha Técnica*

**Título**

Ciganos aquém do Tejo

**Autor**

Projecto Nómada/ ICE

**Equipa Organizadora**

Teresa Fernandes  
Mirna Montenegro  
Susana Nogueira  
Anabela Santos  
Mário Santos

**Colaboradores especiais**

Elisa Costa  
Teresa Vergani

**Editor**

Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas  
Praça Carlos Alberto, 71, 4050-440 Porto  
Telefone: (00351) 22 2046110 Fax: (00351) 22 2046119  
e.mail: acime@acime.gov.pt

**Designer**

António Souto

**Capa**

Adaptação de original de Teresa Vergani

**Execução gráfica**

Textype - Artes Gráficas Lda

**Data de edição**

Setembro de 2004

**Tiragem**

1000 exemplares

**ISBN**

972-99316-2-3

**Depósito legal**

215482/04

## *Dedicatória*

Às comunidades ciganas e a todos os alunos e professores dedicamos este trabalho com votos de que a sua leitura ajude a recriar novas pesquisas e descobertas.

## *Agradecimentos*

O Projecto Nómada e a equipa organizadora agradecem as colaborações especiais da Dr<sup>a</sup> Elisa Maria Lopes da Costa na “1<sup>a</sup> Viagem através da História e de outras histórias”, da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresa Vergani na “4<sup>a</sup> Viagem através da Matemática e da Vida” e pela ilustração da capa «Pássaros na raiz», assim como o especial empenho da Dr<sup>a</sup> Helena Torres (do ex-Entreculturas) para que esta publicação veja a luz do dia no tempo útil do Projecto Nómada I.

### **Grupo organizador:**

Teresa Fernandes  
Mirna Montenegro  
Susana Nogueira  
Anabela Santos  
Mário Santos

## *Somos*

Livres como os campos  
Misteriosos como o mar  
Andantes como os rios  
Secretos como os bosques  
Ligeiros como os ventos  
Ardentes como o fogo  
Cautelosos como a noite  
Imprevisíveis como a estrada  
Leves como o ar  
Argutos como a raposa  
Sentimentais como a música  
Verdadeiros como as crianças  
Mas...  
Incompreendidos como a VERDADE.  
Assim somos nós,  
Ciganos...

*(Anny Reis)*

## *Índice*

Algumas palavras sobre a construção deste documento....	9
Testemunhos em jeito de convite à utilização deste documento...	11
A propósito da Raposa e da Cegonha...	15
<b>1ª Viagem</b>	17
<i>...através da História e de outras histórias</i>	18
• Nota introdutória	19
• Através da História...	20
• ...E de outras histórias	25
<b>2ª Viagem</b>	33
<i>...através de alguns Costumes</i>	34
• Trabalho e lazer	35
• Tempos livres e outros lazeres	39
• Datas festivas	40
• Os comeres da nossa gente...	48
• Petiscos Ciganos de A a Z	51
• Saúde e mezinhas	59
• Habitação	64
• Vestuário	65
<b>3ª Viagem</b>	69
<i>...através da Escola e da Brincadeira</i>	70
• Brincadeiras com palavras	71
• Brincadeiras com números	87
• Adivinhas	92
• Jogos	95
• Provérbios	98
• Anedotas	102
<b>4ª Viagem</b>	103
<i>...através da Matemática e da Vida</i>	104
• Nota prévia	105
• A família	107
• A vivência do espaço e do tempo	123
• A gestão doméstica dos recursos financeiros	135
<b>Anexos</b>	141
• O ICE e o projecto Nómada	142
• Por onde e com quem “andarilhou” o Nómada	144
• Associações Ciganas em Portugal	149
• Bibliografia seleccionada sobre etnia cigana	150

## *Algumas palavras sobre a construção deste documento...*

A presente publicação é fruto de um trabalho, contínuo e colectivo, empreendido pelos vários docentes e animadores implicados no projecto Nómada desde 1995/96 até à data, (constante na listagem em anexo)<sup>1</sup> revelador de *escuta sensível* e de criatividade, a que alguém (Barbier, René 1997, 2001)<sup>2</sup> chamou de *improvisação educativa*, na precisa medida em que, confrontando-se com a inexistência de materiais pedagógicos para trabalhar com crianças, jovens e adultos de etnia cigana, demonstraram ousadia (e até prazer) em criar, inventar, adaptar e ajustar algumas propostas suas (ou de outros) às necessidades, interesses e motivações em presença, integrando-os num currículo que se deseja transversal (porque sempre em trânsito e atravessando diversos saberes que não apenas escolares), desocultando saberes locais. Ousaram arriscar-se como profissionais criadores de estares e pensares educativos e pedagógicos. Neste sentido, este documento pretende ser, acima de tudo, tanto uma homenagem aos docentes que se arriscam enquanto produtores de uma profissionalidade comprometida com o desabrochar do outro como de si próprio, como um instrumento de trabalho para aqueles que, mais temerários, precisam de quem lhes alumie o caminho, à semelhança do ditado chinês "Quando a família vai em passeio, deve acertar o passo pelo que vai atrás" ou dos provérbios ciganos "A mais bela fogueira começa com pequenos ramos", "A candeia que vai à frente alumia duas vezes".

Este documento foi sendo elaborado com base em diversas fontes:

- Relatórios finais dos docentes integrados no processo de ecoformação do projecto Nómada;
- Andarilho, jornal do projecto Nómada;
- Diversa literatura já existente sobre a etnia cigana (constante na listagem em anexo).

Ancorada nestas principais fontes, a equipa organizadora construiu um itinerário de viagens possíveis obedecendo, por um lado, a critérios temáticos, e, por outro lado, a estratégias de abordagem à cultura do outro, neste caso, da cultura cigana. Desejando que este documento seja, também, utilizado de forma interactiva, as suas propostas de trabalho, salpicadas de questões a aprofundar - em nota de rodapé e/ou nos apontamentos a anotar - pretendem ser, sobretudo, uma pista ou um pontapé de saída para outras tantas questões e formas de aprofundamento do conhecimento.

Assim, a 1ª viagem - através da História e de outras histórias - pretende, ainda que de uma forma leve (mas não leviana), dar a conhecer donde vêm os ciganos que habitam entre nós desde há, pelo menos, 500 anos. A sua trajectória desde o norte da Índia até Portugal, foi também pródiga em lendas e histórias que se contam sobre a sua origem.

Após registar o que se conta acerca deste povo, urge conhecer quem são estas pessoas, em concreto, que vivem perto de nós e das quais ainda sabemos tão pouco. Assim surge a 2ª viagem - através de alguns Costumes - cuja recolha foi sendo feita pelos diversos docentes no âmbito das suas pesquisas com os seus alunos e formandos em concreto.

1. Ver anexo "Por onde e com quem Andarilhou o Nómada?"

2. Barbier, René (1997), *L'écoute sensible en approche transversale*, na Internet : [http://www.fp.univ-paris8.fr/recherches/ecoute\\_sensible2/htm](http://www.fp.univ-paris8.fr/recherches/ecoute_sensible2/htm).

Também pode ser encontrado em: Barbier, René (1997) *Approche Transversale, l'écoute sensible en sciences humaines*, Paris:Antropos.

Barbier, René (2001) *L'improvisation éducative*, retirado da Internet : <http://www.fp.univ-paris8.fr/recherches/improvisationeducative.html>

Motivados que estes foram por se iniciar as aprendizagens partindo das suas vivências e saberes, estes foram sendo sistematizados em propostas de trabalho que dão corpo à 3ª viagem - através da Escola e da Brincadeira. Sistematizar vivências e experiências de vida, respeitando-as, exige uma abordagem transversal e globalizadora, duas das preocupações subjacentes à organização deste documento/instrumento de trabalho para o 1º Ciclo do Ensino Básico (tanto de crianças como de adultos).

Não obstante a perspectiva transversal subjacente às propostas de trabalho, convém advertir o leitor para algumas das suas limitações e potencialidades. A área da linguagem escrita foi a mais explorada pelos docentes (sendo a área mais fortemente trabalhada pelos docentes mas debilmente pelas crianças de etnia cigana, uma vez que possuem uma cultura ágrafa de tradição oral). Por isso quisemos dar algum relevo à área matematizante da vida (área fortemente vivenciada pelas crianças e adultos de etnia cigana mas fracamente explorada pelos docentes, uma vez que é considerada ainda exclusiva de alguns - poucos - iluminados). Nesta perspectiva se apresentam as propostas da 4ª viagem - através da Matemática e da Vida.

Para um aproveitamento apropriado deste documento convém, contudo, advertir os leitores que se as 1ª e 3ª Viagens foram construídas a pensar na utilização directa pelos alunos ou formandos, as 2ª e 4ª Viagens já requerem o "crivo" criativo dos professores/formadores, transformando-as em propostas de trabalho dirigidas aos seus alunos/formandos em concretos.

Finalmente, desejamos a todos quanto quiserem empreender esta aventura humana que é o processo de conhecimento do outro e de construção do Conhecimento, uma boa viagem... Uma viagem cujo itinerário seja construído por quem utilizar este instrumento de trabalho como um começo, uma pista, uma sugestão... O esforço aqui empreendido deve assumir-se como um incentivo à aventura criadora de ser educador e/ou professor.

*Mirna Montenegro*



## *Testemunhos em jeito de convite à utilização deste documento...*

A elaboração deste trabalho é, sem dúvida, um passo importante para um melhor conhecimento da vida dos "Ciganos Aquém do Tejo".

Para mim, que tenho poucos conhecimentos sobre esta comunidade, foi de facto aliciante conhecer, aprender "termos", "ditos", "hábitos" que têm e que fazem parte do dia a dia dos ciganos.

Trata-se de promover a democracia interactiva das diferentes comunidades, de forma a construir-se um verdadeiro espaço de aprendizagem devidamente organizado para fornecer respostas adequadas aos diferentes grupos alvo.

A escola, em situações de exclusão social, terá que ter um papel de reintegração social destes cidadãos portugueses, em particular dos jovens e crianças, pertencentes a esses extractos sociais da nossa sociedade, porque a escola é, para muitos, o único local de acolhimento e de afecto e, também, porque a escola é, em si mesma, uma estrutura que actua na proximidade destes problemas.

Através de projectos como o "Nómada", que respondem directamente às necessidades e anseios evidenciados por cada comunidade, é possível minorar as dificuldades das famílias.

É na escola que se constrói o futuro empenho dos pais, professores e educadores de forma activa na questão da educação para a cidadania.

Parabéns e bem hajam pela oportunidade que me deram de partilhar convosco este trabalho.

Maria José Costa Legoinha Vilar.  
EB1 n.º1 de Paio Pires

Na minha opinião, este trabalho encontra-se bem estruturado, sendo um guião bastante útil para ser utilizado com os alunos. Todos os instrumentos de trabalho aqui apresentado ajudarão muitas crianças de etnia cigana a perceber um pouco mais e melhor o seu percurso histórico assim como alguns dos seus costumes e tradições.

Gostaria de salientar o conjunto de propostas de trabalho da 3ª Viagem, pois penso que com estas actividades os alunos se sentirão mais interessados e integrados na realização das tarefas na sala de aula.

Rita Coelho  
EB1 n.º1 de Paio Pires

"Estas viagens" pretendem ser um contributo para o entendimento da etnia cigana. À luz da compreensão e da integração, pretendem dar a conhecer uma cultura através da apresentação da sua "História e Costumes". Viagens propostas a crianças e adultos, alunos e professores, que nos levam a conhecer melhor o povo Cigano.

No âmbito do desenvolvimento de programas de integração de diferentes culturas nas nossas escolas é importante que sejam dados a conhecer trabalhos como este, que são elaborados, em parceria, por alunos e professores. Trabalhos que podem, ainda, ser explorados

pelos alunos e utilizados como objecto de estudo, de forma a reflectir, discutir, pesquisar e procurar informação sobre os assuntos expostos.

Esta forma interactiva de dar a conhecer uma cultura diferente é essencial para encontrar centros de interesse dos alunos de diferentes etnias de forma a motivá-los para a escola. É igualmente importante para todos os outros alunos, de forma a educar para o respeito à diferença, visto que a Educação deverá ser, cada vez mais, intercultural.

Sónia Gabriela Almeida Rocha Oliveira  
EB1 nº1 de Paio Pires.

O livro apresenta uma sequência lógica, desde o geral ao particular. Faz uma retrospectiva histórica do povo cigano. Cada texto é acompanhado por actividades a desenvolver numa sala de aula, numa perspectiva intercultural. Há uma divisão em 4 viagens: desde a História e histórias; passando por aspectos culturais e pedagógicos.

Este livro deverá ser facultado a todos os docentes, em especial àqueles que leccionam em escolas de minorias étnicas, não só ciganas, para que a escola intercultural seja uma realidade.

Elsa Afonso, Isabel Lucas, Odete Santos, Rosinda Nunes, Mary Pratas  
EB1 nº3 e Jardim-de-infância nº2 do Monte de Caparica

Estes textos são de grande importância porque, em primeiro lugar, nos ajudaram a tomar conhecimento de alguns vocábulos da língua caló, facto que contribuiu para enriquecer os nossos conhecimentos sobre o povo cigano. Além disso, achamos que é importante que se vá registando o que um povo de tradição oral produz. As futuras gerações agradecerão.

A nível pedagógico, alguns destes textos foram, por nós, trabalhados com os adultos do Ensino Recorrente e verificou-se que as suas aprendizagens foram feitas com um maior sentido, havendo uma relação entre o que estavam a aprender e as palavras a que efectivamente estavam ligados, passando a ser palavras de grande referência emocional que já fazem parte do seu universo. As pessoas sentem-se reconhecidas e valorizadas, o que constitui o primeiro passo para a motivação e consequente realização de um trabalho construtivo e positivo.

Podemos considerar este livro como uma mais valia, um percurso de trabalho muito importante. Vamos continuar...a caminhada...tal como ontem...hoje...amanhã...sempre. Muito obrigado.

Ana Paula Loja e Carla Oliveira  
Ensino Recorrente da Bela Vista

Considero um bom livro, com potencialidades para ser trabalhado como manual de recurso, passível de ser utilizado nas áreas curriculares não disciplinares independentemente da presença na turma de crianças de etnia cigana. Parece-me que a estruturação das situações apresentadas constituem um bom material para ser trabalhado na área de estudo acompanhado ou de trabalho a pares.

No entanto, se o quisermos utilizar na área de trabalho de projecto é possível, a partir de algumas situações, delinear um bom trabalho de investigação (centrando-me apenas na faixa etária do 1º ciclo).

Fernanda Reigada  
EB1 do Laranjeiro

Parece-me que este livro será, não o primeiro – porque o Nómada já deu muitos passos nesse sentido, mas mais um passo importante para cativar as crianças ciganas para a escola.

Aqui, elas encontram temas que podem debater com “conhecimento de causa” e que as motivarão, certamente, para a participação activa nas actividades escolares.

Por outro lado, as crianças não ciganas encontrarão, no livro, curiosidades e actividades lúdicas que os cativarão, por certo, e facilitarão a ponte e o entendimento entre ciganos e não ciganos.

Quanto à estrutura interactiva do livro, esta também me parece adequada e enriquecedora. O apelo à pesquisa, as situações em que se parte da observação de uma imagem familiar à criança para debate e a elaboração do texto escrito, o vocabulário em português e em caló, etc., são estratégias que conduzem/facilitam um quotidiano de sala de aula activo e verdadeiramente intercultural.

Maria Ana Delgado  
EB1 do Faralhão

Num mundo cada vez mais conturbado, onde vários países passam por momentos difíceis, devido a problemas étnicos, religiosos, sociais, políticos, etc., cabe a todos trabalhar no sentido de minorar esses problemas e (re)construir uma nova sociedade onde esses mesmos problemas sejam atenuados. Todos os passos nesse sentido são, obviamente, bem-vindos.

Este livro, excelente instrumento de trabalho a implementar na sala de aula, surge como um pequeno passo para aproximar os povos e aumentar o conhecimento que uns têm dos outros. Deste modo, estamos, com certeza, a construir um mundo melhor e mais justo.

Que melhor papel poderá desempenhar a escola?

Margarida Brito  
Agrupamento Rio Azul

Vivemos numa era em que o mundo como o conhecíamos, já não existe; tornou-se numa aldeia em que não só os conhecimentos estão mais acessíveis mas também em que as fronteiras se diluem e os movimentos migratórios se verificam cada vez mais.

Dentro deste contexto, a escola torna-se o espelho desta heterogeneidade cultural onde novos valores e novas respostas são necessários. Este livro veio, de alguma forma, incrementar novas ideias e dar novas perspectivas de como se pode fazer um trabalho diferente e diversificado na sala de aula.

Conceição Sousa  
Agrupamento Rio Azul

“Ciganos Aquém do Tejo”, uma forma de abordar o que se considera diferente, numa perspectiva de tornar visíveis as diferenças de uma cultura que teima em resistir e permanecer no seio de um Universo cada vez mais globalizado.

Amílcar Caetano  
EB1 JI de Setúbal

Considero que o presente livro é um instrumento utilíssimo às estratégias dirigidas a crianças ciganas na nossa escola. Baseadas na história, na vida, na fé, nas crenças, nos costumes e nas tradições orais ciganas, estas recolhas surgem como um manual adequado às necessidades e interesses de meninos diferentes que se sentem diferentes porque estudam em instituições alicerçadas e construídas sobre uma cultura que não é a sua.

Assim, parte-se da sua língua - o caló - falada na Península Ibérica, chega-se à sua língua mãe - o romanó - falada pelos ciganos da Europa Central, e iniciam-se actividades subordinadas aos mais variados temas, desde que atractivas para o grupo cigano.

A familiarização da população escolar com as vivências ciganas permite uma compreensão, e conseqüente inclusão, em vez da habitual exclusão. A partilha e troca de conhecimentos só pode enriquecer o indivíduo e, visto isso ser um dos principais objectivos da Educação Nacional, é de congratular quem se lança num projecto desta envergadura.

Yolanda Fraga  
EB1 nº2 de Arrentela

Relativamente ao documento “Ciganos Aquém do Tejo”, consideramos um óptimo documento de trabalho para alunos e para professores, na medida em que está elaborado de acordo com a cultura cigana, seus interesses e suas vivências.

Para além disso, é um documento informativo, organizado de forma agradável (pouco compacto), com actividades lúdicas que focam tradições, costumes e vivências do povo cigano. Este documento é susceptível de ser utilizado nos diferentes anos de escolaridade, obviamente, trabalho com dinâmicas diferentes.

Cristina Passos e Maria das Dores Marques  
EB1 nº12 de Setúbal

## *A propósito da Raposa e da Cegonha...*

Imaginemos a raposa personificando a Escola que 'convida' todas as crianças e jovens para o consumo da instrução e imaginemos a cegonha personificando a Criança das minorias culturais (e das já maiorias dominadas e excluídas socioeconomicamente). É fácil, por analogia, ver a disfunção da Escola. É gritante a falta de diálogo intercultural que existe entre a cultura escolar – a da normalização - e a(s) cultura(s) dos seus diversos públicos. Será que seremos suficientemente sensíveis e inteligentes para saber oferecer em outro tipo de recipientes (continentes) outro tipo de alimentos (conteúdos) para que todos tenham, efectivamente, acesso à instrução e à educação a que têm direito? Espera-se, com este documento, contribuir para esse desafio...

Quis a raposa matreira,  
Que excede a todas na ronha,  
Lá por piques de outro tempo,  
Pregar um ópio à cegonha.

Topando-lhe, lhe diz: "Comadre,  
Tenho amanhã belas migas,  
E eu nada como com gosto  
Sem convidar as amigas.

De lá ir jantar comigo  
Quero que tenha a bondade;  
Vá em jejum, porque pode  
Tirar-lhe o almoço à vontade."

Agradeceu-lhe a cegonha  
Uma ofrenda tão singela.  
E contava que teria  
Uma grande fartadela.

Ao sítio apazado foi,  
Era meio-dia em ponto,  
E com efeito a raposa  
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas num lajedo  
Pôs as migas do jantar,  
E à cegonha diz: "Comadre,  
Aqui as tenho a esfriar.

Creio que são muito boas -  
Sans façon - vamos a elas."  
Eis logo chupa metade  
Nas primeiras lambedelas.

No longo bico a cegonha  
Nada podia apanhar;  
E a raposa, em ar de mofa,  
Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome,  
Não disse nada a cegonha;  
Mas logo jurou vingar-se  
Daquela pouca-vergonha.

E afectando ser-lhe grata,  
Disse: "Comadre, eu a instigo  
A dar-me o gosto amanhã  
De ir também jantar comigo."

A raposa lambisqueira  
Na cegonha se fiou,  
E ao convite, às horas dadas,  
No outro dia não faltou.

Uma botija com papas  
Pronta a cegonha lhe tinha.  
E diz-lhe: "Sem cerimónia,  
A elas, comadre minha."

Já pelo estreito gargalo  
Comendo, o bico metia;  
E a esperta só lambiscava  
O que à cegonha caía.

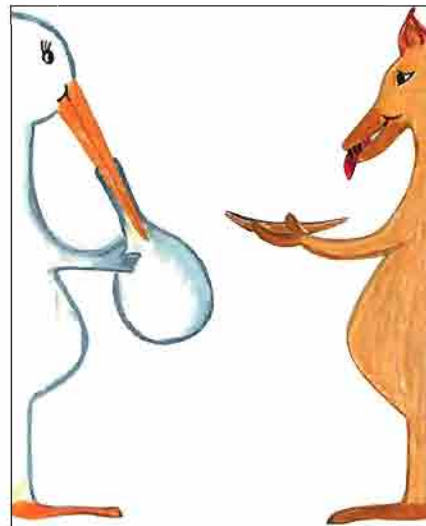
Ela, depois de estar farta,  
Lhe disse: "Prezada amiga,  
Dêmos mil graças ao Céu  
Por nos encher a barriga."

A raposa, conhecendo  
A vingança da cegonha,  
Safou-se de orelha baixa,  
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,  
Aprendeis esta lição:  
Tramas com tramas se pagam,  
Que é pena de Talião.

Se quase sempre os que iludem  
Sem que os iludam não passam,  
**Nunca ninguém faça aos outros  
O que não quer que lhe façam.**

*Traduzido por Curvo Semedo  
Fábulas de La Fontaine, Porto, 1996  
Moderna Editorial Livros.*





# 1ª Viagem

***...através da História e outras histórias***

Nesta viagem vamos descobrir um pouco donde provem o povo cigano...

- Através da História
- e de outras histórias





### **Nota introdutória**

Sabias que, em quase todos os livros, há uma introdução? Pois é! Sejam eles grande ou pequenos, grossos ou finos, falem disto ou daquilo, quase todos os livros começam por aí. É na introdução que se faz a apresentação do tema, assim como do porquê da elaboração da obra.

Pois. Bem, este livro aparece como uma ajuda para compreenderes alguns assuntos de que a tua família, os teus professores e outras pessoas não te falam ou, falando, por vezes, não te explicam muito bem, ou ainda, que gostarias de ver mais aprofundados.

Vamos, tu, nós e todos os ciganos e “paílhos” (não ciganos) do Sul, Centro ou Norte do país que, connosco, quiserem seguir-nos nestas viagens (que são as várias partes do livro), levantar o véu sobre algumas questões, debruçarmo-nos sobre alguns conhecimentos e, sobretudo, divertirmo-nos aprendendo.

Vamos a isso?!

Não esperes que sejamos só nós a transmitir conhecimentos. Tu e os teus colegas terão de reflectir, discutir, procurar informação...Para isso, sobre todas as palavras que não compreenderes deverás, em pé de página, fazer os teus próprios apontamentos, realizar as tuas pesquisas.

Nós já seleccionámos algumas, mas tu, sem dúvida, encontrarás outras.

Pede a colaboração dos teus professores e socorre-te dos recursos que mais e melhor te possam ajudar.

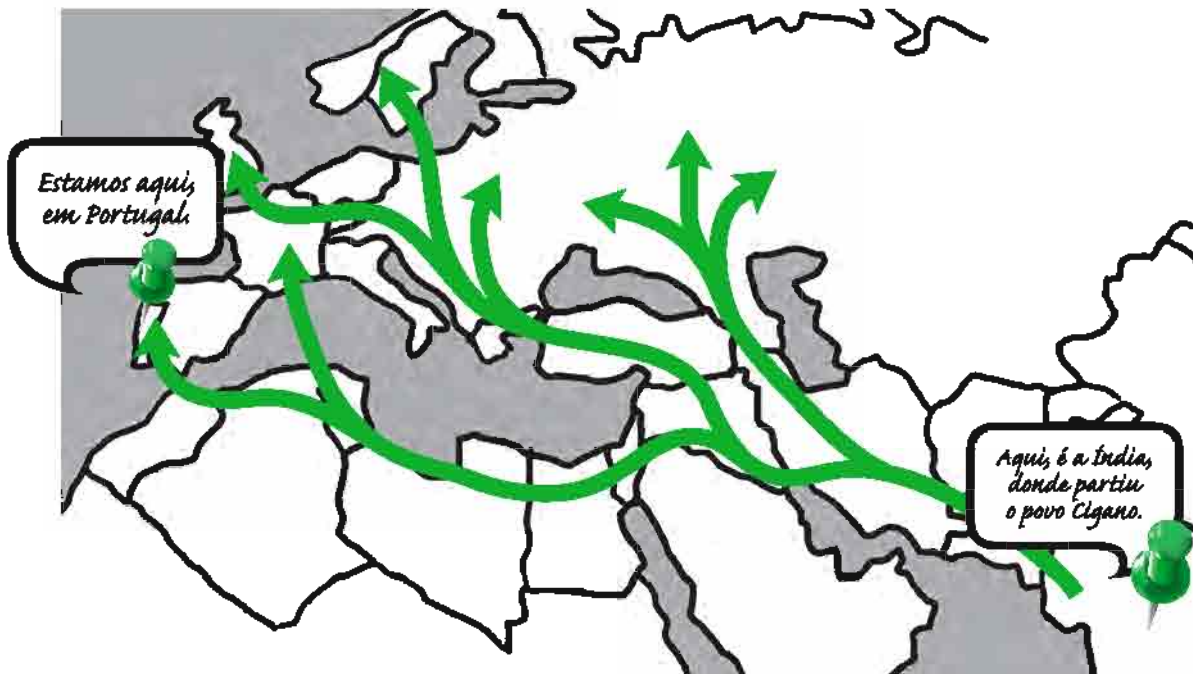
Neste trabalho, colaboraram os muitos professores e alunos que participaram no projecto Nómada desde 1995/96 até à data. A todos eles, que quiseram partilhar os seus saberes e descobertas, um grande OBRIGADO.

*...através da História*

### **Ciganos no Mundo**

Segundo o resultado das pesquisas dos historiadores<sup>3</sup> que sobre o povo Cigano se têm debruçado, este povo é oriundo da Índia e de lá terá iniciado as suas migrações<sup>4</sup> antes do ano 1000 d.C.<sup>5</sup>

Para te situares melhor, analisa este mapa, depois de elaborares a sua legenda, assinalando os países por onde passou o povo Cigano.



### *Apontamentos*

.....

.....

.....

.....

3. Historiadores são pessoas que se dedicam ao estudo da História, ciência.....

4. Migrações são .....

5. d.C. quer dizer "depois de Cristo".







Ainda de acordo com a historiadora atrás referida, o contributo do povo Cigano “(...) para a História do país passa, entre muitos episódios, por terem participado nas colonizações como povoadores (a cumprir degredo<sup>14</sup> e por livre iniciativa) ou por terem combatido, à sua custa, ao lado do Rei D. João IV, durante a Guerra da Restauração”<sup>15</sup>.

Se tivermos em consideração não só o passado como também o presente, poderemos reflectir nas trocas comerciais estabelecidas com este povo durante as suas deslocações de aldeia em aldeia, de vila em vila, de cidade em cidade... no prazer da audição das suas músicas, das suas danças, da alegria e unidade familiar...

**Proposta de trabalho:**

Elabora com os teus colegas uma lista de profissões e tarefas desempenhadas pelos grupos ciganos e que se reflectem no bem comum.

*Apontamentos*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

14. Degredo é .....  
15. *id. ibid.* pág. 39



...e de outras histórias

## *A Lenda da Origem do Mundo*<sup>16</sup>

Havia um tempo em que era tudo água e estavam juntos, num barco, Debel<sup>17</sup> e o Dengue<sup>18</sup>. Então Debel disse ao Dengue:

- O que é que você acha se fizermos a terra?
- Está certo, diz o Dengue.
- Vá você ao fundo do mar buscar areia.

E lá ia o Dengue buscar areia mas esta não ficava em suas mãos, o que o deixava irado com Debel que, ao perceber isto, disse-lhe:

- Dê-me a areia que você tem nas unhas.

Com essa areia, foi fazendo a terra. Por causa de todo esse esforço, ficou cansado e adormeceu.

Revoltado com tamanho poder, o Dengue, que era muito mau e invejoso, tentou afogar o Debel, puxando-o pelas pernas até levá-lo à água. Só que, quanto mais ele puxava, mais aumentava a terra debaixo dele.

Quando percebeu isto, o Dengue começou a saltar, irritado, e com isto, foram feitas as montanhas, os rios e os lagos.

Nesse momento, descansado, Debel despertou e disse-lhe:

- Que coisa mais bonita você faz, agora eu vou fazer outras coisas.

E fez árvores frutíferas, os animais e as pessoas.

Olhando deslumbrado tudo isto, o Dengue perguntou ao Debel:

- Porque não fazemos uma aposta para saber quem vai ficar com a parte de cima e quem vai ficar com a de baixo?

Só que, é claro, o Dengue trapaceou, usando uma moeda falsa e "ganhou".

Debel falou-lhe:

- Já que você ganhou, escolha a parte que quiser.
- Eu quero a de cima!

Então Debel partiu.

O Dengue, como era muito preguiçoso, não trabalhava, não fazia nada e comia as frutas e todas as comidas das pessoas. Até que chegou um momento em que não havia mais o que comer.

E ele chorava, chorava e chamava por Debel. E as pessoas também choravam, desesperadas.

Veio Debel e falou ao Dengue:

- O que é que você quer?
- Tenho fome, todo o mundo aqui tem fome.
- Está certo, vou resolver isto.

E fez novos animais, novas árvores frutíferas em grande quantidade que alimentassem a todos.

16. in Cristina Pereira (1991), *Lendas e Histórias Ciganas*, Rio de Janeiro: Editora Imago, pp.81-83.

Uma lenda é .....

17. Debel é "Deus" em romanó

18. Dengue é o "Demónio/Diabo" em romanó

O Dengue disse ao Debel:

- Façamos outra aposta.

- Não, nada mais de apostas! Você fez trapaça, eu sei.

E mandou o Dengue para baixo.

A partir desse dia, Debel ficou a viver com as pessoas e cuidava muito bem delas. Todas eram felizes.

Mas um dia, ele teve de partir e disse aos homens que aonde ele iria eles não poderiam ir. E foi para o céu, onde está até agora.

Mas todos sentiram uma enorme saudade de Debel e começaram a fazer montanhas e torres para chegar até ele. E trabalhavam, trabalhavam, trabalhavam.

Até que Debel percebeu isto, aborreceu-se muito e falou com as pessoas:

- Eu disse a vocês para não virem atrás de mim e vocês não me quiseram escutar.

Por isso Debel confundiu as suas línguas e então, quando um pedia um prego, o outro dava-lhe um martelo; quando um pedia um parafuso, recebia um pedaço de madeira e assim não puderam fazer o trabalho para chegar até Debel.

Dessa maneira criou-se o mundo e, por causa disso, todos falamos línguas diferentes: romanó<sup>19</sup>, castelhano, português, inglês, etc..

## *Apontamentos*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

19. Romanó é a língua dos ciganos que tem diversos dialectos e o falado na Península Ibérica é denominado caló (quer dizer "preto").





## *Lenda da Origem dos Ciganos* <sup>20</sup>

Num país onde o Sol aparecia por detrás de uma obscura montanha, havia uma cidade enorme e fantástica, cheia de cavalos.

Há muitos séculos atrás, todos os povos da Terra viajavam para esta tal cidade, a cavalo ou a pé, porque todos lá eram sempre muito bem recebidos.

Entre aqueles viajantes, encontravam-se algumas das nossas tribos ciganas que foram muito bem acolhidas pelo soberano da cidade, que ficou admirado de ver cavalos tão bem cuidados e propôs aos ciganos que ficassem em suas terras.

Nossos mulós<sup>21</sup> aceitaram a proposta e colocaram as suas tendas naqueles campos férteis. Aí viveram durante muito tempo olhando agradecidos a tenda azul dos céus.

Mas o ananke<sup>22</sup> ou os espíritos do mal não aceitavam a felicidade do povo cigano e num triste dia chegaram os jutsi<sup>23</sup>, soldados a cavalo que atearam yéqui<sup>24</sup> às tendas e, além de matar os homens, levaram as mulheres e as churumbeles<sup>25</sup> como escravas.

Sem dúvida, muitos ciganos escaparam da matança, mas desde essa época, não se atrevem a permanecer muito tempo no mesmo lugar.

**Nota:** Segundo o autor desta lenda, António Martínez, cigano Andaluz e advogado, as pesquisas linguísticas e os antropólogos defendem que “esse país” a que a lenda se refere parece ser a misteriosa Índia. E a tal cidade “enorme e fantástica” pode ser Mohenjo, no Norte da Índia, na actual região do Punjab.

Assim, o povo Rom<sup>26</sup> teria começado a sua vida nómada dentro do solo industânico, como uma fuga à submissão humilhante e como única forma de preservar as tradições e o mais importante de tudo: a Liberdade.

20. In Cristina Pereira (1991), *lendas e Histórias Ciganas*, Rio de Janeiro: Editora Imago. Pp.141-143

21. mulós são os mortos, ou melhor, o espírito do morto.

22. Ananke é destino

23. Jutsi é soldado cavaleiro

24. yequi é fogo/lume

25. churumbeles é crianças

26. Rom é um dos grupos ciganos espalhados pela Europa e pelo Mundo. Há outros grupos como os Sinti ou Manouche e os Kalé (que passaram a ser conhecidos como Gitanos). Estes últimos são os que vivem na Península Ibérica, no sul de França, na Grécia e na Finlândia, mas também no Brasil e em outros países da América. Porém, quando falam de si chamam-se Povo Rom.

## *Lenda da Origem dos Ciganos*<sup>27</sup>

Os ciganos moravam há muitos e muitos anos atrás na Índia e não se sabe por que ganharam terras no Egipto, na Síria e na Turquia. Foram então para lá. Passados alguns anos, os homens dos países resolveram unir-se e tomar as terras dos ciganos, também não se sabe porquê.

Como eles eram muitos e estavam todos unidos contra os ciganos, invadiram as terras e o chefe lá deles, que era um ditador - coisa de que cigano que se preza não gosta -, ordenou aos ciganos:

- Vocês têm duas possibilidades: ou entregam as terras para nós ou morrem com as suas mulheres e filhos.

Com medo de que massacrassem as suas crianças e suas mulheres, os ciganos não tiveram outro jeito se não ir embora.

Mas, desde aquela época tão antiga, já havia as tribos divididas. Então, os *macwai* saíram por um lado, os *kalderash* por outro, os *xoraxané* por outro, e assim por diante todos os grupos ciganos, cada um com uma ideia de lugar ideal na cabeça.

Mas sabe-se que todos somos ciganos, porque falamos uma só língua - o *romanó*. E a nossa língua é nossa pátria.

## *O Rei dos Ciganos*

Numa época muito, muito antiga, havia um faraó que estava perseguindo Moisés quando este saiu chefiando todo aquele povo.

Esse faraó é que foi escolhido para ser o rei dos ciganos e fazer uma pátria só para o nosso povo.

Nas lutas com Moisés, o Mar Vermelho abriu e esse faraó morreu.

É por isso que o cigano não tem pátria, nem rei, nem presidente. Cada um manda em si, pois se o que era para mandar em todos nós morreu quando o mar se abriu, não queremos mais nenhum rei, nenhuma terra, nenhum presidente. Também por isso alguns nos chamam de faraonos.

Achamos que o melhor mesmo para nós é caminhar pelo mundo, respeitando as nossas leis que são muito antigas, Deus e Jesus, que também era um andarilho.

27. Estas duas histórias foram retiradas de Cristina Pereira (1991), *Lendas e Histórias Ciganas*, de Rio de Janeiro: Imago. 1991.p.60 e p.104.



## *O Mito da Origem*<sup>28</sup>

Deus criou três bonecos: um homem demasiado cozido (um negro), um homem insuficientemente cozido (um branco) e um homem cozido como deve ser (um cigano). Deus ofereceu várias coisas às suas três criaturas. O branco escolheu a charrua, o negro o arco e a flecha e o Rom bebeu uma grande taça de álcool e embebedou-se. O antepassado tinha escolhido a liberdade.

## *O Mito da Errância*<sup>29</sup>

Uma vez, os Ciganos, vá-se lá saber porquê (talvez por causa dos efeitos mágicos da sua arte sobre os espectadores ou devido ao seu carácter de eternos insubmissos) fizeram zangar Deus, o qual fez soprar um vento tão forte que os homens, os cavalos e as carroças ficaram dispersos. Quando a tempestade amainou, os homens olharam em volta e nem queriam acreditar no que os seus olhos viam: estavam em lugares e entre gente desconhecida e, em seu redor, ninguém sabia onde era o seu país, nem sequer se este jamais havia existido.

## *Apontamentos*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

28. Luc de Heuch, *À la découverte des tsiganes*.

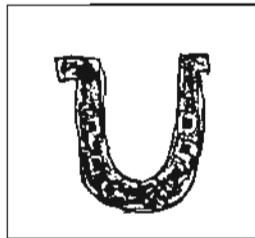
29. In Elisa Costa, (1997), *O Povo Cigano em Portugal, da História à Escola*, (traduzido a partir do dossier do *Courrier de l'Unesco* de 1984), p.10.

Um mito é .....

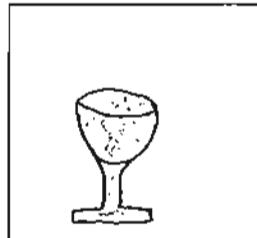




## O Horóscopo<sup>32</sup> Cigano<sup>33</sup>



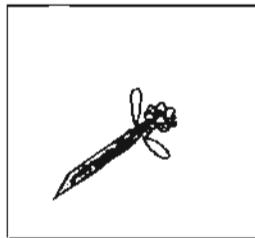
Ferradura  
22/12 a 20/01



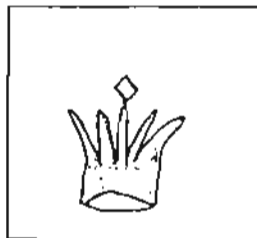
Taça  
21/01 a 19/02



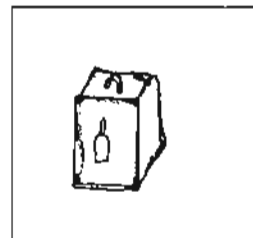
Capela  
20/02 a 20/03



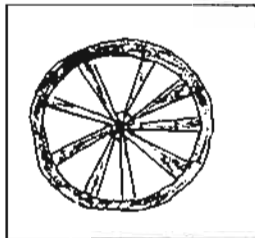
Punhal  
21/03 a 20/04



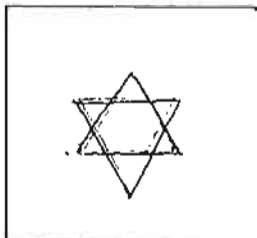
Coroa  
21/04 a 20/05



Velas  
21/05 a 20/06



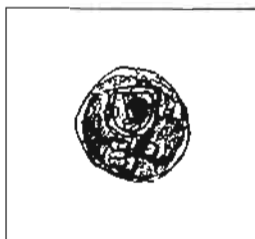
Roda  
21/06 a 21/07



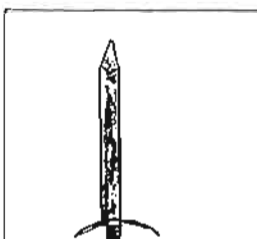
Estrela  
22/07 a 22/08



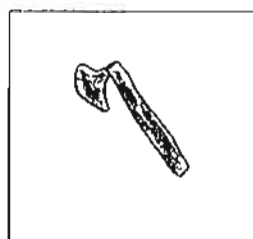
Sino  
23/08 a 22/09



Moeda  
23/09 a 22/10



Caneta  
23/10 a 21/11



Chacoalho  
22/11 a 21/12

32. O que é um Horóscopo?.....

33. Pesquisado na Internet pela Turma do 5ºA da EBM nº744 de Ameixial (Algarve). Esta turma também fez um dominó utilizando 7 símbolos da vida dos ciganos: o sol, uma carroça, um chapéu, um cão, um burro, uma tenda, uma fogueira.



## *2ª Viagem*

***...através dos Costumes***

Nesta viagem, a partir da recolha realizada por outros colegas e respectivos professores, serão abordadas algumas características da cultura cigana. Nesta viagem serás tu e os teus colegas que mais irão intervir. Através de pistas de trabalho poderás partilhar o conhecimento baseado na tua própria vivência.

Nesta viagem podes encontrar:

- Trabalho e lazer
- Tempos livres e outros lazeres
- Datas festivas
- Os comeres da nossa gente
- Saúde e mezinhas
- Habitação
- Vestuário





## *Descrição da imagem*

Nesta imagem vemos uma carrinha com produtos para vender, duas carroças, um senhor que está a vender calças, duas senhoras a venderem camisolas, dois senhores a falarem e uma tenda.

Esta imagem pode situar-se numa aldeia. As vendedoras têm aventais para guardarem o dinheiro que recebem pelas vendas que fazem.

Esta imagem situa-se ao ar livre numa feira, praça ou mercado.

As vendedoras e os vendedores estão a apregoar.

Dentro da tenda está a roupa em cima da bancada.

Os dois senhores devem ser futuros compradores e, por aquilo que parece, são ciganos ou então alentejanos.

As tendas montam-se com os seguintes aparelhos: marretas, ferros, lonas, estacas, armações, panos, cavaletes, cordas, etc...

Nos mercados, feiras ou praças as pessoas costumam vender os seus produtos.

*Ana Filipa Silva & Emanuel Balão, EB1 nº8 (Pinheirinhos), 2002/2003*

## *Feiras, mercados e vendas em bancadas*

Em Beja, há grupos familiares ciganos que vendem roupas e calçado e outros que se dedicam à venda de muares (cavalos, mulas e burros) nas feiras e mercados quinzenais. Quer uns quer outros, recorrem a trabalhos sazonais nas campanhas de apanha de azeitona, de tomate e nas vindimas para melhoria do rendimento familiar.

Por exemplo, os grupos familiares residentes na praceta António Gonçalves Correia (Beja) dedicam-se ao comércio de roupas e calçado, recorrendo aos trabalhos sazonais sempre que necessário.

Como é na tua comunidade?

.....

.....

.....

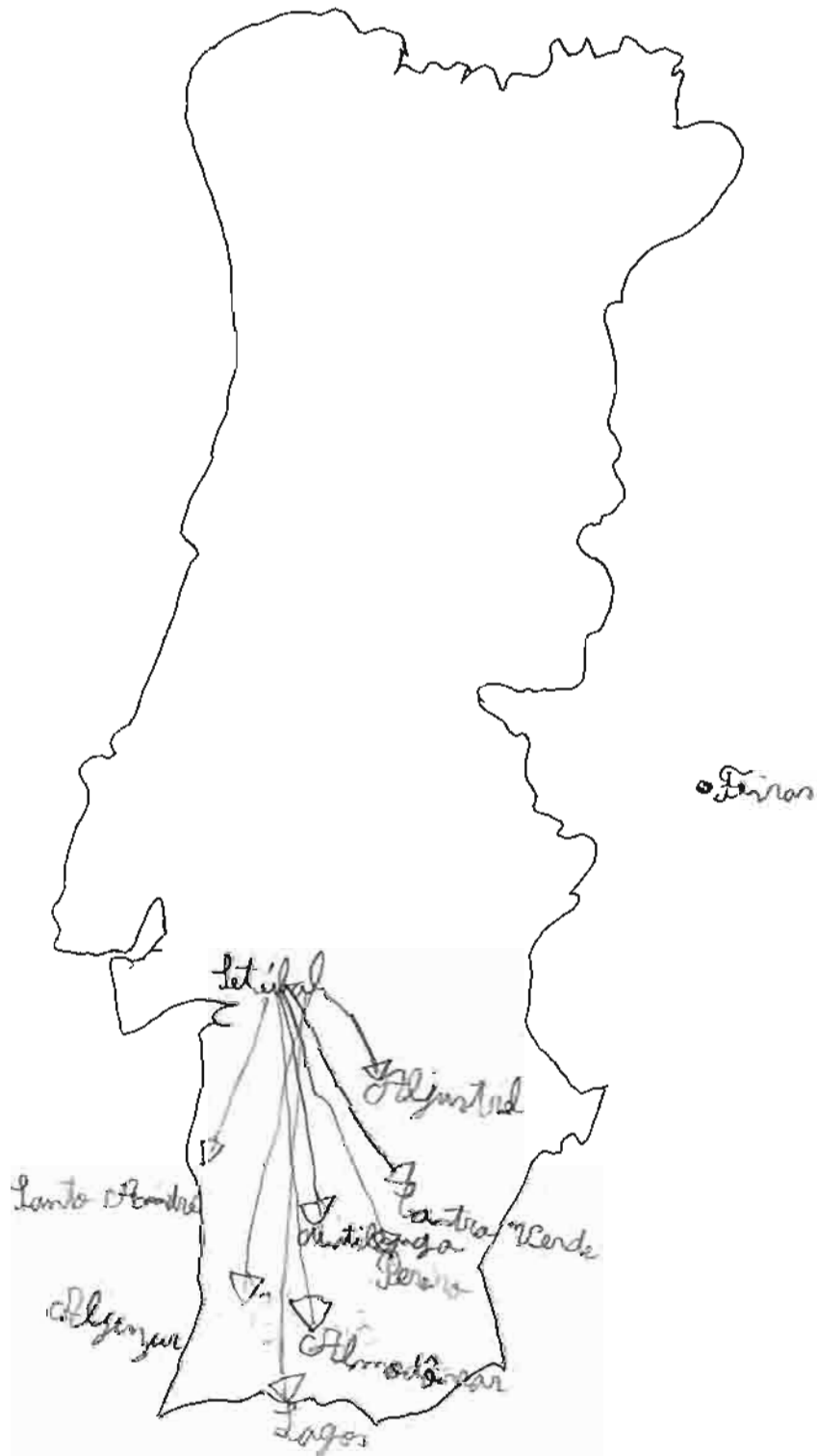
.....

Eu gosto muito de ir ao mercado. Vou para o mercado nos cavalos do meu pai. No mercado há pessoas a vender cavalos, roupa, relógios, rádios, carrinhos de choque, filhóses e outros doces, frutas e muitas mais coisas, mas o que mais gosto é de comer frango assado com batatas fritas e beber sumo de laranja e batatas doces.

*Manuel, EB1 de Serpa, 14/2/03*



## Mapa das Feiras



Emanuel Balão, EB1 nº8 (Pinheirinhos), 2002/2003

## Mapa dos Mercados



Emanuel Balão, EB1 n°8 (Pinheirinhos), 2002/2003



## **Datas Festivas**

### **Natal**

“Para o povo cigano o dia de Natal é o mais importante. É quando conseguimos juntar a família: se estou zangado com o meu irmão, fazemos as pazes. É bonito. Antigamente, num ajuntamento de 4 ou 5 barracas, nem todos tinham dinheiro para a nossa tradição. Na vossa tradição comem bacalhau e couves no Natal. Nós, fazemos o bacalhau com farinha e ovo e depois é frito. À parte, fazemos uma feijoada sem nada, a que chamamos o *guizo*. Leva só uns condimentozinhos. Nessa altura, como não havia dinheiro, quem tinha apercebia-se da tristeza (a tal perspicácia que nós temos). O cigano é orgulhoso, se não tem nada também não o diz, a não ser que haja muita confiança. Então, lá se apercebia e dava dinheiro para comprar o bacalhau e o feijão e quando tivesse dinheiro logo pagava.” (Raimundo Maia, Laranjeiro)

A festa de Natal dura entre 3 a 5 dias e a mesa é posta no chão. Na consoada não se come carne. Estas só podem ser comidas a partir da meia noite do dia 24. O último dia, é o dia do rapa, dia em que se deve comer todos os restos de comida.

A gastronomia, nesta época, é muito variada e varia de zona para zona. Os pratos mais usuais são:

- Feijão de azeite (o chamado guizo) com bacalhau frito polvilhado com coentros;
- Grão com massa, galinha, toucinho e linguiça;
- Cabidela de galinha;
- Couve-flor com bacalhau;
- Arroz de marisco;
- Lombo frito com cebola
- Pestins (fritos de Natal)

**Nota:** Durante o dia há sempre petiscos com marisco para os homens. Também há distribuição de prendas mas são apenas os mais velhos que oferecem aos mais novos (filhos e netos).



## *Receita dos Pestins no Natal Cigano*

### **Ingredientes**

Para 1 quilo de farinha  
2,5 dl de azeite  
2,5 dl de água com erva doce e sal  
75 gr. de banha  
óleo para fritar  
açúcar e canela para enfeitar no final

Põe-se a farinha de trigo, sem fermento, num alguidar de barro. Faz-se um montinho com a farinha com uma abertura no meio, no qual se deita sumo de laranja (para um quilo de farinha, põe-se sumo de três laranjas), uma dúzia de gemas de ovo, uma terça parte de um pacotinho (do mais pequenos) de canela. Dá-se-lhe a volta com as mãos. Depois de bem dada a volta, começa-se a esfregar a farinha das mãos, esfarelado-a entre as mãos. Faz-se isto durante uma hora. É a melhor maneira da massa ficar tenrinha. Depois, tapa-se com um paninho. Entretanto, coloca-se ao lume, em três tachos diferentes, 2,5 dl de azeite, 75 gr. banha de porco e 2,5 dl de água com erva doce e sal. Quando estiver tudo a ferver, (deve-se deixar em lume brando para ficar sempre a ferver), deita-se um bocadinho de azeite e dá-se a volta à massa (com uma colher de pau para não se queimar); deita-se um bocadinho de banha e dá-se a volta; deita-se um bocadinho de água e dá-se a volta. Deixa-se amornar (para não se queimar) começa-se a amassar com as mãos como se faz o pão. Coloca-se um cálice de água ardente. Torna-se a amassar; deita-se mais um bocadinho de azeite, torna-se a amassar; deita-se mais um bocadinho de banha, torna-se a amassar; deita-se mais um bocadinho de água, torna-se a amassar. Quando a massa já der para tender é porque já está boa. Tende-se com o rolo da massa e cortam-se aos losangos. Depois põe-se o óleo a ferver e vai-se deitando lá para dentro os pestins. Quando estiverem bem fritinhos retiram-se e colocam-se num alguidar às camadas com açúcar com canela.

*(Olga Mariano, AMUCIP)*

## *Ano Novo*

A festa de Ano Novo dura 2 dias.

À meia-noite (de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro) levantam-se todos da mesa e é distribuído champanhe e fazem-se brindes. Canta-se e dança-se muito nesta festa.

A mesa fica posta para o dia seguinte, com várias iguarias preparadas.

## *Dia dos Reis*

“Cantamos canções do Balala”.

Comem-se romãs, amêndoas, passas, bolo-rei e bebem-se bebidas.

## *Casamento*

Os casamentos duram 4/5 dias. Às vezes podem durar apenas 3 dias.

Segundo um testemunho cigano:

“O meu casamento durou 3 dias. Durante esses dias vesti 38 vestidos e mais o vestido de noiva. Levei no enxoval 170 lençóis, muita loiça e cobertores. O meu marido levou mantas e roupa de vestir.

Casei com 13 anos e podia “dar cabaças” (podia rejeitar o noivo). Acho que casei nova demais. Queria brincar.

A cerimónia foi à noite, dentro de uma barraca. Vestimo-nos de noivos e quem nos casou foi uma cigana velha.”

“Quem não casa virgem não tem honra.” (Sobre o ritual do “pañuelo” esta informante manifestou desagrado por essa forma de agir). Afirmou ainda que a noiva só dorme com o noivo 2, 3 ou 4 dias após o ritual do casamento.

A mesa dos padrinhos é a que está mais composta. No casamento desta cigana sobre a mesa estava:

- o bolo de noiva
- leitões
- 9 ou 10 borregos
- 9 ou 10 porcos

Havia cerca de 300 pessoas convidadas

Normalmente não se aceita o casamento entre ciganos e não ciganos. Se isso acontecer só 1 a 2 anos depois é que se começa a notar uma aproximação entre as famílias.





## *Carnaval*

Os miúdos mascaram-se e vamos à batalha das flores (Loulé e Sines, normalmente).

## *Páscoa*

“Vamos para o campo e dormimos lá. Os homens embriagam-se. Comemos borrego com ervilhas e batatas. A gente bebe sumos” (referia-se às mulheres).

## *Santos Populares*

“Vamos para os mastros e dançamos muito”.

“A nossa festa era o São João. Íamos bem vestidos, para o Jardim Zoológico, íamos almoçar ou jantar à Feira Popular e estava o São João passado. Íamos para o sítio onde vivíamos e há bailarico. E a nossa vida era esta. Hoje perdeu-se isso tudo.” (Raimundo Maia, Laranjeiro).

Esta data – dia de São João – foi, posteriormente, adoptada como sendo o Dia Nacional do Cigano.

### **Proposta de trabalho:**

Consulta o calendário deste ano e regista as datas e a razão porque se comemoram certos acontecimentos:

	Dia	Mês	Acontecimento que se comemora
Natal			
Ano Novo			
Dia de Reis			
Carnaval (ou Entrudo)			
Páscoa			
Santos Populares			

## *Trabalho sobre o Calendário*

<b>D</b>	<b>S</b>	<b>T</b>	<b>Q</b>	<b>Q</b>	<b>S</b>	<b>S</b>
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Numa 1ª parte, trabalha-se a oralidade:

Utilidade do calendário;

Explicar como está organizado o mesmo;

Experiências de leitura do calendário (quadro de dupla entrada).

Numa 2ª parte, trabalha-se a oralidade/expressão escrita:

Marcar o dia do mês em que se está e identificar o dia da semana;

Enumerar um dia e marcá-lo no calendário;

Marcar dias de festividade;

Trabalhar a noção de semana: hoje é dia 7, de hoje a uma semana que dia é?

Marcar no calendário. Representar na régua graduada o raciocínio feito.

Proceder de igual forma para: de hoje a 2 semanas; de hoje a 3 semanas.

Pode-se também trabalhar regularidade: cruzar 2 dias de semanas diferentes. Efectuar a sua soma. Comentar os resultados obtidos; representar na régua graduada.

*(Ensino Recorrente da Bela Vista, 2002/2003)*



Não há verdadeira festa se não houver música, canções, danças.

**Proposta de trabalho:**

Pesquisa junto da tua família algumas canções que se cantam, tradicionalmente, nas datas atrás referidas, escreve o título da canção nesta ficha e elabora um caderno de canções.

No Natal	
No Ano Novo	
No Dia de Reis	
No Carnaval (ou Entrudo)	
Na Páscoa	
Nos Santos Populares	

## *Alguns dos nossos cantares*

Lua, lua,  
Obrigado lua,  
Pelos teus conselhos  
Como tu não há nenhuma  
Pela última noite  
És a minha loucura.

Estas meninas novas  
Só querem namorar  
Mal conhecem um homem  
Ó meu Deus  
Só querem é casar.

Ela é bonita por ser mulher  
Teus olhos lindos  
São da cor do mel  
Mas ela é tudo  
O que um homem quer.

Medo,  
Eu tenho medo dos meus irmãos  
Voltar ao mesmo, se morre o Pai  
Ó ciganinha, sabes que eu te quero  
Eu sei, eu sei, eu sei  
que tu gostas de mim.

Ó touro bravo de mariar  
Senhor e a espada que vai matar  
Este homem que arrisca a sua vida  
E precisa dela com valentia  
Este homem que mata por seus filhos  
Sua vida chorando  
"O meu pai está morto".

Anda Soraia bonita do pai  
És uma estrela a brilhar no céu  
És para mim, para ti e para o pai.

Eu sou marinheiro,  
Capitão do mar,  
Eu sou marinheiro  
Só sei namorar.

*(Recolha de Carlos Serrano Rim, CAIC da Bela Vista, 2000/01)*



## *A Xano*

Caminhei sozinho pela rua  
Falei com as estrelas e com a lua,  
Sentei-me no bando da praça,  
Tentando esquecê-la,  
Adormeci e sonhei com ela,  
Seu guarda seja vagabundo,  
Que seja meu amigo do fundo,  
Não me bata,  
Não me prenda,  
Mas não me deixe ficar sem ela.

*(Liliana, EB1 nº2 de Vale Figueira, 2002/2003)*

## *Davinelso* (canto religioso)

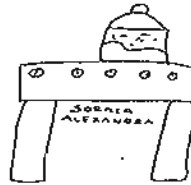
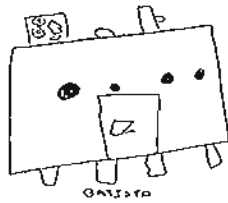
Se me deixas só tudo está perdido  
Se me deixas só fico sem alegria  
Se me deixas só sou um homem sem vida  
Porque a tua promessa vais realizar na minha vida.

O mundo está perdido com vaidade  
Se não tiveres Cristo na tua vida  
Nunca nos deixes sós nem por um momento  
Nos dá alegria, paz na nossa vida em todo o tempo.

Não quero pensar outra vez de novo  
Sem o teu amor não tenho consolo  
Sei que vai sarar as minhas feridas  
E estar no teu altar e vencer todo o medo.

*(Cristiana, EB1 nº2 de Vale Figueira, 2002/2003)*

**Os comeres da nossa gente...**



Sobre alimentação retivemos alguns “dizeres”:

“A refeição mais importante do dia é o jantar. Os homens esperam sentados à volta da fogueira enquanto as mulheres preparam a refeição”. (...) “Depois da refeição preparada, as mulheres servem os homens e as crianças. Antes de começarem a comer, o ancião abençoa a refeição.”

*(IV Oficinas Regionais do Projecto Nómada, Setúbal)*

E na tua família, como é?

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----



## *Relatamos algumas viagens Gastronómicas* <sup>34</sup>

### **Almoço de convívio**

---

#### **Barcon com realouras**<sup>35</sup>

---

##### **Ingredientes:**

*Barcon*, sal, cebolas, *danes*, louro, cravo de cabecinha, *anoz*, *lolé*, *mol*, *alâmpio*, *realouras*

##### **Preparação:**

Pranta-se a panela com *alâmpio* no *alhaque*. Ao *alâmpio* bem quente, na panela, pranta-se a *maçangri* de *barcon* bem lavada em 2 águas. Pranta-se o sal, os *danes*, a cebola picada ou às rodelas, o louro, o cravo de cabecinha, a *anoz*, *lolé* e *mol*.

Depois da *maçangri* do *barcon* estar quase cozido prantam-se as *realouras*.

---

No final do almoço, foi feito o café na chocolateira, no *alhaque* e servido em tijelas de loiça. Foi lavada a loiça com “pop limão” e a loiça de alumínio areada com palha de aço, “pop limão” e vinagre.

(Recolhas feitas pela EB1 de Sobral da Adiça, em 1998/99)

### **Almoço Cigano**

No dia 11 de Abril de 1997, houve um almoço e havia muita comida, sopa à cigana, cozido à portuguesa, arroz doce e mousse de chocolate. Um grupo de Cabo-verde fez salgadinhos.

(Rute Camilo, Centro Comunitário do PIA II)

### **Um Almoço Cigano**

Fui convidada pela EB1 nº3 do Monte da Caparica para fazer um almoço à cigana, com mais duas ciganas.

Fomos logo de manhãzinha preparar tudo. Salgámos as carnes todas. O grão já estava de molho de um dia para o outro. Pusemos o grão a cozer com as chouriças, toucinho e farinheiras. Pusemos um pouco de azeite e três cebolas com cravinhos espetados e também um pouco de colorau. Depois de 30 minutos pusemos os frangos a cozer junto às outras coisas. Enquanto cozia, fomos partindo o pão caseiro às fatias e metemos nos cestos.

Quando as carnes cozeram, pusemos a massa grossa, retirámos as carnes da panela e cortámos tudo aos bocadinhos.

Depois de estar tudo pronto, vazámos a sopa e pusemos as carnes por cima e servimos às crianças. As pessoas adultas comiam as carnes no pão caseiro e comiam a sopa num prato fundo.

Todos os que comeram gostaram muito.

(Selma Camilo, Ensino Recorrente de Almada no Centro Comunitário PIA II)

34. Gastronomia é .....

35. Completa o glosário caló: Barcon = ovelha; Balichon = porco; random = feijão; alâmpio = azeite; alhaque = lume; realouras = batatas; cõli = couve; alumia = azeite; danes = alho; maçengro = borrego; lila = peru; banhi = galinha; manron = pão; lolé = .....; curpicho = .....; uelo = .....

### No Natal

#### Dia 24 à noite (consoada)

Numa sertã, pranta-se o *random* já cozido, o *alâmpio*, a cebola, um bocadinho de bacalhau (já demolhado), o cravo cabecinha, a *lolé preta*, o colorau, o louro. Vai ao *alhaque* a cozer o resto dos temperos.

#### Dia 25

##### Almoço

*Realouras* cozidas com *côli* e caras de bacalhau. Pranta-se-lhes o vinagre, *alumia*, cebola e danes.

##### Jantar

Canja de *lila*. Coze-se o *lila* com os temperos (louro, cebola, *danes*, *lolé* e *alumia*).

### No Casamento

#### 1º Dia

*Macengro*:

*Barcon* estufado

*Uelô* assado

*Banhi* assada

Cozido de *côli*

#### 2º Dia

Mesa de Bolos dos Padrinhos

Bolo da Noiva com quatro andares (ao centro da mesa)

Bolo em forma de viola

Bolo em forma de porco

Bolos miúdos

(estes bolos são todos de compra)

*Se todos estão na via de Deus (Culto Evangélico de Filadélfia)*

*não se apresenta vinho, só sumos.*

*Não há mentira, nem roubo, nem maldade....*

#### Canja de peru - *lila*

Coze-se o peru, tira-se o peru e depois coze-se o arroz

#### Leitão - *barcon*

Aberto e limpo, coze-se com água e sal. Unta-se com azeite, margarina, alho às rodela fininhas e piri-piri. Vai ao forno para ganhar cor.

#### Frango assado - *banhi*

Assa-se em cru, untado com alho, colorau com manteiga e sal.

#### Cozido de couve - *coli*

Ossos de porco (espinhaço), sal, azeitem, alho, cebola, colorau, couve, cenoura, batata e 2 caldos de carne.

A couve, a cenoura e a batata são migadas miudinhas.

(Recolhas feitas pela EB1 de Sobral da Adiça, em 1998/99)





## *Petiscos Ciganos de A a Z*

## *Bolos*

### **Bolo cigano de batatas**

---

**Ingredientes:**

250 gr. de açúcar  
farinha  
125 gr. de batata  
6 gemas  
2 claras  
raspas de 1 limão  
fermento(2 colheres de chá)  
açúcar para polvilhar

Batem-se as gemas com o açúcar e a raspa de limão. Junta-se depois a polpa das batatas depois de cozidas. Envolva-se nas claras em castelo e deita-se a farinha aos poucos e o fermento. Vai ao forno com temperatura moderada, numa forma bem untada e polvilha-se com pão ralado. Depois de frio, polvilha-se com açúcar.

*(Recolhas da Associação Cigana de Coimbra)*

### **Pudim de baunilha**

---

**Ingredientes:**

1 pudim (pacote) flan  
1 litro de leite  
Rodelas de ananás  
*Chucri* a seu gosto

Coloca-se a panela ao lume com leite a ferver. À parte, numa tigela mexe-se o chucri com o pacote do pudim e um pouco de leite. De seguida, coloca-se o pudim ao leite já fervido. Deixa-se esfriar. Depois coloca-se rodelas de ananás e vai para o frigorífico. Passado horas desenforma-se e está pronto a ser servido.

*Chucri = açúcar*

*(EB1 nº2 de Vale Figueira, 2002/2003)*

### **As minhas receitas**

---

**Ingredientes:**



## *Carnes e Legumes*

### **Agrião com arroz**

Faz-se um refogado e deita-se bacalhau ou galinha. Deitam-se os agriões no refogado e deitam-se umas batatinhas. Quase no fim da cozedura deita-se um ovo para escalfar.

*(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)*

### **Alho porro**

Coze-se alho-porro às rodelas e depois escorre-se bem e frita-se. No fim batem-se ovos e mexe-se.

*(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)*

### **Alho porro com carne**

Frita-se primeiro a carne e depois frita-se o alho porro no molho da carne.

*(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)*

### **Arroz de funcho**

Apanha-se o funcho no campo, lava-se muito bem, mudando a água algumas vezes.

Faz-se um refogado com alho, cebola, tomate, azeite e sal, junta-se o funcho cortado aos bocadinhos, deixa-se refogar. Quando tudo estiver refogado deita-se água.

Em água abrindo fervura, deita-se o arroz. Deixa-se cozer durante 10 a 15 minutos.

*(EB1 de Moreanes, Mértola. 1999/2000)*

Coze-se a carne com cebola, pimentão, tomate e água. Quando a carne cozer põe-se o arroz e o funcho.

*(Pólo 3 de Serpa. 1998/99)*

### **Arroz de funcelo**

Refoga-se galinha com: cebola, tomate e água. Deita-se uma tigela de água para cozer no "suor faz de conta". No fim deita-se um pouco de Knorr de galinha e alhos. (Não se deita Knorr de vaca).

*(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)*

### **Cabrito à Páscoa**

#### **Ingredientes:**

1 cabrito limpo e magro  
*Quil*  
Sal  
Cebolas às rodelas  
2 kg de *realouras*  
1 embalagem de *môl* branco  
1 pacote de colorau  
*Danes*  
2 folhas de louro  
2 colheres de óleo bem cheias.

Pranta-se num tabuleiro o cabrito e unta-se com *quil* e com o preparado já feito com todos os ingredientes referidos. Acompanha-se com os dois quilos de *realouras* novas e rega-se com *môl* branco. Depois de provado o caldo do tempero, leva-se ao forno até ficar louro e estaladiço. É uma delícia, um festim.

*Realouras* = batatas; *Quil* = manteiga; *Môl* = vinho; *Danes* = alho; *Prantar* = deitar, colocar

(EB1 nº2 de Vale Figueira, 2002/2003)

#### **Favas com coentros**

Linguiça, toucinho, coentros, alho-porro, sal q.b. e água. Refoga-se o toucinho e dá-se-lhe duas voltas. Deitam-se umas pitadinhas de sal, uma pinguinha de água, coentros e uma folhinha de alho-porro ou do outro, (não se põe cebola). Depois, deitam-se as favas.

(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)

#### **Feijão com funcho**

Coze-se o feijão com cebolinha e sal. Quando estiver quase cozido acrescenta-se funcho e depois junta-se o arroz.

(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)

#### **Feijoada com funcho**

Lavam-se muito bem os talos do funcho e cozem-se. Tira-se o funcho e, na água, deitam-se umas pitadinhas de sal e um pouco de bacalhau de molho (se tiver...). Logo, em cozendo, põe-se o feijão cozido e o funcho com azeite puro.

(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)

#### **Feijão verde**

Coze-se o feijão verde, escorre-se e cobre-se de azeite e vinagre. Também se pode rachar uma cenourinha. (Para explicar o que é rachar, a informante disse: "Com licença, desculpe a palavra". E fez o gesto no braço).

(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)



## Feijão do Natal

### Ingredientes:

*Random*  
Cebolinhas  
*Jête*  
Coentros  
Louro  
*Danes*  
Colorau (meio pacote)

*Thav* tudo numa frigideira, fazendo um refogado com todos os ingredientes referidos. Após tudo já estar bem refogado, *thav* uma colher de vinagre e uma concha do caldo do *random* na frigideira. Após pronto, junta-se o resto da água do *random* e deixa-se apurar. Quando estiver pronto serve-se com salada de agrião e rabanetes. O prato é enfeitado com fruta: rodela de ananás e laranja.

*Random* = feijão; *Jête* = azeite;

*Danes* = alho; *thav* = pôr

(EB1 nº2 de Vale Figueira. 2002/2003)

### Funcho

Apanha-se uma mão cheia de funcho. Os espinhos de dentro é que dão o gosto. Partem-se aos bocadinhos e deita-se na água a ferver. Deita-se bacalhau e batatinhas.

(Animação de Rua do Bº da Esperança, Beja. 1999/2000)

### Grão com arroz

Coze-se o grão com linguiça e toucinho. Quando estiver quase cozido, juntam-se as acelgas e o arroz.

(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)

### Grão com galinha

Coze-se o grão com a galinha, retira-se a galinha e junta-se o arroz ou massa ao grão.

(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)

### Ouriço frito

Num grande lume, com a ajuda de um “alicate”, queimam-se os picos do ouriço. De seguida raspa-se, abre-se e lava-se muito bem toda a carne. Corta-se aos bocadinhos e tempera-se com cebola, alho, louro, sal e vinho branco. Deixa-se marinar durante algumas horas. Frita-se em azeite ou óleo.

(EB1 de Moreanes, Mértola. 1999/2000)

### **Ouriço frito**

Queimam-se os picos do ouriço, tira-se a pele. Abre-se o animal e retiram-se as entranhas. Depois do animal preparado, frita-se com cebola, pimentos e alhos.

*(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)*

### **Sopa de feijão**

Coze-se cenoura, nabo, cebola, feijão, azeite e colorau. Depois do feijão cozido, põe-se chouriço, toucinho e couve lombarda aos bocadinhos. Quando a couve estiver cozida põe-se um pouco de massa e sal.

*(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)*

### **Sopa à cigana**

A sopa à cigana é feita com água, azeite, um pouco de colorau, feijão, lombardo, cenoura e leva um nabo e uma cebola. Um pouco de massa e leva chouriço. Leva também toucinho e fica uma Sopa à Cigana.

O feijão leva uma hora a cozer mas leva tudo ao mesmo tempo: a cenoura, o nabo, a cebola, o azeite, água, o colorau e depois já o feijão estar cozido põe-se chouriço e um pouco de toucinho para dar o gosto à sopa de feijão. Depois de já estar cozido tira-se o toucinho e o chouriço e põe-se um pouco de água do feijão para pôr a couve partida aos bocadinhos para se pôr dentro e quando estiver a couve cozida põe-se um pouco de massa e sal.

Serve-se o toucinho e o chouriço aos bocados e põe-se na travessa.

*(Centro Comunitário PIA II)*

## **As minhas receitas de carne e legumes**

---

### **Ingredientes:**



## Peixe

### Bacalhau cigano

---

**Ingredientes:**

1/2 quilo de bacalhau  
4 pimentos verdes  
1 tomate  
Alhos picados  
Azeite  
Açúcar (2 colheres de chá)  
Farinha, óleo e pimenta q.b.

Limpa-se o bacalhau e corta-se em pedaços pequenos. Enxugam-se num pano, passam-se por farinha e fritam-se em óleo. Depois de fritos escorrem-se sobre papéis absorventes. Leva-se ao lume um tacho com os tomates, pimentos cortados em pedaços, alhos, azeite e o açúcar. Deixa-se cozinhar em lume brando. Depois de cozido, passa-se tudo pelo passe-vite, rectificam-se os temperos, juntam-se os fritos de bacalhau e vai novamente ao lume. Serve-se muito quente acompanhado de batatas fritas.

(cortesia da Associação Cigana de Coimbra)

### Bacalhau cigano

---

**Ingredientes:**

Bacalhau ao seu gosto (demolhado).  
Óleo  
Ovos

Depois do bacalhau já estar bem demolhado, seca-se bem com um pano. De seguida, *thav* a frigideira no *alhaque* com óleo a aquecer. À parte, bate-se os seis ovos. Depois do óleo estar bem quente, frita-se o bacalhau. Após a fritura, molha-se este no ovo e volta-se a fritar. Este é acompanhado com *random* verde.

*Thav* = pôr; *alhaque* = lume; *random* = feijão

(EB1 nº2 de Vale Figueira. 2002/2003)

### Feijão com bacalhau

Coze-se o feijão e quando estiver quase cozido, põe-se o bacalhau a cozer sobre o feijão. Frita-se a cebola que deve estar espetada com cravinhos, alho, louro e pimentão. Depois deita-se o refogado sobre o feijão.

(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)

## *Outros Petiscos Ciganos*

### **Caracóis com arroz**

Cozem-se os caracóis com poejos, alhos e sal. Vai ao lume e deixa-se ferver, depois acrescenta-se o arroz.

(EB1 nº2 de Olhão. 1997/98)

---

#### **Ingredientes:**

4 kg de berbigão  
3 cebolas  
2 *danes*  
louro  
salsa  
piripiri  
pimenta  
*alumia* de banha de porco  
1 copo de *mól* mal cheio e um copo de vinagre

Corta-se a cebola às rodelas finas para um tacho. Junta-se a banha, o *alumia*, a salsa, a pimenta, o piripiri, o louro e os *danes* picadinhos. Põe-se ao *alhaque*, deixando alourar a cebola sem fritar. Junta-se o *mól* branco e uma chávena de *panhi* de abrir o berbigão, deixando ferver em *alhaque* brando durante alguns minutos. Abrem-se os berbigões numa panela e aproveita-se a água para limpar e juntar a cebolada. No fim da cebolada pronta juntam-se os berbigões e não se deixa ferver. Cozem-se *realouras* com pele e cortam-se às rodelas grossas. Colocam-se numa travessa e cobrem-se com cebolada.

*Alhaque* = lume; *Alumia* = azeite; *Danes* = alho; *Panhi* = água; *Realouras* = batatas; *Mól* = vinho.

---

(EB1 nº2 de Vale Figueira. 2002/2003)

### **As minhas receitas de peixe e outros petiscos**

---

#### **Ingredientes:**





## *Saúde e Mexinhas*



Nome do chá: **Calafito**

Fins curativos: **infecções**

Como se faz? Põe-se água a ferver e mete-se o calafito que é uma erva que se apanha no campo. Serve para beber e também para lavar feridas e outras infecções.

Nome do chá: **Tília**

Fins curativos: **Nervos, boa disposição**

Como se faz? Coloca-se uma chaleira ao lume. Quando estiver a ferver junta-se folhas de tília seca. Deixa-se ferver e toma-se quente ou morno adoçando com açúcar.

Nome do chá: **Poejos e erva ursa**

Fins curativos: **constipações**

Como se faz? Põe-se uma cafeteira com água a ferver. Delta-se poejos e erva ursa seca e deixa-se ferver. Repousa um pouco e toma-se ainda quente adoçando de preferência com mel.

*(Recolha da BB1 de Corte Pinto, Mértola. 1999/2000)*



## Facadas e golpes

Para a cicatrização das feridas utiliza-se o bálsamo das folhas da pita. Os golpes menos profundos banham-se com chá de esteva.

(EB1 nº4 de Beja, 1997/98)

## Reumático

Os mais antigos usavam aguarrás para a fricção. Actualmente usam também o petróleo.

## Mordedura de cães

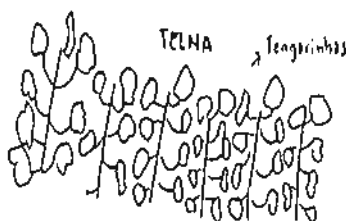
Trata-se com azeite.

## Diarreia



## Ingredientes

Tengarrinhas



## Preparação

Fervem-se as flores das tengarrinhas, que são amarelas, e dá-se a beber ao doente;  
ou  
Beldroegas com ovo cru esmigalhado embrulhado num pano e põe-se na barriga.

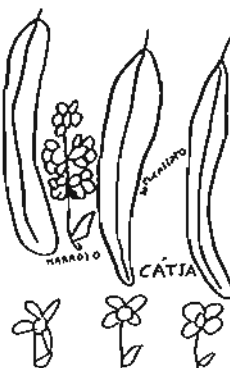


## Golpes



## Ingredientes

Marroio e folhas de Eucalipto



## Preparação

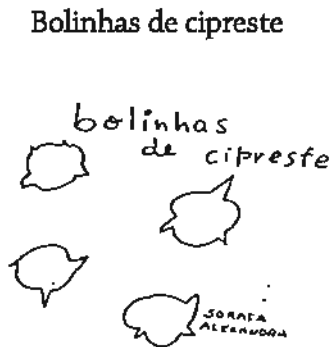
Faz-se uma solução com marroio e folhas de eucalipto.  
Vai a ferver e com a solução ainda quente dão-se banhos nas feridas.



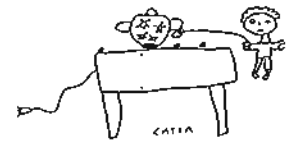
**Dor de dentes**

**Ingredientes**

**Preparação**



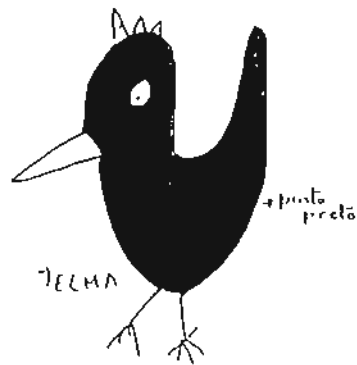
Fervem-se 5 ou 6 bolinhas de cipreste (ou erva cigana). Deixa-se esfriar e dão-se bochechos várias vezes. Esta solução pode guardar-se num frasco.



**Enterites**

**Ingredientes**

**Preparação**



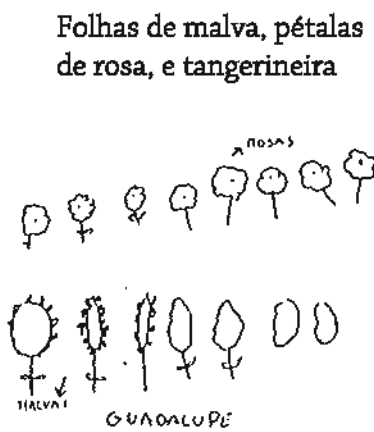
Compra-se um pinto preto e abre-se o mesmo pelas costas. Coloca-se o pinto aberto na barriga do bebé e aperta-se com um pano, durante 3 dias. À medida que o pinto seca, a dor abala.



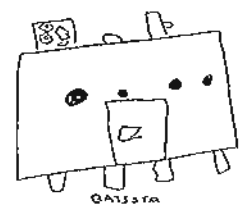
**Inflamação dos olhos**

**Ingredientes**

**Preparação**



Fervem-se 4 folhas de malva, 4 pétalas de rosa e tangerineira. Deixa-se arrefecer e lavam-se os olhos com essa água. O que sobre pode guardar-se num frasco.



(Recolha da EB1 nº7 de Beja, 1998/99)



### Tensão arterial

### Ingredientes

### Preparação



Folhas de oliveira



Para a subida de tensão, faz-se um chá com folhas de oliveira. Bebe-se várias vezes durante o dia.



(Recolha da EB1 nº7 de Beja, 1998/99)

### As mezinhas que eu conheço

### Ingredientes

### Preparação

### Ingredientes

### Preparação

**Habitação**

Da EB1 nº4 de Beja, retiramos este artigo num jornal escolar, no ano lectivo de 1999/2000.

**Onde vivem os ciganos?**

“Vivem praticamente isolados em habitações normais ou barracas. Deverão ser entre cinco a dez mil os ciganos fixados no Alentejo e destes cerca de mil não têm qualquer tipo de alojamento, vivendo precariamente nos arrebaldes das principais cidades e vilas alentejanas.

Os ciganos nómadas ou sedentários não rejeitam é o gosto pela viagem.

A maioria dos ciganos já tem casa, onde volta com regularidade.

O número de ciganos que vivem nas suas casas e que estão integrados na sociedade é já elevado.”

Concordas com o que foi dito? Na tua localidade é assim?

Pesquisa sobre este tema, recolhe artigos de revista e jornais, fotografias, textos escritos e orais...

O que encontrei sobre a habitação dos ciganos:

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----

-----



## **Vestuário**

### **Como se vestem os ciganos?**

“Vestem-se de maneira bizarra: os homens usam velhas roupas remendadas, com braceletes, anéis nas orelhas e botões de prata; as mulheres, então, envergam saias longuíssimas, de cores berrantes e velhos gibões, com colares, balangandãs titilantes e dourados, por vezes de ouro puro.”

*(EB1 nº4 de Beja, 1999/2000)*

Em Portugal será assim?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Por vezes, há formas estereotipadas<sup>36</sup> de ver a realidade que nos rodeia.  
Como achas que podemos combater esta forma de analisar e avaliar os outros?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

36. Estereótipo é .....

### Resultado da minha pesquisa sobre o vestuário

	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
<b>criança</b>		
<b>jovem (solteiro)</b>		
<b>adulto (casado)</b>		
<b>Em situação de luto criança</b>		
<b>jovem</b>		
<b>adulto</b>		





	Mulheres	Homens
Criança		
Jovem (solteiro)		
Adulto (casado)		
Em situação de luto criança		
Jovem		
Adulto		

(Emanuel Balão, EB1 nº8, Pinheirinhos. 2002/2003)

## *Ida à loja*



A Vitória é uma menina solteira e muito vaidosa: um dia foi a uma loja e comprou estas peças de vestuário.

De quantas maneiras diferentes se poderá vestir a Vitória?

*(Ensino Recorrente da Bela Vista, 2002/2003)*



## *3ª Viagem*

***...através da escola e da brincadeira***

Nesta parte também procedemos à selecção de alguns textos elaborados por professores, educadores e alunos...

São propostas de trabalho, fichas de informação que, sem dúvida, te ajudarão a melhor compreender algumas questões.

Aqui poderás encontrar:

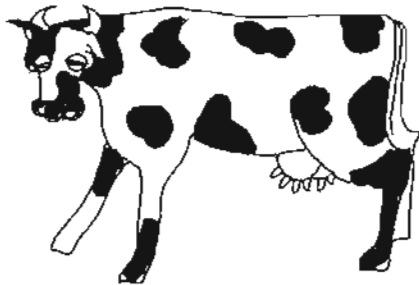
- Brincadeiras com palavras
- Brincadeiras com números
- Adivinhas
- Jogos
- Provérbios
- Anedotas



### **Brincadeiras com palavras**

Tens dois minutos para encontrar os nomes dos animais neste conjunto de letras

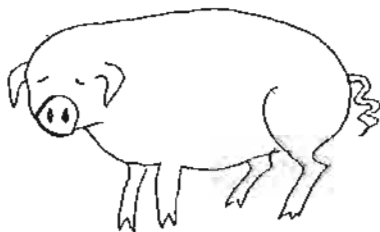
**a e i g u**  
**b c e a b**  
**p ã e l a**  
**h o t o c**  
**m a c o a**  
**i i e n v**  
**p o r c o**



*vaca / gurui*



*galo / banhi*



*porco / balichon*



*cão / ingrel ou chuquel*



Ficha de Trabalho  
Pré - Escolar

Pais CIGANOS



• Descubre o caminho  
para esta menina cigana  
chegar aos pais.



Menina  
CIGANA

(Jardim de Infância de Serpa, 2002/2003)



## O Jogo das Famílias

### Regras do Jogo:

São 7 famílias com 6 elementos cada: avô, avó, pai, mãe, filho e filha.

As 7 famílias podem ser: a dos artesãos, a dos circenses, a dos feirantes, a dos tendeiros, a dos ciganos, a dos cabo-verdianos, a dos "pailhos" (não ciganos).

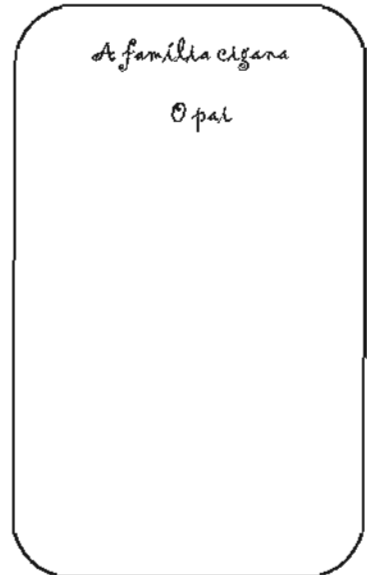
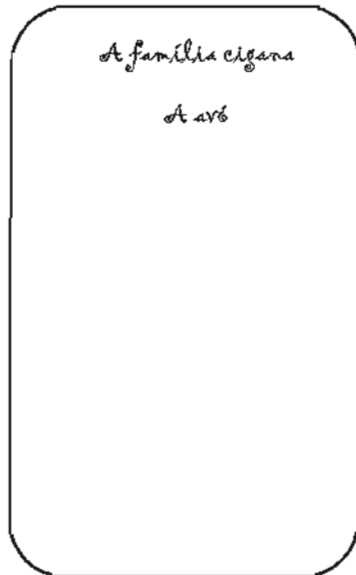
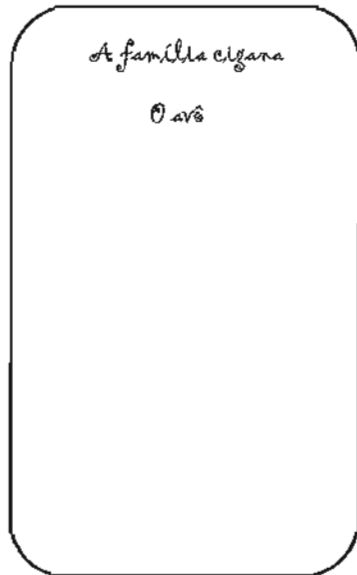
Ou podem-se substituir por outras famílias, à escolha de cada grupo-turma.

Joga-se com 3 a 4 jogadores

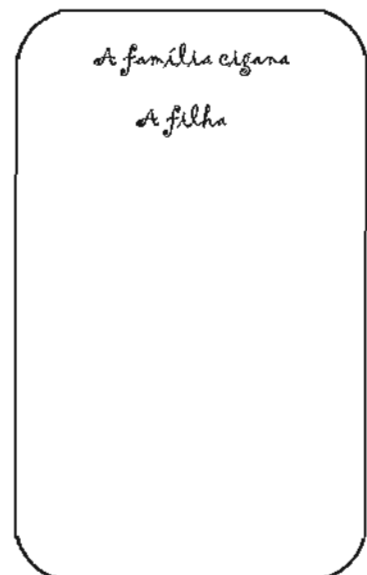
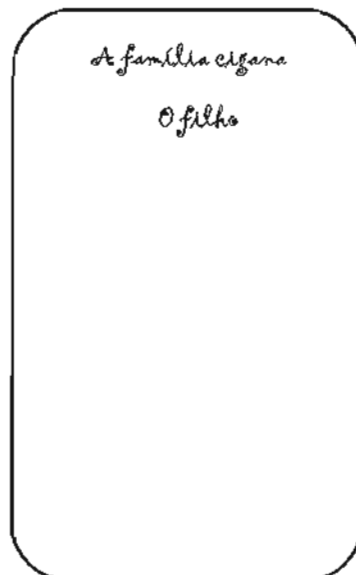
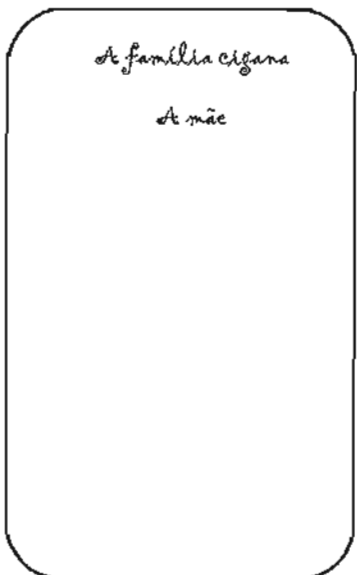
1. Baralhar bem as cartas
2. Distribuir 7 cartas a cada um. As restantes cartas colocam-se no meio para buscar quando necessário.
3. O jogador mais novo começa a pedir a um dos jogadores uma carta para completar a família de que já deve ter pelo menos um elemento. Se ele a tiver deve-lhe dar e o jogador mais novo continua a pedir uma outra carta, e assim por diante, até completar uma família. Se ele não tiver a carta pedida, deve ir buscar uma carta ao meio. Se buscar uma carta que procura pode ornar a jogar e a pedir as cartas que lhe faltam. Se não obteve a carta que procura é o jogador mais novo a seguir que deve continuar a jogar.
4. O jogador que tiver as 6 cartas da mesma família ganhou uma família. Aquele que tiver mais famílias ganha a partida.

Atenção, só se pode pedir uma carta se tivermos um elemento dessa família.

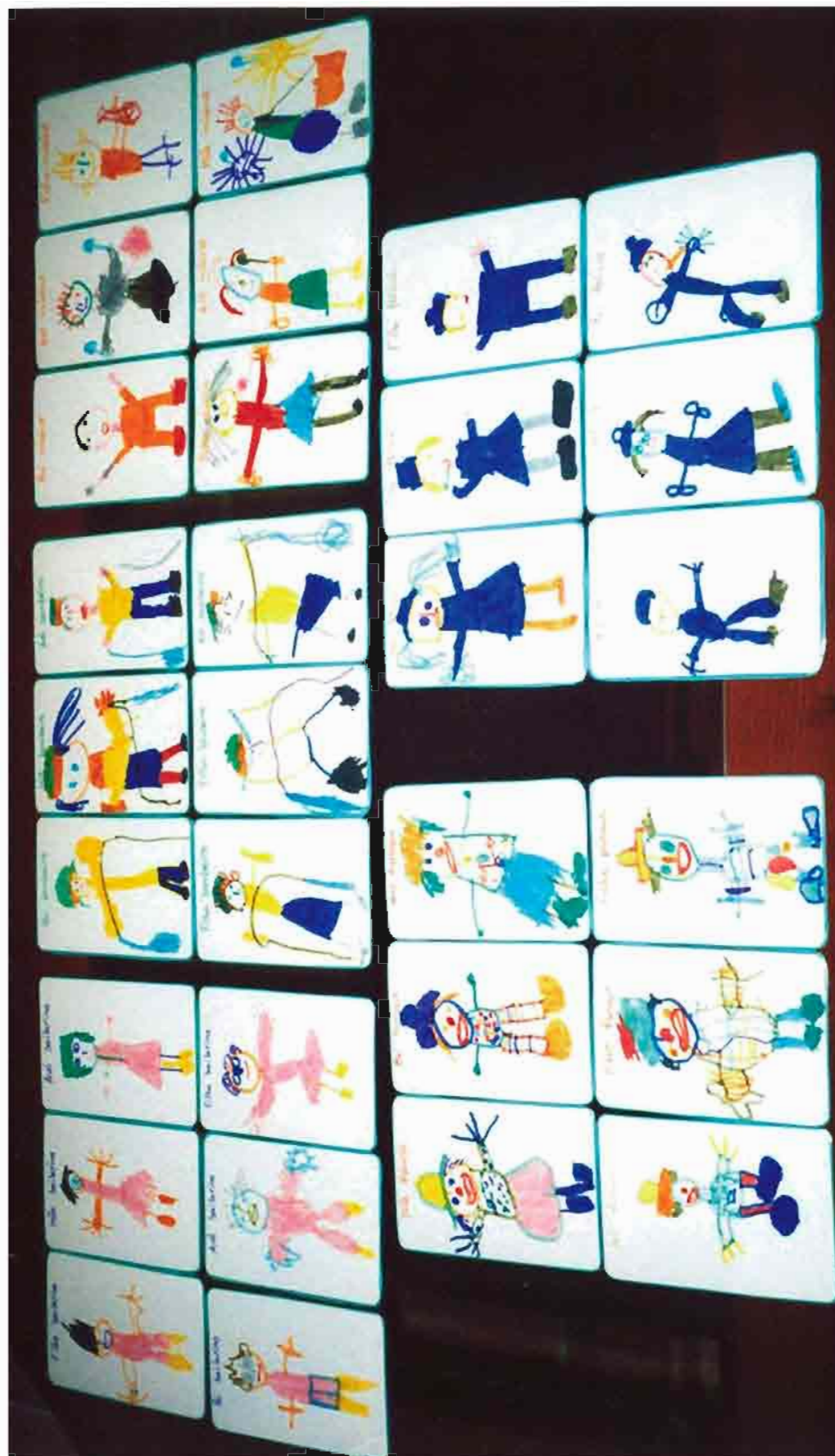
*Este jogo que foi realizado por crianças ciganas escolarizadas nas "Antenas Móveis de ASET do Val d'Oise (França), pode ser adaptado e reinventado pelas crianças das nossas escolas.*



Ilustra as cartas com aquilo que cada elemento da família faz.  
À semelhança desta família, agora faz as outras 6 famílias escolhidas em grupo-turma. Depois de ilustradas, podem-se plastificar, constituindo-se assim um baralho novo para jogar.







*(Educação de Infância Itinerante de São Brás de Alportel, 2002/2003)*

A Branca de Neve quer apanhar uma dezena de *leluzia* (flores). Ajuda-a.



Coloca as palavras romanó/caló no sítio certo:

*sombriné* = árvore

*chal* = erva

*quer* = casa









Descobre o nome de 8 seres vivos e completa as palavras em caló

U	O	B	B	G	M	I
S	V	E	U	A	L	C
P	E	H	R	A	O	E
N	L	I	R	A	B	A
L	H	M	O	N	O	R
G	A	L	I	N	H	A
C	A	V	A	L	O	N
H	E	O	T	M	T	H
C	A	D	E	L	A	A

- burro/grel
- ovelha/barcon
- cavalo/grai
- galinha/banhi
- cadela/ingrela
- lobo/djukel

**Completa as lacunas**

			
rat	son	churon	
	lua		casa

- Léxico português caló
- árvore = *churon / sombriné*
  - barraca = *tcerá*
  - casa = *quel / quer / camilin*
  - céu = *charó*
  - dia = *div*
  - noite = *rat*
  - peixes = *mac*
  - sol = *cam*
  - lua = *son*

**Procura o nome do respectivo animal**



*canhai ou cañai ou banhi*  
(galinha)



*quiria* (formiga)



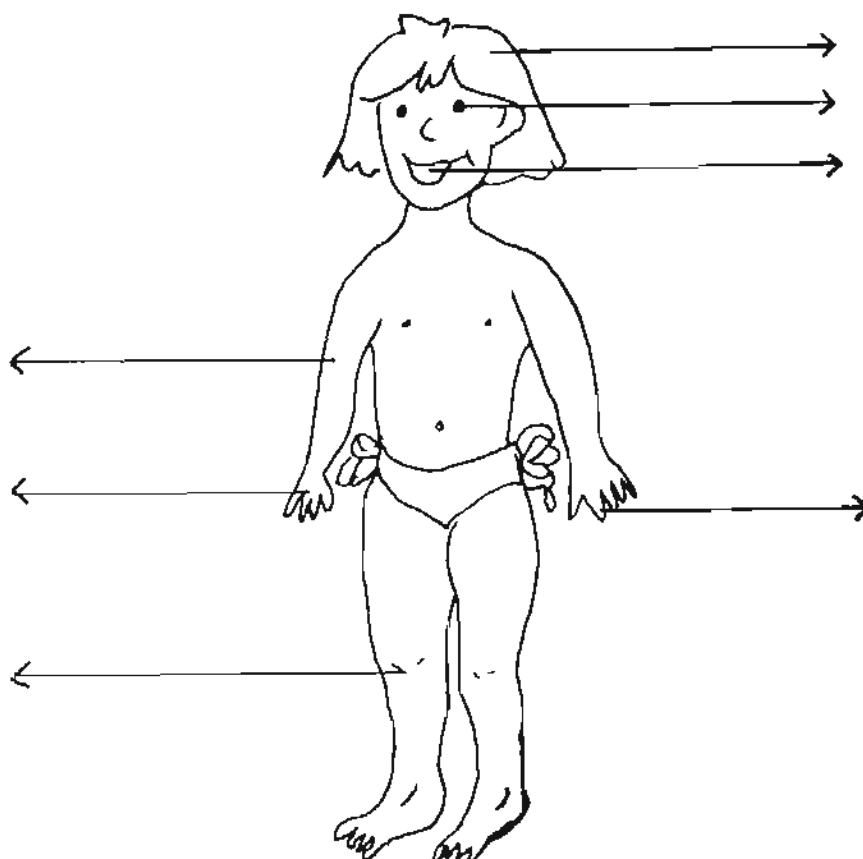
*mac* (peixe)



*ingrel ou chuquel*  
(cão ou cachorro)



Coloca as palavras no sítio certo



### Glossário português caló

Corpo humano	Animais	Plantas
boca/cara = <i>mui</i>	boi = <i>grui</i>	árvore = <i>churón / skast</i>
braço = <i>kelo</i>	burro = <i>grel</i>	azeitonas = <i>aretalhas</i>
cabelos = <i>bal</i>	cão = <i>chuquelo</i>	erva = <i>chal / lierbisa</i>
dedo = <i>angusti</i>	cavalo = <i>grai</i>	flor = <i>leluzia</i>
joelho = <i>chang</i>	galinha = <i>banhi</i>	horta = <i>huertisara</i>
mão = <i>patí</i>	gato = <i>mutza</i>	oliveira = <i>eruquel</i>
nariz = <i>nakles</i>	ouriço = <i>nigló</i>	
olhos = <i>sacais/ocais</i>	ovelha = <i>barcon</i>	
	porco = <i>balichon</i>	

Correspondência do português para romanó/caló:

flor = *leluzia*  
cigano = *caló*  
cereja = *cereça*  
árvore = *churón*  
água = *panhi*  
rio = *len / raisaró*  
sol = *olipandó*

Quadro nº1

Sabendo que as figuras sugerem palavras e escolhendo a letra indicada em cada, forma uma palavra em romanó/caló, cuja correspondência encontrarás no quadro nº1.



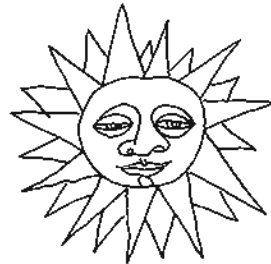
**c** *hurón*



*leluzi* **a**



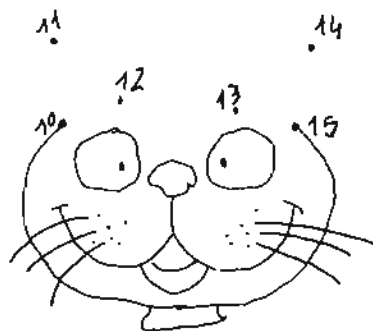
**l** *en*



*olipand* **ó**

Une os pontos:

Solução: *caló* = cigano



*mutza / chuchobó*

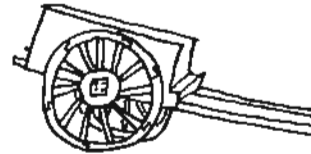


**Faz corresponder a palavra e a imagem:**

*drom/suelo*  
(Estrada)



*aretalhas/stalha*  
(Azeitona)



*pernon/gadêses/love*  
(Dinheiro)



*verdine/verdon/vordon*  
(Carroça)



Completa a quadra com uma destas palavras:

*azeite / jête / alâmpio*  
*azeitonas / aretalhas*  
*oliveira / urocal*

Ó rama, ó que linda rama  
Ó rama da .....

O meu par é o mais lindo  
Que anda aqui na roda inteira.

Ilustra as palavras:

SOL = CAM/OLIPANDÓ	LUA = SON	VENTO = BARBAU

Risca todas as letras que aparecem mais do que uma vez na grelha.

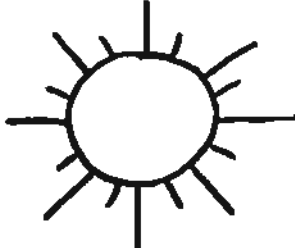

Com as letras que restam, podes formar o nome do astro que nos aquece. Qual é o nome? Escreve-o na caixa.

<b>Q</b>	<b>I</b>	<b>T</b>	<b>V</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>D</b>	<b>M</b>
<b>R</b>	<b>E</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>U</b>	<b>N</b>	<b>F</b>	<b>V</b>
<b>R</b>	<b>A</b>	<b>U</b>	<b>D</b>	<b>O</b>	<b>J</b>	<b>T</b>	<b>V</b>
<b>N</b>	<b>F</b>	<b>H</b>	<b>G</b>	<b>J</b>	<b>L</b>	<b>H</b>	<b>E</b>
<b>Q</b>	<b>V</b>	<b>B</b>	<b>M</b>	<b>P</b>	<b>I</b>	<b>B</b>	<b>G</b>

--	--	--

CAM

Circunda as palavras correspondentes às ilustrações da direita.

<p><i>olipandó</i></p> <p><i>três</i></p> <p><i>son</i></p> <p><i>lua</i></p>	<p><i>barbau</i></p> <p>burro</p> <p>sol</p> <p>cigano</p> <p>carroça</p>	 
---	---	--





### Sopa de Letras



Identifica no quadro as seguintes profissões

varredor  
 médico  
 vendedor

jardineiro  
 veterinário  
 domador

enfermeiro  
 cantoneiro  
 polícia

O	C	J	A	C	O	B	L	E	I	O	L
V	V	A	R	R	E	D	O	R	T	C	A
O	T	R	O	R	I	C	A	L	M	G	M
M	É	D	I	C	O	Z	X	B	D	A	E
A	X	I	T	M	G	A	P	T	K	X	X
C	A	N	T	O	N	E	I	R	O	M	Q
C	V	E	T	E	R	I	N	Á	R	I	O
M	Z	I	I	N	T	Q	U	T	B	M	P
H	X	R	Q	F	D	F	G	I	R	L	O
T	M	O	R	E	X	Z	Q	A	B	T	L
S	Y	R	D	R	G	J	G	T	R	V	Í
W	B	Z	S	M	R	Y	R	K	C	Z	C
F	D	T	V	E	N	D	E	D	O	R	I
T	R	E	Z	I	S	J	D	S	D	Z	A
L	U	V	Z	R	D	O	T	G	A	B	K
H	R	F	D	O	M	A	D	O	R	I	M

(Elaborado pela EB1 nº7 de Beja, 1999/2000)

Identifica no quadro os seguintes animais:

<b>BIBIORA</b>	Abelha
<b>CHICHIBÁ</b>	Gata
<b>DJUNKEL</b>	Lobo
<b>GURUI</b>	Burro
<b>GRAI</b>	Cavalo
<b>PICAU</b>	Peixe

<b>G</b>	<b>R</b>	<b>U</b>	<b>P</b>	<b>I</b>	<b>Y</b>	<b>J</b>	<b>R</b>	<b>R</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>D</b>
<b>R</b>	<b>E</b>	<b>B</b>	<b>I</b>	<b>B</b>	<b>I</b>	<b>O</b>	<b>R</b>	<b>A</b>	<b>X</b>	<b>R</b>	<b>J</b>
<b>A</b>	<b>A</b>	<b>O</b>	<b>C</b>	<b>Q</b>	<b>G</b>	<b>J</b>	<b>D</b>	<b>G</b>	<b>O</b>	<b>B</b>	<b>U</b>
<b>I</b>	<b>B</b>	<b>G</b>	<b>A</b>	<b>U</b>	<b>J</b>	<b>O</b>	<b>C</b>	<b>H</b>	<b>G</b>	<b>R</b>	<b>N</b>
<b>C</b>	<b>R</b>	<b>I</b>	<b>U</b>	<b>L</b>	<b>P</b>	<b>Y</b>	<b>I</b>	<b>R</b>	<b>U</b>	<b>H</b>	<b>K</b>
<b>O</b>	<b>L</b>	<b>E</b>	<b>R</b>	<b>G</b>	<b>D</b>	<b>K</b>	<b>R</b>	<b>U</b>	<b>R</b>	<b>C</b>	<b>G</b>
<b>T</b>	<b>V</b>	<b>W</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>C</b>	<b>H</b>	<b>U</b>	<b>Q</b>	<b>U</b>	<b>E</b>	<b>L</b>
<b>C</b>	<b>H</b>	<b>I</b>	<b>C</b>	<b>H</b>	<b>O</b>	<b>B</b>	<b>O</b>	<b>A</b>	<b>I</b>	<b>B</b>	<b>O</b>

(Pólo 2 de Serpa, 2002/2003)



Lê o texto com muita atenção e traduz de Romanó/Caló para Português.

### **Uma história verdadeira**

No *chibé* de 28 de Fevereiro chegaram à nossa *skola* umas *chaborris*.

Elas vinham com a sua *bata* e o seu *bato* e *prales*.

As *chaborris* olharam à sua volta e disseram:

- *Bata*, nós não temos aqui *amales*! Nós queremos ter *amales*! O que temos de fazer *bata*?

Estas *chaborris* não sabiam *drabav* nem *lequevav*.

Escrevo o texto substituindo as palavras em calón para português,

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Correspondência do Português para Romano/Calo:

*chibé* = dia ; *skola* = escola ; *chaborris* = meninas ; *bata* = mãe ; *bato* = pai; *prales* = mãos;  
*amales* = amigos = *dravláv* = ler ; *lequéváv* = escrever.

(Pólo 2 de Serpa, 2002/2003)

Completa este quadro, transformando as palavras no plural:

	singular	plural
<b>peita</b> (mulher não cigana)		
<b>chaborrilha</b> (criança)		
<b>garrafuncha</b> (garrafa)		
<b>tsera</b> (tenda)		
<b>barhi</b> (galinha)		

(Elaborado pela EB1 nº7 de Beja, 1999/2000)

Em Romani, o plural, o feminino e o masculino, escrevem-se assim:

**Meninos**  
*Chavé*

**Menina**  
*Chavi*

**Menino**  
*Chavó*



## Brincadeiras com Números

### O quadrado mágico dos andarilhos<sup>37</sup>

Com os “homens santos” da Turquia, os ciganos aprenderam a usar este quadrado mágico, muito comum em Caxemira. É usado atrás das portas na Turquia. A pessoa prega o quadrado mágico contra a bandeira da porta e mete um prego sobre o primeiro número da esquerda, no alto. Caso isso não melhore a sua vida, deve-se retirar o prego e experimentar colocá-lo no próximo número e assim por diante. O interessante desse quadrado mágico é que onde quer que se comece a somar, obtém-se o número 15.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

### Contas dos nossos anos de vida

A *chavi* faz 12 (doze) anos. Pinta as quadrículas cuja soma corresponda à idade iniciada (menina cigana = *chabi* ou *chavi*)

9	6	1	5	2	4	3
---	---	---	---	---	---	---



37. Fonte: Farrelli, M<sup>a</sup> Helena (2001), *Kali, A Magia e os Mistérios dos Ciganos*, Santana/São Paulo: Mandras.

Escreve, por extenso, na coluna da esquerda e em português a numeração correspondente:

português	árabe	caló	romano
	1	yekb	I
	2	dui	II
	3	trin	III
	4	star	IV
	5	panché	V
	6	sov	VI
	7	jefta	VII
	8	oxto	VIII
	9	inja	IX
	10	des	X
	11	desuyekb	XI
	12	desudui	XII
	13	destrin	XIII
	14	des u star	XIV
	15	des u panché	XV
	16	des ta sov	XVI
	17	desefta	XVII
	18	desoxtó	XVIII
	19	des injá	XIX
	20	bis	XX
	30	trianda	XXX
	40	star var des	XL
	50	panch var des	L
	60	sov var des	LX
	70	jefta var des	LXX
	80	oxto var des	LXXX
	90	inja var des	XC
	100	gres	C
	500		D
	1 000	jazaré	M

Adaptado de Cardoso, Carlos (1998) "Gestão intercultural do currículo no 1º ciclo", Lisboa: Entreculturas/Ministério da Educação

Liga correctamente:

- |            |                |
|------------|----------------|
| Seis •     | • Grés         |
| Quarenta • | • Star var des |
| Três •     | • Bis          |
| Catorze •  | • Trin         |
| Cem •      | • Dês u star   |
| Vinte •    | • Sov          |

(Pólo 2 de Serpa, 2002/2003)



## Situações Problemáticas



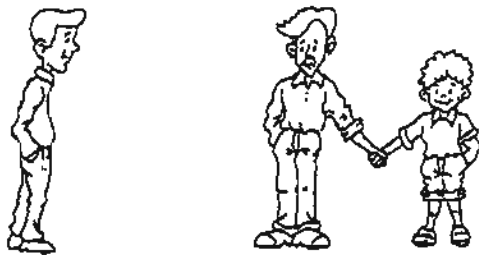
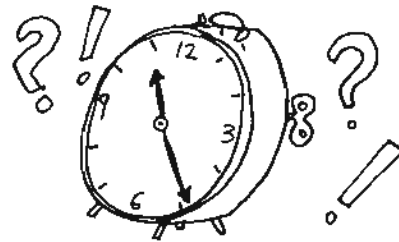
Um homem tinha que comprar um carro que custava 500 euros. Não tinha dinheiro. Pediu a dois amigos e cada um emprestou 250 euros.

Quando pagou pelo carro fizeram-lhe um desconto de 50 euros. Destes 50 euros pôs 30 euros em "gasoil". Sobraram 20 e deu 10 a cada amigo.

Ficando a dever 240 euros a cada amigo mais 30 que pôs em gasolina dá 510 euros. Como é que isso é feito?

(Recolha feita na Animação de Rua do Poço Largo, em Beja em Maio de 1999)

Se um dia tem 24 horas, quantas horas tem uma semana?



Quando eu nasci, há oitos anos, o meu pai tinha 30 anos e era dois anos mais novo que o meu tio. Quantos anos temos agora?

No mercado, em Serpa uma *rambilha* comprou *desoxtó* metros de tecido. Com o tecido fez trim toalhas de *doli*. Quantos metros de tecido levou cada toalha de *doli*?

No *quilma* de Abril, a Dona Maria comprou: um *vadra* por 1,5€, uns *tiragues* por 22€, um *ungrina* por 6,5€.

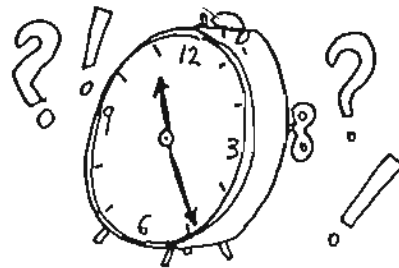
Quanto gastou a *rambilha* no *pazarro*? Sabendo que levou para o *pazarro* 42€, quantos euros lhe restaram?

*quilma* = mercado; *tiragues* = botas; *vadra* = balde; *ungrina* = casaco; *doli* = mesa;

(Pólo 2 de Serpa, 2002/2003)

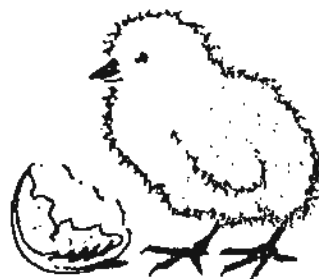
Uma cigana, para ler a sina, atende, por dia 8 *senhores*<sup>38</sup>. Quantos senhores, atenderá em 5 dias?

R:



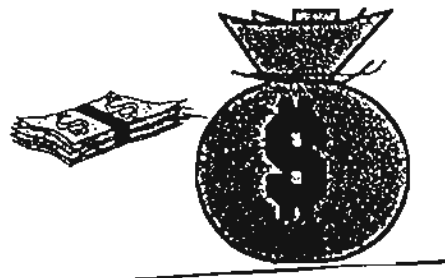
No mercado uma *rambilha*<sup>39</sup> comprou 24 pintos. Fugiram-lhe 12. Com quantos pintos ficou a *rambilha*?

R:



Num banco há 139 sacos de *parnom*<sup>40</sup>. Um ladrão roubou 25. Quantos sacos de *parnom* ficaram no banco?

R:



(Elaborado pela EB1 nº7 de Beja, 1999/2000)

38. *Senhores* = pessoas não ciganas

39. *Rambilha* = Senhora

40. *Parnom* = dinheiro





A mãe do João colheu 32 *agullas* na laranjeira do meu quintal. Ao almoço a sua família comeu 6 e ao jantar 8. Quantas *agullas* restaram?

R:

*Agullas* = laranjas

É dia de passeio na escola. São 128 *chaborrilhos* vão em 2 autocarros diferentes. Quantas *chaborrilhos* vão em cada autocarro?

R:

*Chaborrilhos* = crianças

Cada cesto do Sr. António tem 800 *berludes dos castes*. Quantos *berludes dos castes* têm os três cestos?

R:

*Berludes dos castes* = uvas

(EB1 nº2 de Vale Figueira, 2002/2003)

## Adivinhas

Seu viver é permanente,  
Nunca no mesmo lugar:  
Mal ela se faz presente  
Põe-se logo a andar.

E quando é ele que aparece,  
Como trazido por fada,  
Logo ela desaparece,  
Como moça envergonhada.

Solução: *rachi / calhardi* = noite/breu / negro

Sem voz encanto quem me ouve;  
Tenho leito e não durmo,  
E como o tempo, corro sempre.  
Quem sou?



Solução: *raisaró* = água do rio

Minha avó morre de pé,  
Minha mãe cai para o chão,  
E para eu nascer, até,  
A calcam sem compaixão.

Solução: oliveira = *orucal ou crulé*

Para o País é, sem par, fonte de bem e  
progresso e a quem por ela andar  
desejo um feliz regresso.



Solução: *edegidebes* = estrada.



A mãe pode dar aos filhos mas os  
filhos não podem dar à mãe.

Solução: *a água das ribeiras vai para o rio  
e não volta para trás.*

(Recolha feita na Animação de Rua do Bairro da Esperança, em Beja em Maio 99)



Qual é a ratoeira de caça ratos que se escreve com quatro letras?

□	□	□	□
---	---	---	---

Escreve agora a palavra em caló \_\_\_\_\_

---

Na rua me podes ver  
Todo verdinho a brilhar  
Depois do líquido beber  
*Garrafunchas* me podes deitar.

Solução:

---

Em mim podes encontrar  
*Papiros*, papelinhos e cartões  
Tudo isto para reciclar  
E alegrar nossos corações.

Solução:

---

Se me tapares, sim!  
O mundo fica contente  
Deitar a *miséria*<sup>41</sup> em mim  
É melhorar o ambiente.

Solução:

---

*(Elaborado pela EB1 nº7 de Beja em 1999/2000)*

41. Miséria quer dizer porcaria, sujidade.

**A minha recolha de adivinhas:**

1)

Solução:

2)

Solução:

3)

Solução:

4)

Solução:



## Jogos

### Jogo do Pião dos 5 Niques

Material	Participantes	Época em que era jogado
----------	---------------	-------------------------

<i>Piões</i>	<i>Vários</i>	
--------------	---------------	--

**Disposição inicial:** Em frente a uma marca no chão

**Regras:** Percorrer um percurso de 3 casolas

**Desenvolvimento:** Os jogadores atiram o seu pião em direcção à marca desenhada no chão. Aquele que ficar mais longe da marca vai para dentro de uma casola (círculo desenhado no chão). Os outros jogadores, com os seus piões, tentam tirá-lo de lá. Quando o conseguirem vão-no empurrando, com os piões, para dentro de outra *casola*. Aí, cada jogador dá-lhe 5 *niques* (pancadas) com o seu pião. Em seguida retiram-no de lá com os seus piões até o conseguirem introduzir na terceira *casola*, onde cada um lhe dará 10 niques.

### Jogo do Santabelhana está Morto ou Vivo?

Material	Participantes	Época em que era jogado
----------	---------------	-------------------------

<i>Uma pedra e uma corda</i>	<i>Vários</i>	<i>Todo o ano</i>
------------------------------	---------------	-------------------

**Disposição inicial:** Um dos jogadores está deitado no chão

**Regras:** Um dos jogadores é sorteado com uma pedra fechada numa das mãos. O primeiro a acertar é o morto-vivo.

**Desenvolvimento:** O morto-vivo está deitado no chão. Os outros jogadores andam à sua volta dizendo: "Santabelhana, está vivo ou morto?" À terceira vez o morto-vivo levanta-se e corre atrás dos outros. Aqueles que conseguem apanhar vão com ele para um dos lados da corda. Os que não conseguem apanhar vão para o outro lado da corda. Segue-se a tracção da corda. Ganha a equipa que conseguir puxar a outra equipa para o seu lado.

Nota: O sorteio com a pedra também se pode fazer da seguinte maneira: quem não acertar sai, quem acertar fica com a pedra e dá a escolher ao seguinte. O último a acertar na pedra é o morto-vivo.

### **Jogo do Mal Amado**

---

<b>Material</b>	<b>Participantes</b>	<b>Época em que era jogado</b>
<i>Lenços com nós</i>	<i>Uns 20 ou 30</i>	<i>Durante todo o ano</i>

---

**Disposição inicial:** Em roda cada homem com uma mulher atrás e um homem com o lenço no meio.

**Regras:** Correr o mais rápido possível para se colocar atrás do homem do lado.

**Desenvolvimento:** O homem do meio dirige-se a um dos homens da roda e pergunta-lhe se está bem casado ou mal casado. Se este responder que está bem casado, ele terá que repetir a pergunta a outro.

Se o homem disser que está mal casado, a mulher que está atrás dele terá que fugir e procurar trocar de lugar com uma das colegas do lado. Enquanto não conseguir colocar-se atrás do homem do lado, o do meio irá batendo-lhe com o lenço com nós. O jogo continua até ter feito a pergunta a todos os jogadores e todos estarem bem casados.

Nota: o jogo pode fazer-se ao contrário, com as mulheres à frente. Para se saber quem fica com o lenço com nós sorteia-se com uma pedra fechada numa das mãos. O primeiro que acertar fica com o lenço.

---

### **Jogo das Moedas à Parede**

---

<b>Material</b>	<b>Participantes</b>	<b>Época em que era jogado</b>
<i>Moedas</i>	<i>Vários</i>	<i>Todo o ano</i>

---

**Disposição inicial:** Frente a uma parede

**Regras:** As moedas devem ser todas do mesmo valor. A ordem em que jogam é sorteada.

**Desenvolvimento:** Cada jogador joga 2 moedas à parede. Aquele jogador que conseguir ficar com as duas moedas à distância de um palmo (ou o mais próximo disso) da parede ganha as moedas dos outros.

---

*(Estes quatro jogos foram recolhidos pelas EB1 de Corte de Pinto, Cortes Sines, Mina de São Domingos e EB1 e EPEI de Moreanes no ano lectivo de 1999/2000, e encontram-se registados em vídeo disponível no CEDDEL/ICE).*



Outros jogos que conheço e/ou que pesquisei:

---

<b>Material</b>	<b>Participantes</b>	<b>Época em que era jogado</b>
-----------------	----------------------	--------------------------------

---

**Disposição inicial:**

**Regras:**

**Desenvolvimento:**

---

---

<b>Material</b>	<b>Participantes</b>	<b>Época em que era jogado</b>
-----------------	----------------------	--------------------------------

---

**Disposição inicial:**

**Regras:**

**Desenvolvimento:**

---

## Provérbios

Pesquisa, junto da tua família e/ou na família dos teus colegas, o significado das palavras em caló/romanó.

---

Quando não há *manron* não se *mangam* bolos.

*manron* =

*mangam* =

---

Um *conejo* na panela, vale mais que seis no campo.

*conejo* =

---

O fumo de uma *candelha* pode cegar aquele que a acendeu.

*candelha* =

---

Para onde vai o fumo, vai o calor.

---

Se queres ver o *picau*, não turves a *panhi*.

*picau* =

*panhi* =

---

Não contes com o *banhi* que canta: ele nunca porá *anrences*.

*banhi* =

*anrences* =

---

A água é como a *banhi* quando se lhe cortam as asas.

---

Quem tem *boqui*, cardos come, até as pedras.

*boqui* =

---

A cada boca uma sopa.

---

Faz um bocadinho de *candelha*, que tenho frio.

---

Vai *mangar*, que tenho *boqui*.

---

(Recolhas feitas pela EB1 de Sobral da Adiça, em 1998/99)

Um sorriso na cara de um *gadjó* (ou *pailho*) é mais raro que uma vaca pôr ovos.

(EB1 de Ferreira do Alentejo, 1998/99)





Faz a ilustração destes provérbios

*"A puré grasti solibarri nebi"*

Caminha sobre a erva com pés leves;  
os teus cavalos poderão precisar dela.

(A égua velha, aparelho novo)

Fonte: Olímpio Nunes "O Povo Cigano"

*"Guarda que comer, não guardes o que fazer.*  
*(provérbio não cigano)*

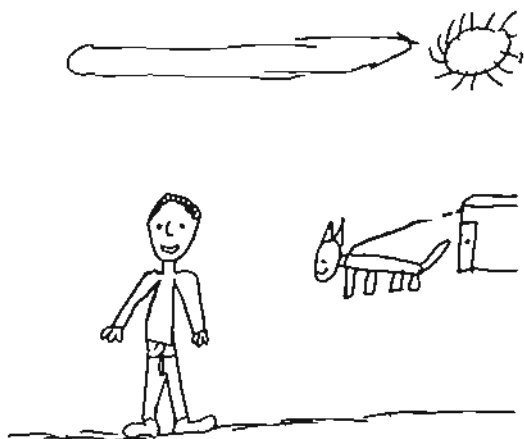
O caldeireiro come muitas vezes num  
tacho roto.

Um olho no burro, outro no cigano

Um olho na lapa, outro na vaga.  
*(provérbio açoreano)*

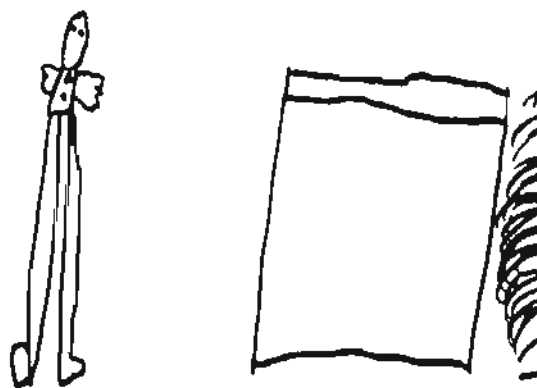
Devemos aproveitar as pequenas coisas para obter os melhores resultados. Desprezando-as, perdem-se verdadeiras riquezas na vida.

Acautela-te dum povoado, onde os cães não ladram.



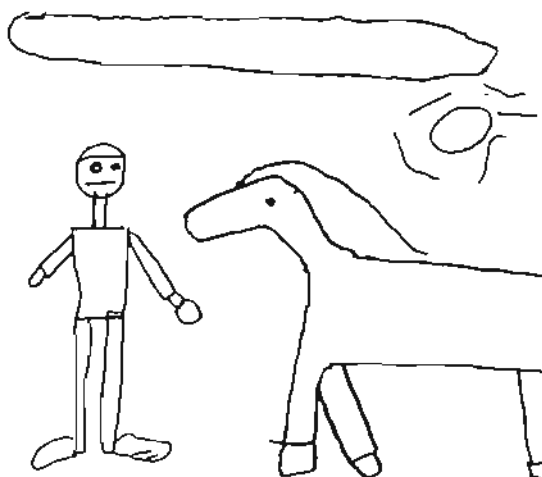
*João Pedro - 9 anos*

O gabarola é como a tenda com a abertura virada para o vento.



*Francisco José Serrano da Silva*

Se falares a um cavalo, não esperes resposta.



*Jorge, 8 anos*

Não mordas no cavalo, se não queres apanhar um coice.

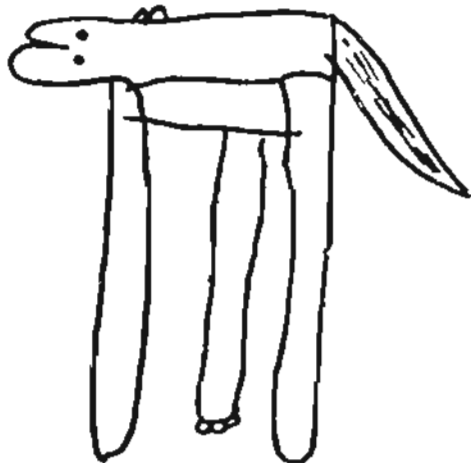


*Francisco José Serrano*

(Ilustrações de EB1 de Ferreira do Alentejo, 1998/99)



Um cavalo parado muito tempo, tem formigas nas patas.



*Francisco José Serrano*

Ainda que montes um cavalo virado para a cauda, ele continuará a caminhar para a frente.



*Francisco*

Quando o diabo sorri, desconfia.



*Hugo - 8 anos*

A mais bela fogueira começa com pequenos ramos.



*Hugo - 8 anos*

(Ilustrações de EB1 de Ferreira do Alentejo 1998/99)

## ***Anedotas***

### **As maldições da Cigana**

Era uma vez um cigano que foi preso por três guardas. A cigana, a chorar, pediu aos guardas que soltassem o seu marido. Os guardas responderam:

- Só soltaremos o teu marido se pedires uma maldição a cada um da gente.

Ela pediu que um dos guardas tivesse uma febre tão grande que a fivela do cinto derretesse.

- Agora pede-me uma a mim.

Você não lhe desejo mal... Só que estivesse enterrado até aos 'ortelhos'... mas era de cabeça para baixo.

O último guarda disse:

- Qual é a minha maldição, cigana?

Você havia de ter uma dor tão grande que quanto mais corresse a sua dor apertasse e assim que parasse arrebentasse.

\*\*\*\*\*

Era uma senhora que estava doente da barriga e foi a um médico. Sentia-se doente.

O médico disse-lhe:

- Para a sua cura: debruça-se sobre a janela.

E pergunta-lhe:

- O que é que a senhora viu?

- À janela vi uma lebre a fugir à frente de dois cães.

- Se a senhora fugir dos homens como a lebre fuge dos cães, a senhora nunca mais estará doente da barriga.

*(EB1 de Ferreira do Alentejo, 1998/99)*



# *4ª Viagem*

***... através da matemática e da vida***

Nesta parte, encontram-se algumas das pesquisas feitas por professores com os seus alunos, abordando mais profundamente alguns dos temas já tratados na 3ª viagem, nomeadamente no que diz respeito à família.

Nesta viagem podem redescobrir-se temas matemáticos ligados:

- à família
- à vivência do espaço e do tempo
- à gestão doméstica dos recursos financeiros



### **Nota Prévia**

As páginas que a seguir se apresentam não pretendem propor um conjunto de exercícios já *prontos-a-consumir* na sala de aulas...

Não se dirigem, pois, directamente aos alunos: antes apelam para a reflexão dos professores/educadores que os saberão adaptar e/ou transformar face à singularidade dos grupos de alunos que lhes estão confiados e dos seus talentos pessoais específicos – que naturalmente compreendem a sensibilidade, a experiência e a criatividade do próprio educador.

Solicitam, assim, uma particular atenção dada à “linguagem” que vai exprimir as actividades a desenvolver na classe – nos seus aspectos *comunicativo, socializante, imaginativo e afectivo*.

As actividades propostas são susceptíveis de:

- *Desenvolverem as capacidades de raciocínio dos alunos (em termos de cálculo, de geometria, de lógica, de expressão visual).*
- *Centrarem a compreensão matemática em aspectos úteis do quotidiano das crianças, marcado pela diversidade das características socioculturais do meio no qual se inserem.*
- *Tecerem interacções entre diferentes ramos do saber.*
- *Induzirem, na classe, um melhor conhecimento mútuo e o respeito por valores culturais que não nos são originalmente familiares.*

Estas propostas não surgem de modo aleatório, neutro ou desincarnado. São fruto de um trabalho colectivamente realizado ao longo do ano lectivo 2001-2, no âmbito do Projecto “Nómada”. Situam-se numa *perspectiva etnomatemática centrada nas populações ciganas*.

A etnomatemática entende o ensino/aprendizagem da matemática como um acto comunicacional indissociavelmente unido à realidade sociocultural dos alunos aos quais se dirige.

A matemática praticada por uma criança da rua em Angola, a matemática do Movimento dos Sem Terra no Brasil, a matemática urbana vinculada às tecnologias e aos media, a matemática das populações ciganas (privadas de formas estáveis de sedentarização), constituem *conhecimentos vitais e profundamente diferentes: enraízam-se em experiências de vivência ou de sobrevivência* que não podem deixar de ser tidas em conta em nome de um sistema escolar “homogéneo”, “objectivo”, ou “massificado”.

Neste sentido se orientou o grupo de trabalho mencionado. Partilhamos convosco três temas cuja exploração nos pareceu particularmente relevante no contexto da Etnia Cigana. São eles:

- A FAMÍLIA
- A VIVÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO
- A GESTÃO DOMÉSTICA DOS RECURSOS FINANCEIROS.

E porquê? Por um lado porque permitem reconhecer/valorizar conhecimentos, hábitos ou costumes que na nossa sociedade se encontram enfraquecidos ou são ignorados (é o caso da família, bem mais vasta e unida do que a nossa; ou da flexibilidade/leveza com que se efectuam constantemente viagens ou mudança de lugares de residência, o que contrasta com a nossa experiência restrita de um espaço fixado a partir dos locais de habitação/trabalho). Por outro lado porque chama a atenção para as dificuldades que as populações ciganas enfrentam, por exemplo, quando têm que programar um salário (ou um subsídio) regular mensal: acostumados a gastar hoje o que ganharam hoje, sentem-se desorientados num processo de integração que exige uma lógica de planificação de recursos a prazos mais largos.

Este confronto entre diversos comportamentos socioculturais em presença pode – a partir de actividades matemáticas adequadas – *fazer nascer o diálogo que gera laços de compreensão, de simpatia e de solidariedade entre as crianças de uma turma multicultural desde a mais tenra infância.*

*Do ponto de vista do professor/educador, parecem-nos igualmente benéfico o apelo dinâmico que estas situações-chave lhe dirigem na medida em que são susceptíveis de gerarem:*

- um conhecimento mútuo mais profundo, tanto no plano da conscientização profissional como no plano de formação para a cidadania dos alunos;
- o despertar de novas dinâmicas de acção/compreensão recíprocas;
- o hábito de exercer um olhar educativo que seja ao mesmo tempo analítico e globalizante;
- a prática de uma transmissão de saber matemático posto ao serviço de uma integração plena na sociedade humana (na qual cada um tem simultaneamente o direito de assumir a sua identidade sociocultural específica e de aceder à sua participação no bem comum);
- um discernimento mais claro do tipo de acções a desenvolver e, conseqüentemente, uma consciência mais esclarecida sobre o tipo de procedimentos a evitar ou a corrigir.

Estas páginas procuram simplesmente sugerir ideias/ pistas/ exemplos que possam estimular um percurso que só o professor saberá tornar fonte viva de

*crescimento  
conhecimento  
encantamento...*

*Teresa Vergani*





## **A Família**

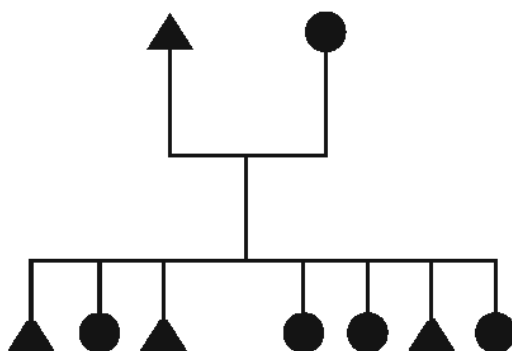
A família ocupa um lugar privilegiado na Etnia Cigana. Normalmente bem mais numerosa do que a nossa, através dela irradiam um conjunto de valores tradicionalmente muito sólidos tais como:

- o respeito pelos mais velhos;
- o profundo amor pelas crianças (valorização da infância);
- a co-responsabilização (estendida a todo o agregado familiar);
- a confiança mútua (fidelidade);
- os laços de solidariedade (protecção, apoio, estímulo);
- a convivialidade (alegria, festividades, lutos, artes musicais e outras).

A consciência do universo familiar pode-se tornar mais nítida e concreta através da elaboração das árvores genealógicas. A sua representação esquemática costuma utilizar triângulos para designar indivíduos de sexo masculino e círculos para os indivíduos de sexo feminino. O casamento é representado através de um traço horizontal que une o marido e a mulher:



A filiação é igualmente traduzida por um traço horizontal que se prende justamente a meio do segmento que representa a união conjugal. Assim, um casal com 3 filhos e 4 filhas é esquematizado do seguinte modo:



Estes diagramas constituem uma fonte riquíssima de expressões lógicas, visuais e verbais. Através deles podemos constatar, nomeadamente:

- as diferentes configurações das famílias de origem cigana, africana ou lusa (a sua interpretação será feita através diálogo entre os alunos)
- o modo como a criança se posiciona no seio da família à qual pertence (reveladora da situação psicológica e afectiva que vive no meio em questão).

A exploração deste tema é susceptível de se diversificar em múltiplos aspectos, dos quais apresentaremos alguns exemplos ao longo dos diferentes itens.

### **1 - Desenha a árvore genealógica da tua família.**

As crianças devem estar munidas das instruções acima mencionadas (referentes às convenções utilizadas neste tipo de representação). Normalmente preferem usar formas quadradas e circulares para designar, respectivamente, o sexo masculino e o feminino. Gostam também de reforçar esta diferenciação através do uso das cores: por exemplo, empregam o verde quando o elemento figurado é masculino e o laranja quando é feminino. Quando esta actividade foi proposta nalgumas escolas multiculturais Aquém-Tejo, *constatámos com espanto que o traço de união que simboliza o casamento era frequentemente posto em relevo através da cor vermelha!* Na amostragem das árvores genealógicas que inserimos no fim deste item, a título de ilustração, o traço conjugal vermelho foi substituído por uma linha tracejada (dado não dispormos do uso da cor).

Debrucemo-nos, pois, sobre um certo número de diagramas recolhidos nas escolas referidas – produção vasta, entusiasmada e tocante.

#### **A.**

A árvore do **Ricardo** apresenta-nos uma *estratificação nítida das diferentes gerações*: na linha horizontal superior aparecem os avós, na intermédia os pais e os tios e, por último, os seus irmãos (entre os quais se situa, representado por um quadrado sensivelmente do mesmo tamanho que os outros). Os quadrados e os círculos, respectivamente associados aos elementos masculinos e femininos, tendem a transformar-se em rectângulos e em ovais (sem que isso prejudique a clareza das distinções que conscienciosamente assumiu).

É curioso notar que *menciona o nome do pai e do avô paterno mas não o da mãe*: talvez por dela se encontrar afastado? Vários alunos, antes de construírem a árvore genealógica, *desenharam a casa em que viviam com todos os membros da família que lá moravam*; quando representavam a mãe, as crianças da Etnia Cigana escreviam “a mãe é quem ajuda e dá presentes”. *Provavelmente a avó materna – Francelina – estaria afectivamente mais próxima do que a mãe...* O facto de ter escrito duas vezes o nome de cada irmão/irmã faz-nos crer que com eles estabelecia uma relação privilegiada; sobretudo com a sua irmã Zezeline, cujo símbolo ovalado entendeu assinalar com uma cruz bem visível – modo de indicar o seu falecimento.

*Teria o Ricardo respeitado a ordem de idades na representação linear dos seus manos e manas?*  
Interrogação à qual não podemos responder, pois o professor desta classe não nos facultou indicações neste sentido.

Tendo 16 tios e tias, *percebemos porque nem sequer tentou esboçar a representação dos primos na sua árvore de família!*



## **B.**

**Odair** oferece-nos uma descrição familiar que remonta aos seus bisavós e se revela *notavelmente estética, rigorosa e exaustiva*.

A sua perfeita execução carece de comentários. Notemos apenas que é a única árvore *genealógica na qual aparece (implícito) um duplo casamento a nível parental*. De facto surge *uma meia-irmã, filha unicamente do seu pai*. Odair omite esta primeira união conjugal do pai e não entende, pois, representar aquela que foi sua mulher antes de se casar com a mãe. *Muito curioso é o facto de esta menina não se encontrar alinhada com os seus outros irmãos, mas ocupar uma posição distanciada – nitidamente relegada para a parte inferior do desenho*.

Lembremos que na Etnia Cigana o divórcio não é tradicionalmente permitido. Não aparecem, pois, casos de meios-irmãos nem pessoas que tenham tido vários matrimónios ao longo da vida.

## **C.**

Uma grande e desembaraçada liberdade habita a árvore de família construída pelo **António**, que está *longe de se deixar prender a convencionalismos de representação*.

*Não só inventa as suas próprias linhas lógicas (não rectas mas harmoniosamente curvas) para estabelecer os laços de parentesco, como começa por se desenhar a si mesmo no digno topo da árvore!* Razão pela qual os símbolos gráficos que correspondem aos seus pais aparecem tranquilamente alinhados com o seu (mesmo plano de “importância”) e os avós são deslocados para uma horizontal inferior sem nenhuma espécie de hesitação. Esta *inversão da ordem hierárquica habitual* revela o António como personalidade *singularmente independente e limpidamente sincera* face aos seus companheiros de turma.

## **D.**

É certo que o pequeno **Micael** também coloca os avós a seus pés e igualmente se instala entre os braços protectores dos seus pais. Mas esta *transparência de expressão* é certamente devida à sua muito tenra idade, que nem sequer lhe permite traçar as linhas que unem os diferentes membros da família que desenha.

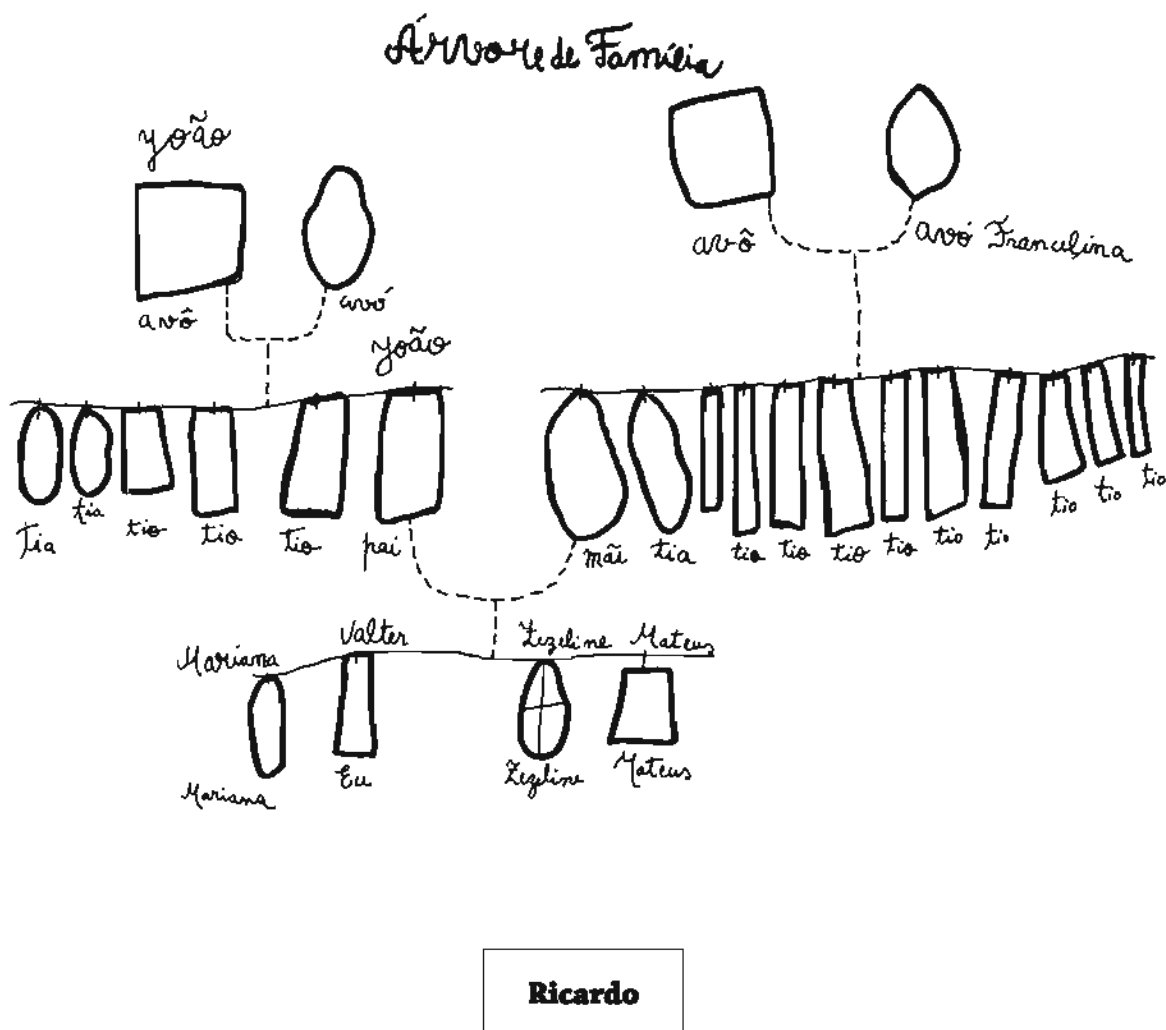
Vemos que *o irmão é visualizado ao mesmo nível, e com o mesmo tamanho, que os seus pais*. Será talvez muito mais velho do que ele e por isso integrado na esfera dos “grandes”. *Tanto a avó Vera como o avô Viana se encontram deitados e não de pé: serão as únicas pessoas doentes da família?*

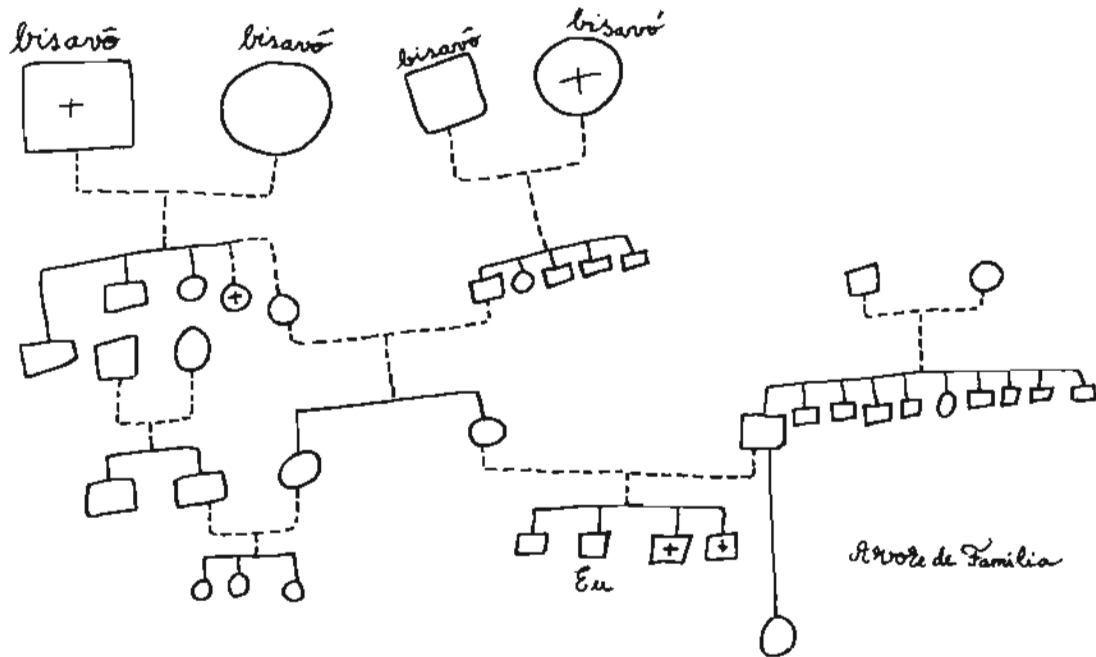
## **E.**

Mas é a **Diana** quem vem estabelecer *uma verdadeira revolução* na forma de representar a árvore genealógica: *ela situa-se decididamente no centro do agregado familiar, fazendo girar indiscriminadamente à sua volta todas as gerações!*

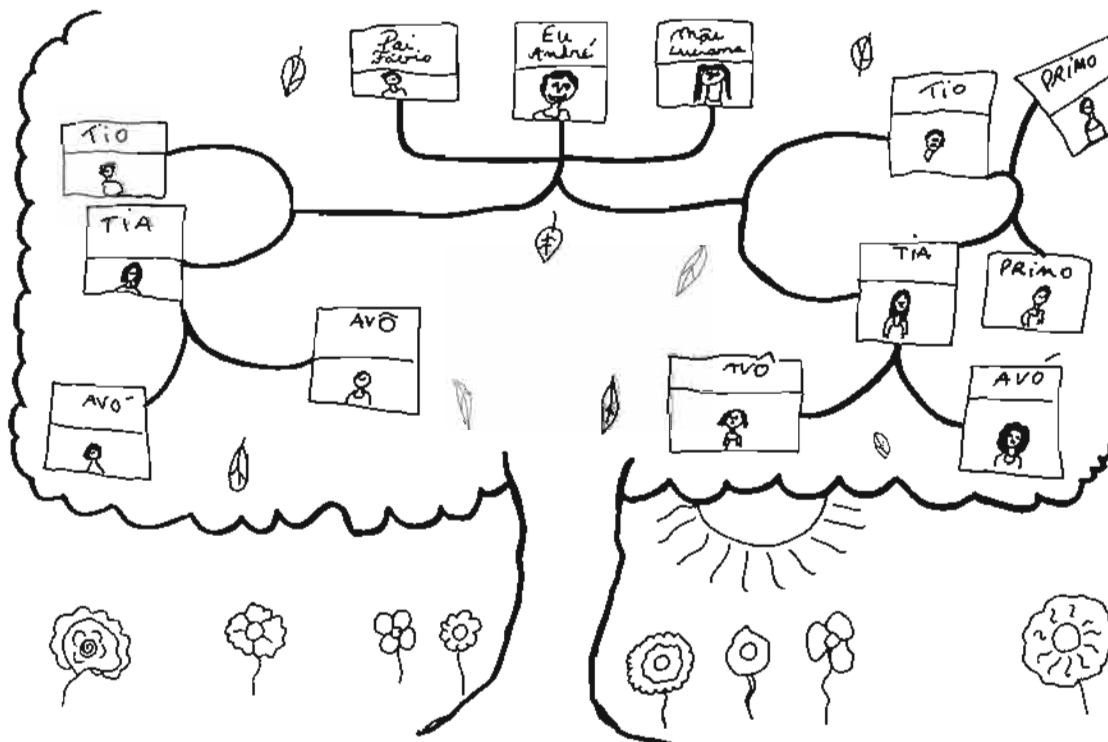
Os laços de parentesco não são usados para explicitar as relações entre os diferentes membros da família. Todos os traços vão directamente unir as outras pessoas a si própria, tal como “todos os caminhos vão dar a Roma”. Omite relações conjugais, fraternas ou filiais. O movimento centrípeto que define mistura – sem contemplações – tios com primos, irmãos com avós e pais com filhos. Uma “autenticidade” a ser trabalhada, tanto a nível matemático como a nível psicológico...

Os exemplos dados situam-se todos num espaço a 2 dimensões, isto é, no plano do papel onde os diagramas foram desenhados. Houve, no entanto, *casos de grupos que trabalharam as árvores genealógicas num espaço tridimensional: construíram mobiles* (com hastes de madeira e figuras recortadas em cartolina) que representavam famílias inteiras ondeando ao vento e orgulhosamente transportadas ao longo das ruas ou dos locais de feiras. Este tema permanece aberto a muitas outras expressões surpreendentemente criativas.

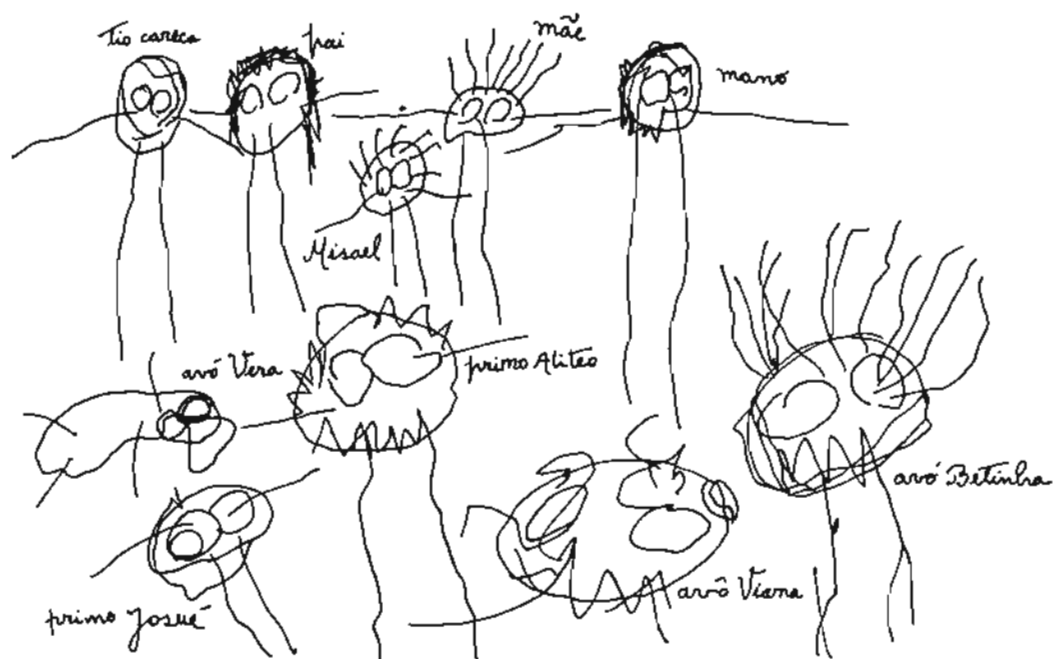




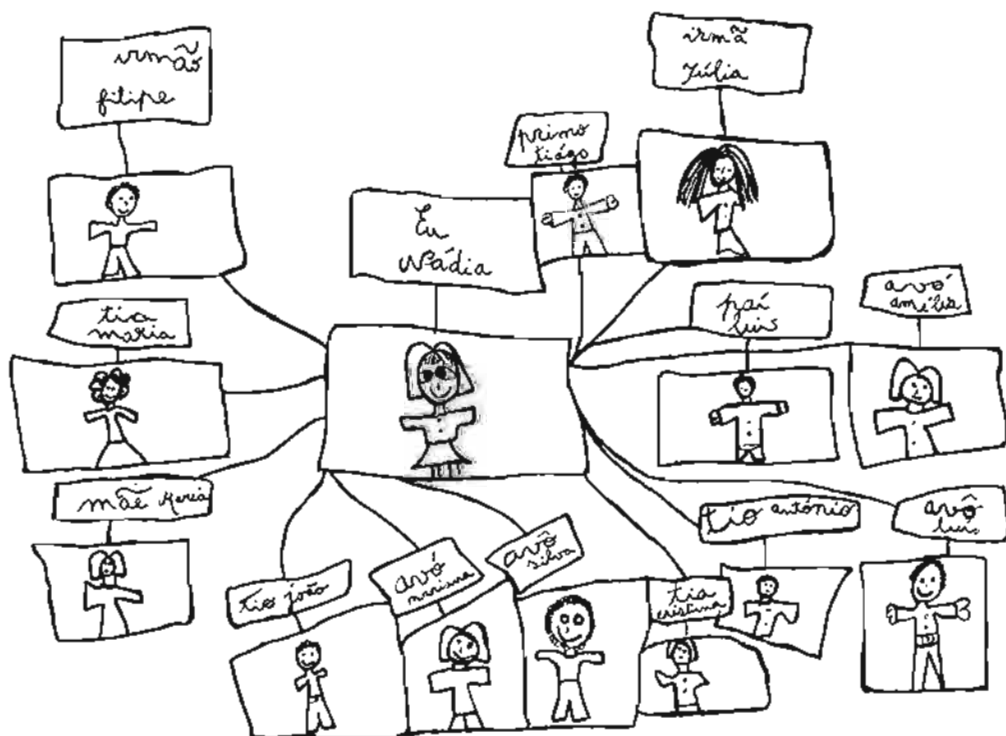
**Odair**



**António**



**Micael**



**Diana**



**2- Quais são os nomes das pessoas da família que aparecem na tua árvore (genealógica) e nas dos teus companheiros (as)?**

**Conta quantas vezes aparece cada nome. Quais os nomes que só aparecem uma vez? Desenha, através de um gráfico de barras, os registos que fizeste.**

Os alunos aos quais se dirige esta actividade já devem conhecer os gráficos de barras. Podem fazer-se *comparações da frequência com que ocorrem os diferentes nomes dentro de cada grupo sociocultural*, o que permite reconhecer distintos universos nominais.

Também a *comparação dos nomes segundo faixas de diferentes gerações* revela a evolução das tendências (ou “modas”): certamente que as pessoas da idade das avós não eram chamadas “Tânia” nem “Sónia”, e que raramente irmãos ou primos recebem nomes como “Policarpo” ou “Zeferino”.

Há nomes que *permitem fazer incursões pela história universal, pela geografia ou pela religião*. Por exemplo:

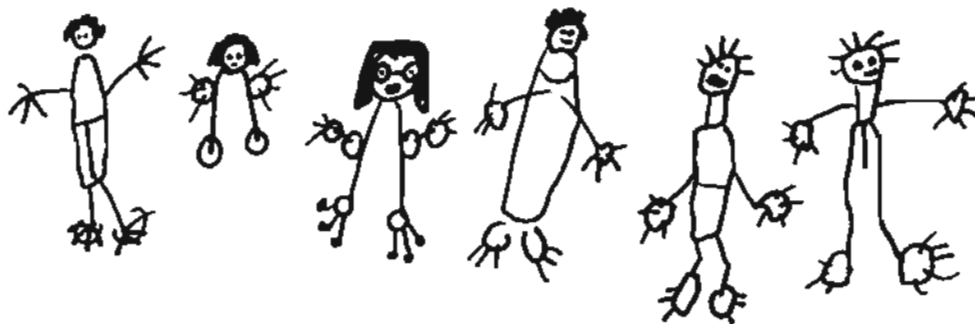
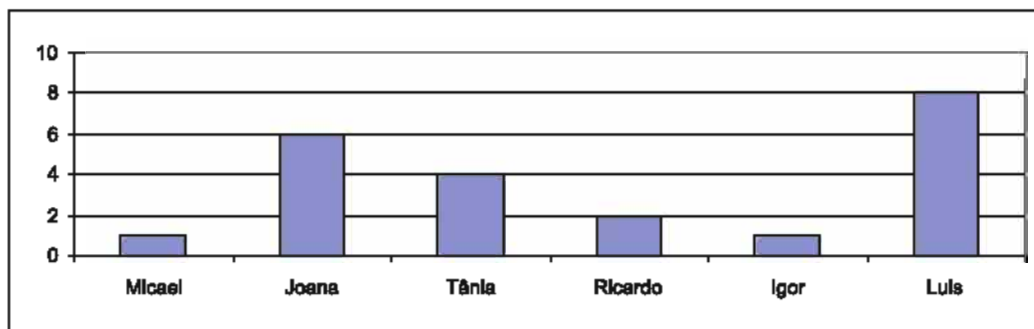
- “César” ou “Augusto” levam-nos até ao antigo império romano;
- “Maria”, a mãe de “Jesus”, deriva do nome hebraico “Miriam”;
- “Ezequiel”, “Josué” ou “Isaías” foram grandes profetas do Antigo Testamento;
- “Fátima” era o nome da filha de “Maomé”, fundador do islamismo;
- “Alexandre” evoca o grande imperador grego cujo exército, montado em elefantes, viajou pela Índia;
- “Marco António” conduz-nos ao antigo Egipto e à sua paixão por “Cleópatra”(...).

Esta exploração a nível da narrativa oral ou de contos escritos é susceptível de *tecer uma sadia interacção com a língua materna.*

As crianças podem, por exemplo:

- inventar os nomes que gostariam de dar aos irmãos mais novos ou aos seus futuros filhos;
- explicitar as alcunhas que atribuem a diferentes pessoas;
- partilhar connosco o nome que dariam a si próprios se o pudessem escolher.

*O que constitui outras tantas oportunidades de estimular a criatividade e de desenvolver o clima de conhecimento e de estima recíprocos.*







### 3 - Considera os diferentes membros da tua família desenhados na tua árvore (genealógica)

Representa, por meio de setas, as relações:

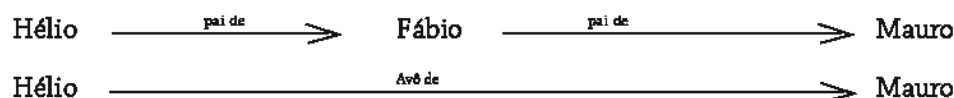
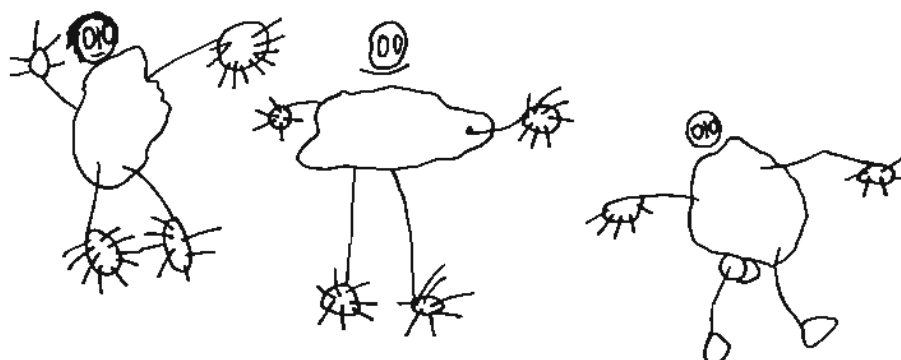
- a- “pai de” e “filho de” (ou “mãe de” e “filha de”)
- b- “avô de” e “neto de” (ou “avó de” e “neta de”)
- c- “tio de” e “sobrinho de” (ou “tia de” e “sobrinha de”)
- d- “irmão de” (ou “irmã de”)
- e- “primo de” (ou “prima de”)
- f- “cunhado de” (ou “cunhada de”)
- g- “sogro de” e “genro de” (ou “sogra de” e “nora” de).

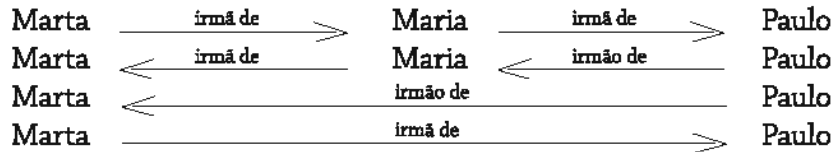
Na sua forma mais simples, a exploração destes exercícios é acessível aos alunos com simples rudimentos da teoria elementar de conjuntos (embora os dois últimos se dirijam a crianças mais desenvolvidas, dado o parentesco que evocam lhes ser menos familiar).

Far-se-á notar, por exemplo, que:

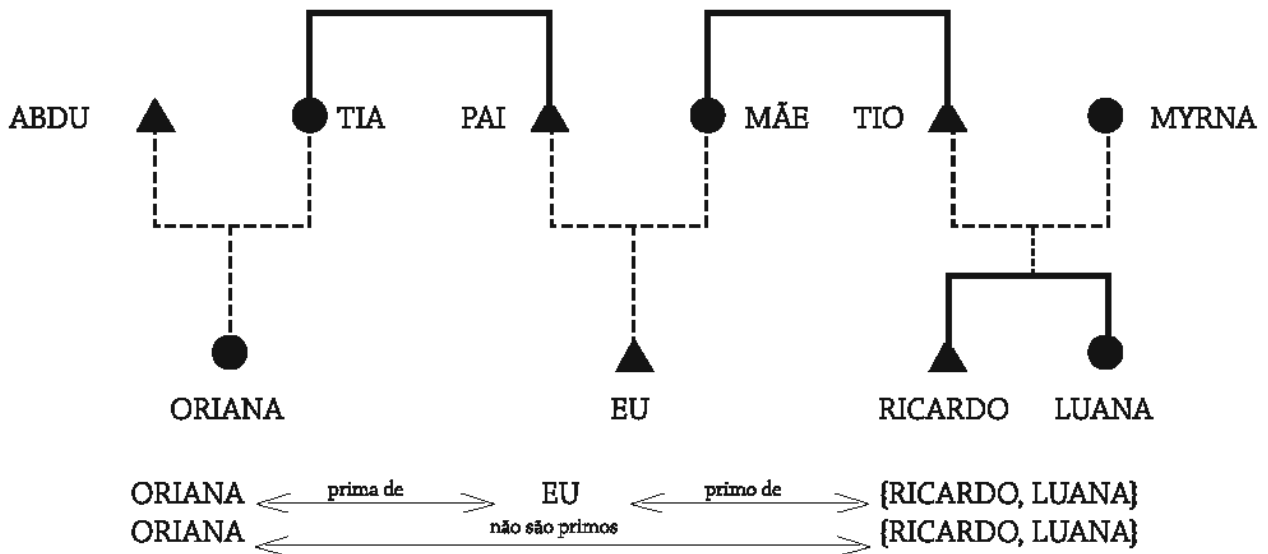
- as relações de paternidade ou de maternidade são *multívocas* (os pais podem ter vários filhos) enquanto que as de filiação são *unívocas* (cada filho só tem um pai e uma mãe);
- as relações de fraternidade são *biunívocas* ( se X é irmão ou irmã de Y, também Y é irmão ou irmã de X) – esta *comutatividade* traduz-se pelo uso de uma só seta com 2 sentidos;
- as relações de fraternidade também são *transitivas* (se X é irmão de Y e Y é irmão de Z, então X é irmão de Z) mas o mesmo pode não acontecer com a relação “primo de”;
- *associando 2 relações “pai de” obtém-se a relação “avô de”*; mas o mesmo não acontece, por exemplo, com as relações “cunhado de” ou “genro de” (cuja associação não faz nascer um novo laço de parentesco).

De acordo com a idade e os conhecimentos das crianças, *um vasto campo de compreensão das correspondências entre conjuntos* pode nascer a partir da árvore de família desenhada.





Consideremos o seguinte caso:



A minha tia é cunhada da minha mãe  
 O meu tio é cunhado do meu pai.  
 Abdu também é cunhado do meu pai, mas não da minha mãe.  
 Myrna também é cunhada da minha mãe, mas não do meu pai.  
 Abdu e Myrna não são parentes "verdadeiros" um do outro.



**4 - Na tua árvore de família estão desenhadas pessoas de várias idades. Os mais velhos vestem-se de uma maneira e os mais novos de modo muito diferente.**

**Mostra-nos como se vestem as pessoas em dias de semana e em dias de festa, conforme as idades que têm (podes recortá-las em cartolina e desenhar as suas roupas à parte, para que os possas vestir com fatos diferentes quando quiseres).**

Também aqui se tenderá a *observar as particularidades da Etnia Cigana em relação aos outros grupos socioculturais*. Lembremos que as meninas ciganas só usam calças ou mini-saias até atingirem a puberdade. Enquanto jovens adultas adoptam a saia comprida.

As mulheres que enviuvaram – além de se vestirem rigorosamente de preto – usam um lenço que lhes cobre uma parte da testa. Como têm um enorme orgulho nos seus longos cabelos, costumam rapar a cabeça quando o marido morre, em sinal de dor. Esses cabelos que cortaram são colocados no caixão do falecido esposo, e com ele enterrados. Esta prática virá das suas origens indianas, país onde ancestralmente os homens eram enterrados (ou incinerados) com os seus haveres pessoais mais preciosos. O lenço assim usado começa por tapar a cabeça rapada, tornando-se em seguida um símbolo de viuvez

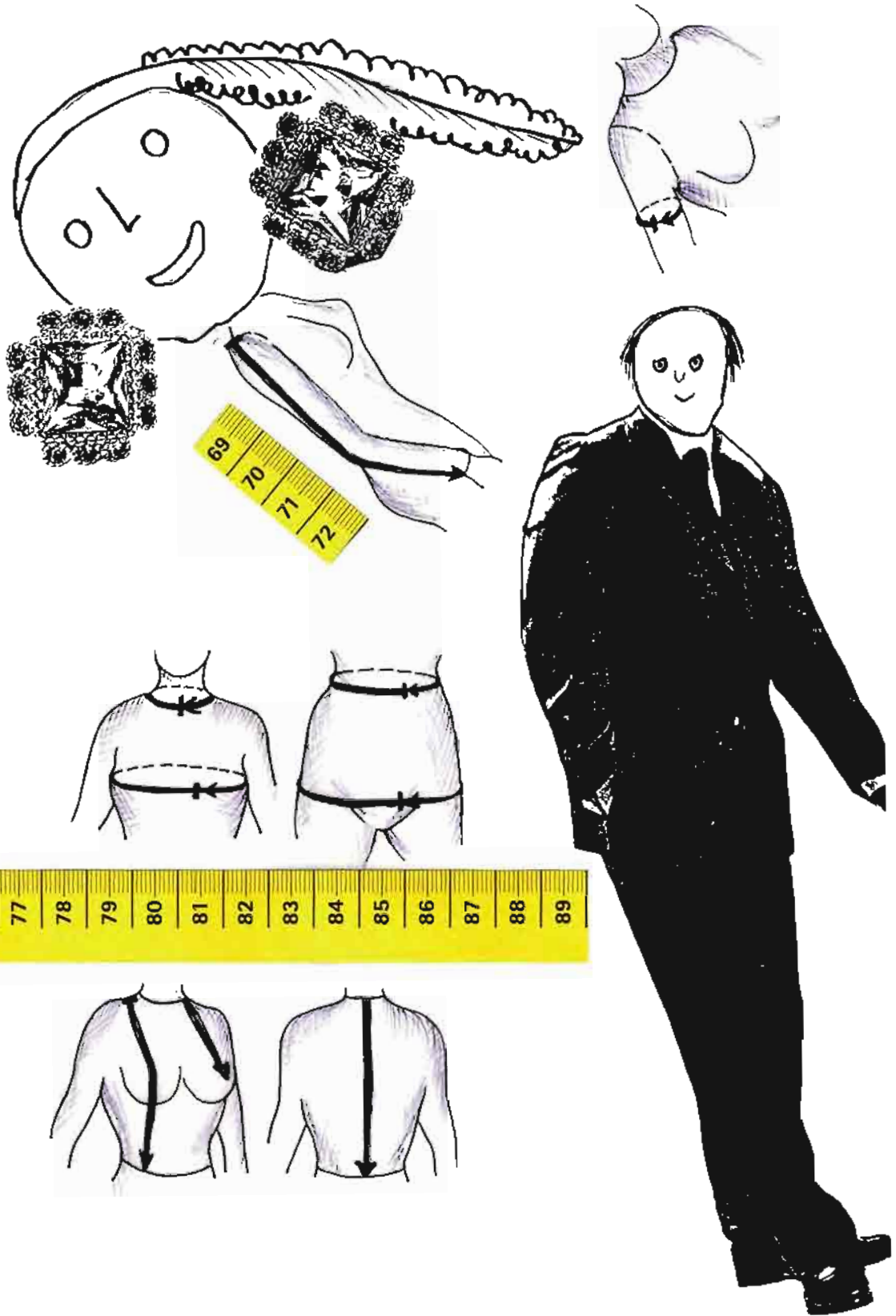
A criação da roupa, além de ser *uma alegre actividade estética e convivial*, contribui também para:

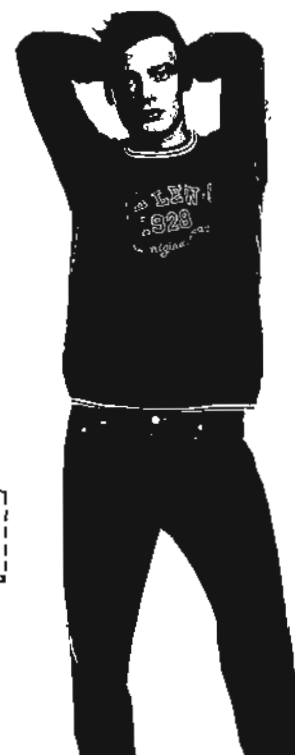
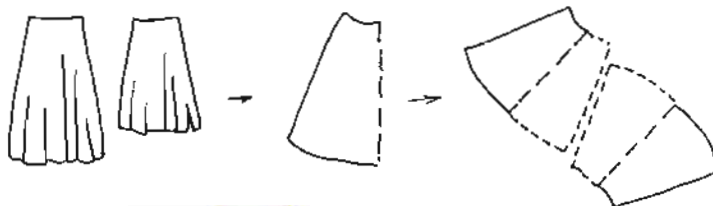
- a tomada de consciência da *simetria do corpo humano*;
- a concepção de *formas, cores e padrões*;
- o entendimento do *espaço/superfície (moldável) que o tecido representa*;
- o registo das *medidas de comprimento e de área* que o trabalho de *costura* (e o “plano de corte”) exige.

Os fatos criados para os manequins de cartolina podem prender-se ao seu corpo se lhes acrescentarmos umas pequenas presilhas: inseridas em pontos “estratégicos” – e uma vez dobradas pela base do rectângulo que as constitui – conseguem segurar a roupa que o modelo veste...

Imaginar uma camisa, uma saia, um fato de banho, um casaco, uma túnica ou um blusão, são outras tantas ocasiões de aprender a decompor as peças do vestuário em diferentes partes.

Desde a compra de tecidos às *dobragens do papel* – que permitem recortar apenas uma metade do fato simétrico para o obter por inteiro – há um sem número de actividades a propor em torno deste subtema.





5 - Em torno da vida de família pode-se articular uma grande variedade de problemas. Sugerimos alguns.

A. Uma visita à irmã

A Samaritana foi visitar a irmã, que vive em Lisboa num prédio de 15 andares. Quando entrou no elevador, este já estava muito cheio. A Samaritana carregou no botão do andar onde a sua irmã Miléne vivia, mas a viagem não foi directa porque o elevador tinha a memória electrónica avariada.

Subiu do rés-do-chão até ao oitavo andar, desceu dois andares e logo a seguir desceu quatro andares. Voltou a subir um andar e, por fim, mais sete andares. Chegou finalmente ao andar da sua irmã...  
 Em que andar vivia a Miléne?

Eis dois diagramas de solução, um apresentado pelo Ruben e outro pela Raquel:

O elevador

O prédio tem 15 andares

$$\begin{array}{r}
 +0 \\
 +8 \\
 -2 \\
 -4 \\
 +1 \\
 +7 \\
 \hline
 10
 \end{array}$$

A Miléne mora no 10º andar

8

② ↓

6

④ ↓

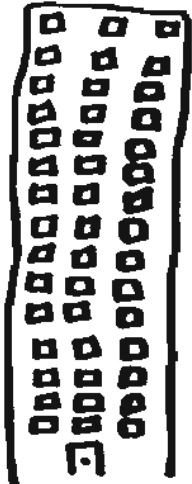
2

10

↑ ③

3

↑ ①



Ruben

Raquel



## B. O presente de casamento

Quando a Miléne se casou, o seu primo ficou muito contente. Como prova dessa alegria ofereceu-lhe sete bonequinhas de ouro!

Tinham todas tamanhos diferentes. Sabemos que, quando colocadas por ordem crescente de tamanhos, cada uma dessas bonecas era duas gramas mais pesada do que a anterior. Se a boneca mais pesada tiver cento e vinte e cinco gramas, quanto pesarão todas as bonecas?

### Presente de casamento



$$\begin{array}{r} 113 \\ 115 \\ 117 \\ 119 \\ 121 \\ 123 \\ 125 \\ \hline 833 \end{array}$$

Todas as bonecas de ouro  
pesam 833 g.

**C. Era uma vez uma família de tartarugas**

No jardim da Catarina vive uma família de tartarugas muito felizes, pois gozam de um belo tanque cheio de água limpinha, divertem-se com as libelinhas e as abelhas que voam sobre a água e as flores e – sobretudo – estão muito bem alimentadas pelos cuidados de Catarina que não se esquece nunca de lhes dar de comer.

Um dia os pais da Catarina ouviram falar de um xarope especial para tartarugas, que se misturava na comida e fortalecia a sua bela carapaça luzidia. Perguntaram ao veterinário qual era a quantidade desse maravilhoso xarope que deviam comprar e o veterinário explicou que a dose dependia do peso das tartarugas.

A Catarina sabia que as três tartarugas que formavam esta família feliz pesavam, em conjunto, dois quilos e oitocentas gramas. Sabia também que a tartaruga-Mãe pesava o dobro da tartaruga-Filha, e que a tartaruga-Pai pesava o dobro da tartaruga-Mãe.

Quanto pesava cada uma das tartarugas da família?

*As tartarugas*

2,8kg das 3 tartarugas

$400g$   
 $800g$   
 $1600g$

$2,8kg$  das 3 tartarugas

$400g \times 2 = 800g$

$800g \times 2 = 1600g$

$1600$   
 $800$   
 $+400$   


---

 $2800$

$2,8 \overline{) 7}$   
 $0,4$

$Kg \mid hg \mid dag \mid g$   
 $0 \mid 4 \mid 0 \mid 0$





## *A vivência do espaço e do tempo*

### **1**

**O tempo é encarado de modo muito diferente nas sociedades urbanas e nas sociedades nómadas ou semi-nómadas. Estas últimas olham menos para o relógio, deixam correr mais generosamente o tempo...**

Para termos uma *ideia comparada da duração dos tempos de lazer ou de comemoração*, por exemplo, entre as comunidades das crianças lusas e ciganas, **podemos recolher informações sobre o tempo (semanas, dias ou horas) que duram:**

- o período de trabalho quotidiano dos pais (regular ou irregular, conforme as profissões)
- períodos de férias ou descanso dos pais
- uma festa de casamento
- um aniversário
- a celebração de um luto
- as visitas a familiares
- certos jogos ou passatempos sociais
- (...)

Resultados confrontar através do *diálogo e de registos gráficos*, de modo a que a classe tome consciência das diferenças e das razões dessas diferenças.

### **2**

A maneira de viver o tempo está ligada à maneira de viver o espaço. No caso das populações itinerantes, a experiência quotidiana do espaço é bem mais vasta do que a das populações urbanas.

As sugestões que a seguir se apresentam devem ser adaptadas às crianças às quais se dirigem. No caso de crianças ciganas, podemos propor:

**A.**

**Desenha uma das feiras onde os teus pais costumam ir vender.**

**Se já acompanhastes os teus pais até ao campo (na altura da apanha das azeitonas, das sementeiras ou das colheitas) desenha-o também.**



**B.**

**Mostra se estes lugares estão perto ou longe do sítio onde moras, começando por desenhar no centro do papel a tua casa e depois os caminhos que vão dar às feiras ou aos campos que conheces.**

Neste exercício será preciso *ajudar cada aluno a orientar-se relativamente aos 4 pontos cardiais*. Para em seguida facilitar a representação que vai fazer, convém colocar o centro da rosa-dos-ventos exactamente na casa onde mora. É também necessário discutir com cada um as distâncias que desenhou (sob a forma de caminhos ou de setas) para que não haja disparidades gritantes entre as estimativas das medidas consideradas (isto é, para que se possam considerar razoavelmente correctas umas em relação às outras).



### 3

Os jogos de atenção ao espaço (e a partes do espaço) compreendem actividades de pavimentação de superfícies, que não só habituam as crianças a lidar espontaneamente com áreas como a desenvolver motivos criativos a seu gosto.

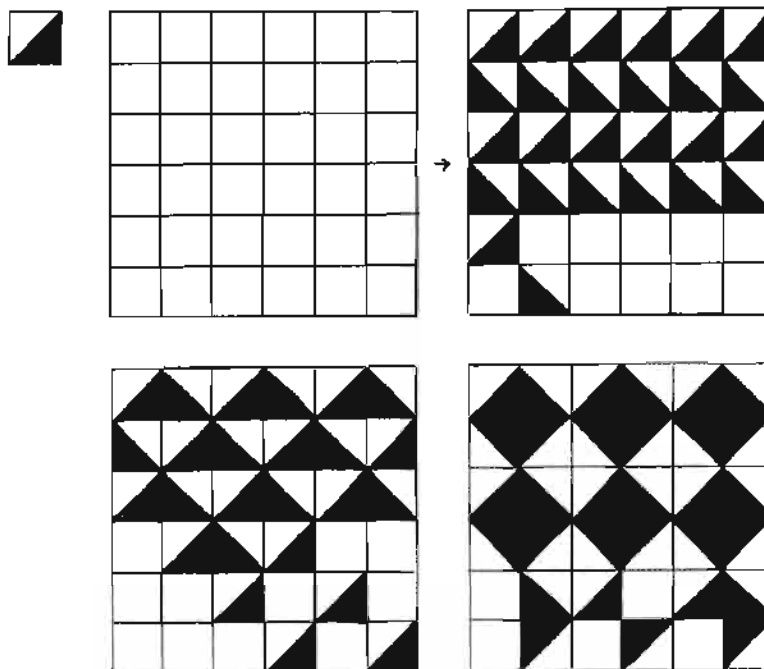
Uma vez concebidas, é importante que os alunos as comparem e apreciem entre si. A comparação da “beleza” das diferentes decorações criadas leva-nos também a penetrar nos universos do gosto de cada criança (e, talvez, de cada grupo sociocultural) – além de constituir um estímulo colectivo muito forte no que respeita o desenvolvimento visual, estético e lúdico do grupo de crianças em jogo.

#### **Criação decorativa de uma área pavimentada**

**Peçamos às crianças para desenharem 1 ou 2 motivos (figuras) diferentes, cada um em seu quadradinho.**

**Imaginemos que cada quadradinho era um azulejo e que com esses azulejos iam cobrir o chão do seu quarto, ou da sua sala de aula. Esse chão tem a forma de um quadrado grande (6x6=36 quadradinhos pequenos). Como disporiam alternadamente os 18 azulejos de cada espécie?**

Observação: os alunos mais velhos podem inventar 2 ou 3 tipos de azulejo diferentes (alguns com figuras outros só com cores lisas variadas).



*Constatar se os motivos – formas e cores – escolhidos pelas crianças ciganas, lusas ou africanas apresentam tipos distintos, de forma a apontarem para estéticas ou gostos diferenciados...*

4

A vivência do espaço pode ser traduzida pela experiência da mobilidade que, num contexto de matemática e atendendo às diferentes faixas etárias, é representada por:

- localização de pontos no plano;
- caminhos, itinerários, circuitos;
- traçado de mapas;
- utilização de coordenadas cartesianas.

*Para termos uma ideia da diferença de mobilidade, por exemplo, entre as famílias ciganas e as lusas, podemos começar por fazer com os alunos um levantamento dos locais que são por elas habitualmente visitadas todas as semanas.*

### **Actividades de localização (espaços exteriores)**

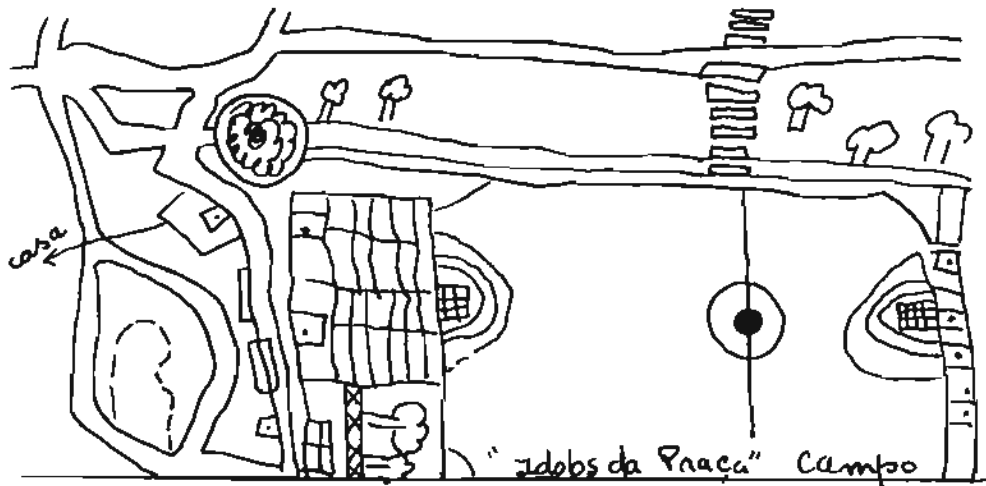
**A. Pedir às crianças para marcarem, numa folha de papel reticulado, os lugares onde elas se deslocam todas as semanas (podem previamente desenhá-los um por um antes de os situar conjuntamente no espaço do papel, ou “mapa”).**



**Diana**

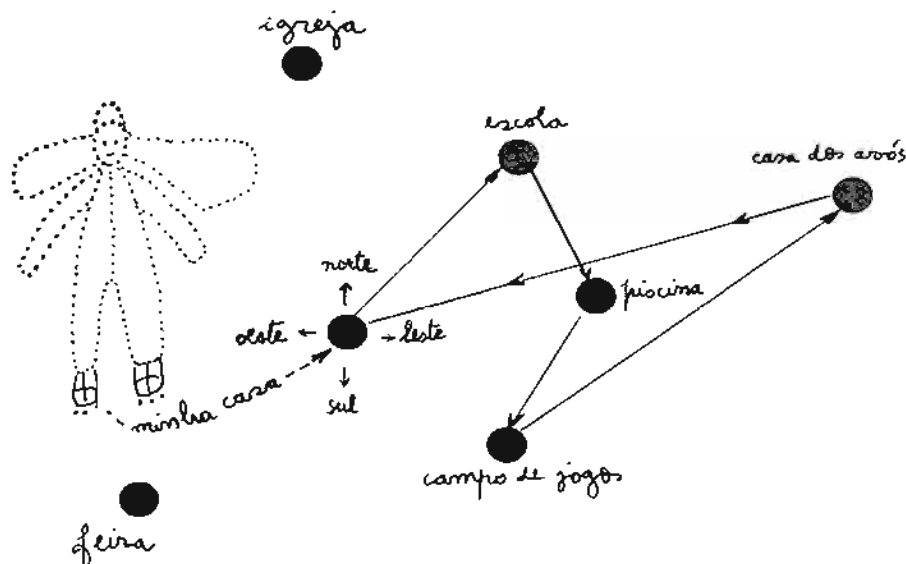


**António**



Aconselhamos que a sua própria casa seja tomada como referência (ou origem). Verificar, com cada aluno, se por exemplo o campo de jogos está “acima” (norte) ou “abaixo” (sul) da sua casa; ou se a igreja se encontra mais perto da casa do que a piscina (relacionar “à direita” e “à esquerda” com o oriente e o ocidente)...

Depois descrever caminhos (ou itinerários) unindo os lugares que foram representados por segmentos de recta (com uma seta a indicar o sentido do percurso).



Os alunos das classes mais adiantadas podem iniciar-se, a partir daqui, em distâncias percorridas já não livremente, mas através de “ruas” perpendiculares e paralelas (usando agora não uma folha branca de papel, mas papel quadriculado).

**B. O mesmo tipo de actividades no que respeita os lugares onde os seus pais se deslocam todas as semanas (local de trabalho, de vendas, casa de parentes, supermercados, cafés, etc.).**



**C. Não esquecer também a representação dos espaços proibidos às crianças – lugares onde não devem ir e porquê (perigo de acidente, ataques, lutas, conflitos, discussões...).**

*Tentar comparar sempre os resultados obtidos em cada uma das etnias e deixar que as crianças – através do diálogo com os companheiros – entendam o porquê das diferenças.*

### **Brincando aos arquitectos (espaços interiores)**

*A casa é sem dúvida o espaço interior mais íntimo com o qual a família se relaciona. A propósito da importância desta relação inserimos um relatório feito numa escola de Setúbal, do qual podemos extrair dados extremamente relevantes. Por exemplo, neste grupo de 17 alunos (14 rapazes e 3 raparigas) encontramos:*

Mães	Pais
2 desempregadas	6 trabalham nas obras
3 fazem comer e lavam a loiça	3 trabalham na venda
3 trabalham na venda	1 carpinteiro
1 varre as ruas	1 trabalha no mar
1 trabalha na lota	1 dono de café
1 dona de supermercado	
1 empregada no Pingo Doce (limpezas?)	
1 empregada nos correios (idem)	



Nem todas as crianças vivem com a mãe e com o pai – ou porque morreram ou porque estão “no Algarve”, “em França” ou “em Cabo Verde”...

Vivem pelo menos 4 pessoas na mesma casa. Normalmente moram juntos 5 ou 6 membros da família, em “prédios” ou “casas pequenas” (há uma avó que trata da horta e vive numa casa de palha e tijolo).

Só 4 crianças dormem em quartos individuais. Chegam a partilhar a cama com a avó, a mãe, a irmã ou um primo.

No quarto do Vitor dormem 5 pessoas. Na casa do Joel moram 9 pessoas e ele diz: “éramos pobres se não tivéssemos família”. De facto os irmãos, os tios, os primos e os avós ajudam porque “fazem navios”, “entregam pizzas”, “são polícias”, “carregam cimento” (...). As mulheres podem ser “amas”, “contínuas”, “cabeleireiras” ou “terem patroas” (...).

Também há familiares que não podem trabalhar: os mais velhos “porque têm as costas partidas” e os mais novos “porque brincam todo o dia”...

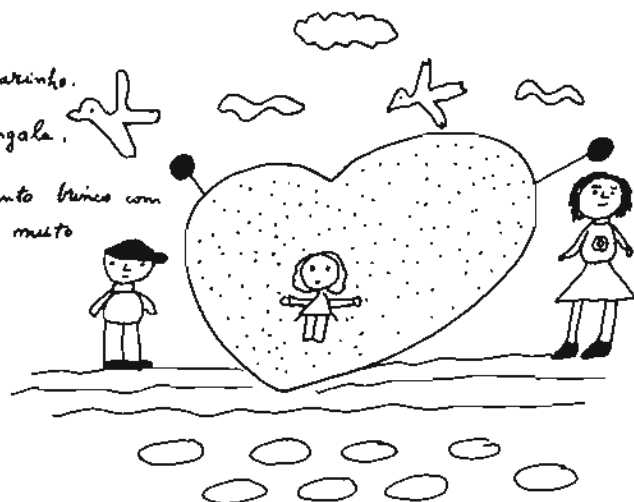


A minha família é de cor e divertida.  
A minha tia, irmã da minha mãe, não trabalha e o meu tio (irmão do meu pai) trabalha nas obras.  
O resto da minha família alguns trabalham nas obras e outros trabalham em super-mercados e alguns não trabalham, mas também gosto imenso deles.

A na Cristina

As minhas famílias são muito boas.  
As minhas tias são boas, dão-me muito carinho.  
Os meus tios também.  
Tenho quatro irmãos, mas estão em Angola, junto com os meus pais.  
Tenho vinte primos cá. De vez em quando brinco com eles. Tenho dois avós que também são muito boas.

As minhas famílias são todas unidas!



Esmeralda

Nome da criança	Quem faz parte da família? O que é a família?	Onde vivem?	O que fazem?	Quantas pessoas vivem na tua casa?	Como é a tua casa?
João	Pais, tios, avós, um irmão, um sobrinho, uma sobrinha.	Irmão vive no Faralhão, numa casa pequena; irmão vive em apartamento; avó vive num prédio no Viso.	Pai vai ao mar; mãe trabalha no Outão e faz limpezas; irmã mais nova estuda; avó tem as costas partidas e não faz nada.	Vivem 4 pessoas (pai, mãe, irmão, João)	Prédio azul na Bela Vista. Divide o quarto com a irmã. Dorme num beliche.
Ricardo	Avô, avó, pai, mãe, irmão, irmã, primos, tios e tias (a mãe tem 11 irmãos, o pai tem 3 irmãos). Os pais são primos. Os padrinhos são o avô e a avó paternos. Primos irmãos são primos cujos pais são irmãos. A família serve para dar prendas, ajudar uns aos outros. A família é boa.	Avô vive no Vale do Cobro num prédio; outro avô vive no bairro dos Índios num prédio; os tios de Sines vivem em casa.	Pais vão vender. O pai vende calçado e a mãe vende roupa. Toda a família vende.	Vivem 5 pessoas (pai, mãe, irmã, irmão, Ricardo)	Vive nos Jardins do Sado num prédio. Tem um quarto individual.
Nelson	Irmãos, pais, filhos etc... A família serve para ajudar, para arrumar a roupa; é muito grande.	As pessoas da minha família vivem em prédios e vivendas.	Avô materno vive numa vivenda no Peixe Frito.	Vivem 5 pessoas (pai, mãe, irmã, irmão, Nelson)	Vive no Vale do Cobro num prédio. Divide o quarto com o irmão e tem 2 camas no quarto.
Angelo	Avô, Avó, tio, tia, mãe.	Vive num prédio.	Avô trabalha fora, avó trabalha em casa.	Vivem 6 pessoas (avó, avô, tio, tia, mãe, Angelo)	Dorme na cama da avó.
Pedro e António	Pai, mãe, 2 irmãos, 2 irmãs, tio, tia, avô, avó, marido da avó, bisavó, padrinho. A família serve para tomar conta, fazer o comer, ajudar.	Vivem em prédios mas a avó da Carrasqueira vive numa casa de palha e tijolo.	Mãe trabalha na Setenave, faz o comer e lava a loiça; avó faz navios; avó é "contínua"; pai trabalha nas obras; tio é polícia; tia é cabeleireira; avó da Carrasqueira trata da horta; Tânia, a irmã mais nova, brinca.	Vivem 5 pessoas (pai, mãe, irmã, Pedro e António)	Vivem em prédio na Bela Vista. Dividem o quarto, têm 2 camas no quarto





Alexandre	Avó, avó, bisavó, pai, mãe, tio, tia, irmão.	Vivem em prédios.	Pai é carpinteiro; mãe trabalha no Pingo Doce; avó é cozinheira, no Isidro; avó trabalha na estiva; tio entrega pizzas; tia trabalha em casa.	Vivem 4 pessoas (pai, mãe, irmão, Alexandre).	Vive num prédio. Tem um quarto individual.
Manuel	Avó, avó, pai, mãe, tio, primos, tias, 5 irmãs, irmão, padrinhos, bisavó, bisavó.	Vivem em prédios mas os avós de Santarém vivem em casa pequenas.	Mãe trabalha nos Correios, faz limpezas; pai vende fruta na rua; tio trabalha nas obras e os outros numa fábrica.	Vivem 6 pessoas (pai, mãe, tio, primas, Manuel).	Vive num prédio na Bela Vista. Dorme num quarto com o pai, a mãe e a irmã. Divide a cama com a irmã.
Odair	2 padrinhos, 2 madrinhas, 1 irmão, 2 irmãos mortos, 6 primos, 1 primo, pai, mãe, avó, avó, bisavó, bisavó (já morreu), 3 tias, 1 tio.	Vivem em prédios mas o pai, em Cabo-verde, vive numa casa.	Avó trabalha na casa das patroas e a tia também; avó trabalha nas obras, carrega cimento, areia, chapa, tijolo; mãe trabalha no Algarve; pai trabalha nas obras a fazer aquelas casa pequenas lá em Cabo-verde.	Vivem 5 pessoas (avó, avó, bisavó, tia, Odair).	Vive num prédio na Bela Vista. Dorme no quarto com a bisavó e a tia; divide a cama com a irmã.
Rogério	Mãe, 2 irmãs, 1 irmão, avó, avó, primos, primas, tios, tias, padrinho, madrinha, bisavós.	Vivem em prédios.	Mãe desempregada; tios trabalham nas obras.	Vivem 4 pessoas (mãe, irmão –detido, irmã, Rogério).	Vive num prédio na Bela Vista, divide o quarto com a irmã, tem 2 camas no quarto.
Luis	Pai, mãe, tio, uma avó, mais outra avó, irmão e irmã. A família serve para dar carinhos, brinquedos, prendas.	Vivem em prédios	Mãe trabalha no Faralhão, limpa ruas; irmão trabalha nos móveis; irmã está desempregada; pai trabalha em França.	Vivem 6 pessoas (pai, mãe, irmão, irmã, amigo do irmão, Luis).	Vive num prédio na Bela Vista. Dorme com a mãe.
Fátima	Avó, tio, tia madrinha, padrinho, mãe, pai, amo, manas, um avó que já morreu. A família serve para ajudar, dar prendas.	Vivem em prédios.	Pai trabalha nas obras; mãe trabalha num restaurante; tia é ama.	Vivem 3 pessoas (pai, mãe, Fátima).	Vive num prédio na Bela Vista. Tem um quarto individual.
Leandro	Bisavós morreram, avó 4 tios, uma tia, mãe, 3 tias, 1 primo, namorado da mãe.	Vivem em prédios; o tio "Neu" vive numa vivenda.	Mãe está desempregada; tio faz casas; tia trabalha numa creche; avó não trabalha.	Vivem 6 pessoas (mãe, namorado da mãe, tio, tia, primo, o Leandro).	Vive num prédio na Bela Vista. Dorme com a mãe.

Raquel	Mãe, pai, 2 irmãs, primo, prima, 3 tias, tias adoptivas, avô, 3 tios, padrinho.	Vivem em prédios e vivendas.	Mãe tem um supermercado e trabalha lá; pai tem um café e trabalha lá; a irmã Andreia estuda no Algarve e está a tirar a carta.	Vivem 5 pessoas (irmã Andreia, pai, mãe, irmã, Tânia, Raquel).	Vivenda nas Manteigadas; divide o quarto com a irmã Tânia mas em camas separadas.
Vitor	Tia, mãe, padrinho, madrinha, pai, mãe, irmãos, primos, tinha 3 avós mas um já morreu.	Vivem em prédios, mas em Cabo-verde vivem em casa de pedra.	Não sabe. A mãe vende roupa.	Não sabe.	Vive num prédio na Bela Vista.
Jessica	Avó, avô morreu, pai, mãe, mano, tias.	Vive em prédio.	Pai trabalha nas obras, mãe desempregada.	Vivem 4 pessoas (mãe, pai, irmão, Jessica).	Vive em prédio. Tem um quarto individual.
Joel	Mãe, pai, 3 irmãos, primo, Edmilson, padrinho, tio, tia, sobrinhos. Éramos pobres se não tivéssemos família.	Vivem em prédios.	Mãe trabalha na loja; pai trabalha em Palmela nas obras; irmãs trabalham, irmão trabalha.	Vivem 9 pessoas.	Vive num prédio na Bela Vista. Dorme com o primo na mesma cama. Nesse quarto também dorme uma irmã e os seus dois filhos.

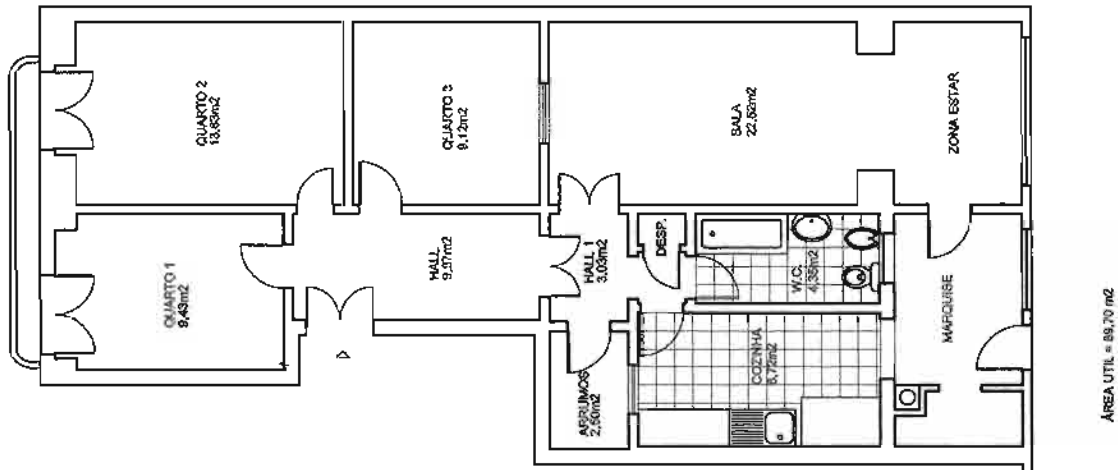
As actividades propostas devem ser mais ou menos detalhadas de acordo com as capacidades dos alunos. As plantas obtidas serão analisadas, criticadas e eventualmente transformadas pelo grupo nelas envolvido.

**Imaginemos que sobrevoávamos de avião uma casa com telhados e paredes de vidro. Como desenharíamos as diferentes divisões da casa? Como marcaríamos os sítios onde há portas e janelas?**

Os alunos mais velhos, depois de fazerem a planta do andar, podem começar “a ver de cima” os móveis, o fogão, a banheira, etc... Também podem escolher fazer a planta da sua escola, de um campo de desporto, de uma praia conhecida (...).

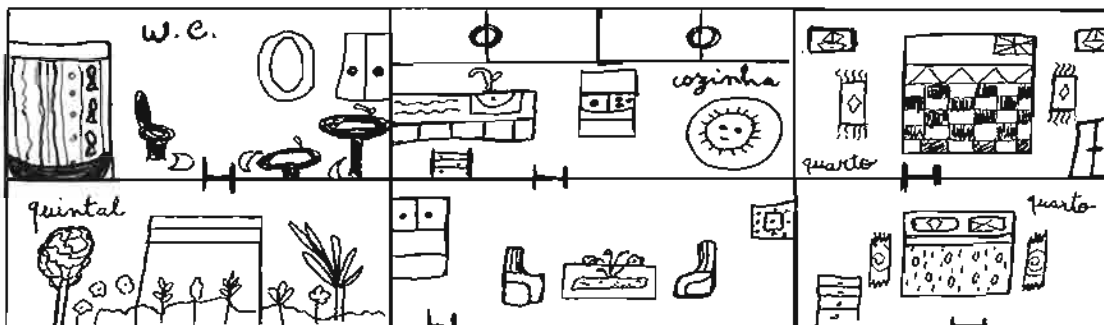


A planta que a seguir se insere foi desenhada por um "arquitecto verdadeiro" e representa um apartamento urbano:



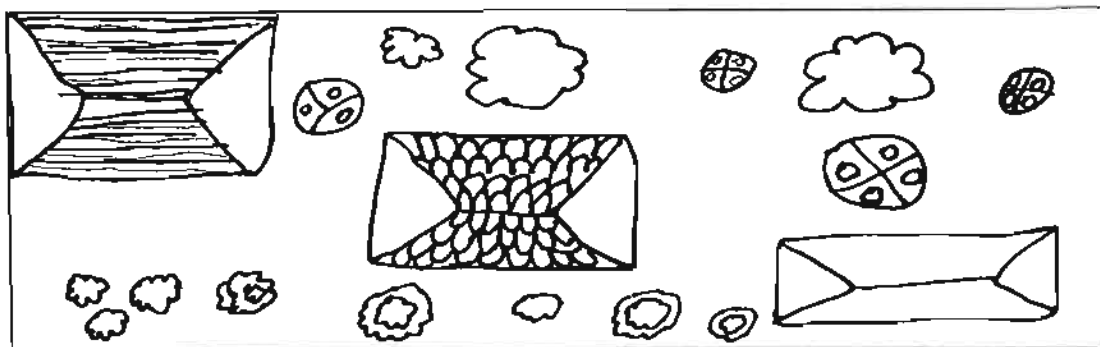
Eis algumas das representações feitas por crianças de diferentes idades:

*a minha casa ...*

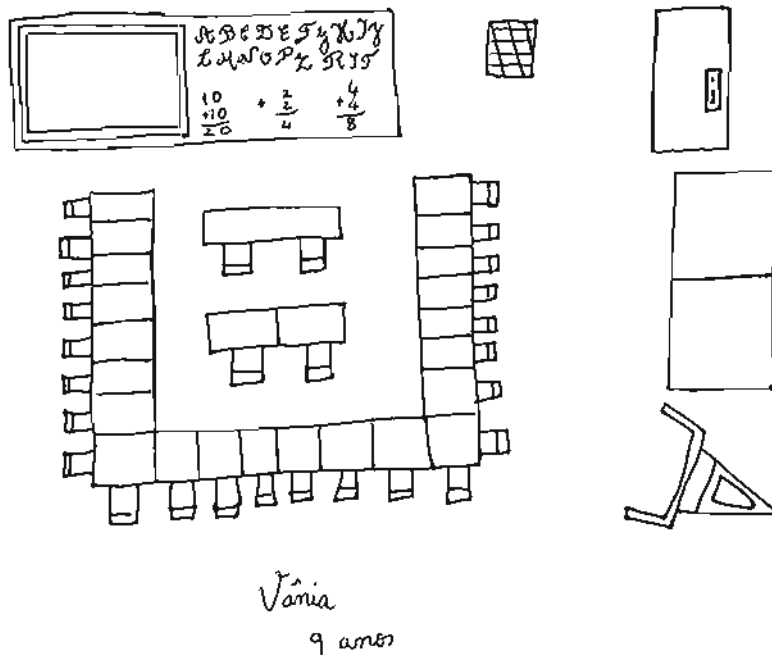


Esmeralda  
13 anos

*a Escola*

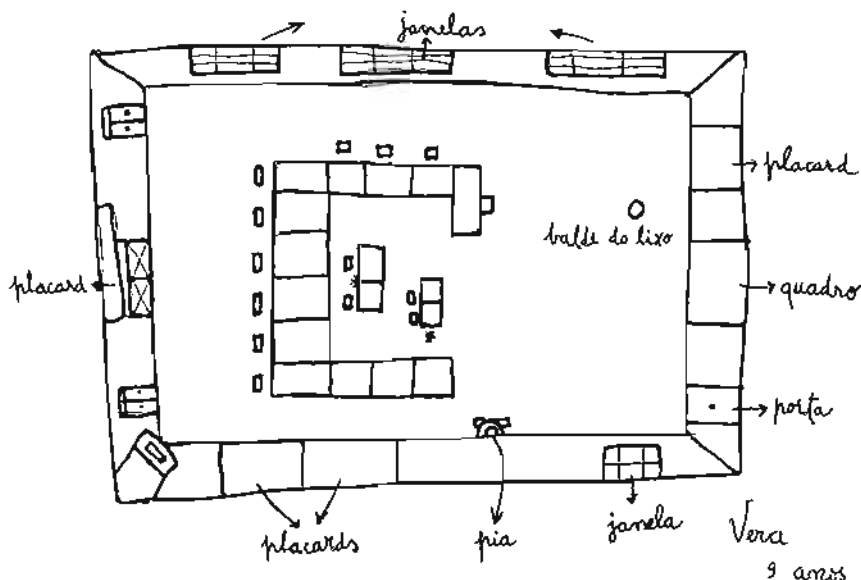


Adádia  
11 anos



Constatamos que a escola foi vista, realmente, de cima para baixo – como se tivesse sido sobrevoada. O mesmo aconteceu no que respeita as diferentes divisões do apartamento, que foram desenhadas pela Esmeralda olhando a partir de um “telhado de vidro”; mas no que respeita aos móveis que aparecem em cada divisão, foram desenhados vistos de frente (revelando um detalhe afectuosamente fiel).

Nas salas de aula que a seguir se apresentam, vemos que a Vera fez um grande esforço de planificação abstracta, enquanto a Vânia não resistiu a representar de frente o quadro preto (exprimindo assim a sua importância essencial):



O professor/educador poderá, a partir destes olhares “de cima” e “de frente”, iniciar os alunos mais adiantadas nas *projeções verticais e horizontais* a traçar no plano do papel.



### **A Gestão Doméstica dos Recursos Financeiros**

Já foi mencionada, na nota introdutória, a dificuldade que a população cigana experimenta face a uma gestão regular dos recursos mensais. Procurou-se despertar os alunos para o necessário controlo desta situação através de um jogo que integrasse os diferentes pagamentos mensais da família, por exemplo:

- renda de casa
- água
- luz
- telefone
- transportes
- alimentação.

Como “nem só de pão vive o homem”, o ideal seria também contemplar despesas relacionadas com:

- tempos de lazer (cinema, desporto, férias, festas...)
- presentes a oferecer (ou outras formas de exercício da *gratuidade*)
- pedidos de empréstimo (ou outras formas de *solidariedade*)

Este último item tende a contrariar a tendência que frequentemente, neste tipo de jogos, se traduz pela triste frase “estás falido, saís do jogo!” e a criar uma atitude de confiança mútua na vida social quotidiana.

Partilhamos convosco o jogo que foi concebido por Carla Oliveira e a sua equipa de trabalho (Setúbal – projecto “Nómada”), esperando que possa inspirar e apoiar acções a desenvolver neste sentido. Eis uma apresentação do jogo que propõem:

*“O desafio lançado foi aceite, e procurámos perceber em que medida este jogo poderia ser, não só um instrumento útil no colmatar de necessidades, mas também uma contribuição para a aprendizagem de novos conteúdos – matemáticos, linguísticos, sociais.*

*A elaboração das regras do jogo compreendeu:*

- a definição do número de jogadores e as funções dos mesmos;
- a tipologia dos cartões a utilizar tendo em conta os salários mensais correspondentes a diferentes profissões (ou o valor ganho por dia – caso dos vendedores ambulantes);
- cartões relativos às rendas de casa (tendo em conta diferentes tipos de habitação);
- cartões relativos a transportes (correspondendo a vários meios de locomoção);
- cartões “euro” (contendo informações sobre despesas de água, luz, gás, telefone);
- tabelas de supermercado (onde o jogador selecciona os alimentos a comprar);
- tabelas de registo de despesas mensais (destinadas ao controle das mesmas);
- construção do tabuleiro do jogo e respectivas casas;
- número de vezes que o jogador deve passar pelas referidas casas, durante os dias do mês (a duração do jogo que corresponde ao período de um mês) ”.

## **Regras do Euro Jogo**

1. Este jogo é constituído por um tabuleiro, uma caixa com vários *cartões de jogo*, *moedas e notas euro* (banca), *4 pedrinhas de diferentes cores e 1 dado*.
2. No início do jogo são distribuídos aos participantes os cartões correspondentes às *profissões, rendas de casa e transportes*; cada jogador fica com um de cada tipo de cartões mencionados (não podendo trocar nem devolver estes cartões durante o jogo).
3. No decorrer do jogo, o jogador deve passar obrigatoriamente 1 vez pelas casas correspondentes à *luz, água, telefone e gás*; deve registar estes pagamentos na sua “*tabela de despesas*”.
4. Para saber quais os montantes que deve pagar pela luz, água, telefone e gás, deve retirar um *cartão euro*.
5. Cada participante deve ir ao *supermercado* pelo menos 4 vezes por mês (a duração do jogo corresponde a 1 mês). Sempre que o faça deve retirar um “*cartão de compras*” e nele escolher o que vai comprar.
6. O jogador move-se livremente no tabuleiro do jogo: para cumprir as regras anteriores pode deslocar-se para a frente ou para trás, tantas casas quantas as indicadas pelo dado que lançou.
7. Cada participante deve passar nas casas dos *tempos livres* e nas casas euro pelo menos 2 vezes por mês. Para isso retira um dos cartões assinalados, cumprindo o que nele está escrito.
8. Podem participar no jogo 4 jogadores, devendo um deles ser o responsável pela banca.
9. Ganha quem, ao atingir o final do mês, tenha conseguido pagar as suas despesas e poupar algum dinheiro.

O tabuleiro rectangular do jogo foi construído com 8 x 11 casas. Num dos vértices do rectângulo marcou-se a casa correspondente à partida e ao fim do percurso lúdico.

A função de cada casa do tabuleiro estava indicada através de figuras (que se repetiam 4 vezes, alternadamente, ao longo do percurso rectangular). Por exemplo, usaram-se:

- um balcão bancário atendendo clientes → *banca*
- uma torneira → *água*
- um telefone → *chamadas*
- uma lâmpada → *luz*
- um bico aceso → *gás*



- um carrinho de supermercado → *alimentação*
- uma nota de 100 euros → *montantes a disponibilizar aos jogadores*
- um par a dançar → *tempos livres e lazer.*

Desenharam-se notas e moedas de todos os valores, em número suficiente de exemplares para prover os 4 jogadores dos montantes necessários ao desenrolar do jogo.

Apresentam-se em seguida alguns exemplos das fichas ou cartões postos à disposição dos participantes:

Profissão : *mecânico*

Local de trabalho :  
*Oficina de automóveis*  
– *Pé na tábuca.*


Ordenado :  
498,80 €



Profissão : *Empregada de mesa*

Local de trabalho :  
*Restaurante – Al dente.*

Ordenado :  
409,01 €



Profissão : *vendedor ambulante*

Local de trabalho :  
*Feiras e mercados*

Ordenado :  
15 € / por dia



Profissão : *electricista*

Local de trabalho :  
*EDP – Setúbal*


Ordenado :  
399,04 €



Profissão : *jardineira*

Local de trabalho :  
*Câmara Municipal de Setúbal*


Ordenado :  
364,12 €



Profissão : *Empregado de limpeza*

Local de trabalho :  
*Firma de limpeza – limpasado*


Ordenado :  
349,16 €



Profissão : *carpinteiro*

Local de trabalho :  
*oficina de madeiras*  
"Pinho verde"

Ordenado :  
399,04 €











Profissão *cabeleireira*









Local de trabalho :  
*Salão de cabeleireiro –*  
*cabelos ao vento*

Ordenado :  
374,10 €





 <b>supermercado</b>	
PRODUTOS	PREÇO
Leite 	0,80 €
Carne 	6,5 €
Peixe 	5,5 €
Fruta 	3 €
Iogurtes 	2,10 €
Queijo 	2 €
Cereais 	1,30 €
Pasta de dentes 	2,10 €
Pão 	0,60 €
Champoo	2,80 €
Sabonetes	0,60 €
Detergentes	2,10 €
Total despesa	€

<b>Registo das despesas</b>	
	VALOR
Alimentação 	€
Água 	€
Luz 	€
Telefone 	€
Gás 	€
Renda da casa 	€
Transportes 	€
Tempos Livres 	€
Total despesa	€
Ordenado	
Despesas	
Dinheiro Poupado	





## autocarro

Custo : uma  
carteira de bilhetes  
2,5 € (dois euros e  
cinquenta  
cêntimos), chega  
para uma semana.



## mota

Custo : 5 € (cinco  
euros ) de gasóleo,  
chega para quatro  
dias.



## a pé

Custo : zero €  
(euros) e muito  
exercício



O "Euro Jogo" permite a abordagem de diferentes temáticas socializantes, desenvolvidas num processo de parceria educador/classe.

*Processo que reflecte uma experiência concreta, sensível, interactiva e globalizante de estar na matemática, na vida e – naturalmente – na educação multicultural.*



## *Anexos*

- O ICE e o Projecto Nómada
- Por onde e com quem “andarilhou” o Nómada
- Associações Ciganas em Portugal
- Bibliografia seleccionada sobre etnia cigana

## **O ICE e o Projecto Nómada**

O Nómada é um projecto, entre outros, promovido pelo ICE-Instituto das Comunidades Educativas - associação particular sem fins lucrativos de utilidade pública constituída em 1992, tendo como lema "dar espaço ao local, tempo à sua afirmação e poder ao seu poder" e visando essencialmente:

- Privilegiar as comunidades locais enquanto objecto de intervenção na perspectiva da sua afirmação e desenvolvimento;
- Trabalhar a dimensão educativa enquanto vertente de um desenvolvimento integrado e sistémico e meio privilegiado de criação de dinâmicas sociais e solidárias;
- Considerar a educação formal, não formal e informal como manifestações interdependentes e relativamente autónomas do processo educativo enquanto acto cultural;
- Reconhecer a diversidade e recuperar a diferença resultantes das dinâmicas sociais locais enquanto motor da sua intervenção.

O projecto Nómada nasceu em 1995/96<sup>42</sup>, antes do aparecimento do fenómeno Rendimento Mínimo Garantido que veio dar maior visibilidade às comunidades ciganas nas escolas, (e não só) procurando combater a intolerância, a xenofobia, o racismo, a exclusão escolar, cultural e social a que as comunidades ciganas têm vindo a ser votadas.

Neste sentido, e especificamente, o projecto Nómada tem como finalidades:

- a valorização e dignificação da cultura cigana;
- a identificação de pessoas e organizações significativas que tenham relações privilegiadas com as comunidades ciganas;
- a construção e consolidação de malhas de parcerias territorializadas;
- a mudança de atitudes e de práticas promotoras da democracia participativa assente na solidariedade com a diferença.

Tendo por esteio o apoio de pessoas, colectivas e individuais, públicas e privadas, espaços de educação formal, informal e não formal, o Projecto Nómada envolve presentemente:

- perto de 50 organizações (entre Escolas, Centros Comunitários, Associações, Autarquias, Educação de Adultos, Educação de Infância e individualidades,...);
- cerca de 100 profissionais (entre professores, educadores, animadores, técnicos das autarquias, técnicos de serviço social, etc.);
- cerca de 1000 ciganos,
- distribuídos em 13 concelhos do sul do país: da Península de Setúbal ao Algarve, passando pelo Alentejo (Almada, Seixal, Palmela, Setúbal, Beja, Serpa, Mértola, Moura, Faro, São Brás de Alportel, Silves, Lagoa, Portimão).

42. O Projecto foi concebido em 1994/95, fruto da experiência implementada pelo Projecto de Alfabetização Informal e Comunitária desenvolvido pelo CAIC-Centro de Animação Infantil e Comunitária da Bela Vista, para um horizonte temporal de 9 anos, distribuídos em 3 fases com a duração de 3 anos cada. Assim, o projecto está previsto terminar em 2003/04, estando a ser avaliado para prosseguir com o Nómada II reformulado, a partir de 2004/2005.

No intuito de ir transformando as diversificadas organizações parceiras em verdadeiros espaços comunitários caracterizados por:

- haver reorganização e flexibilização dos tempos e dos espaços;
- serem organizadores e produtores de saberes pertinentes;
- permitirem a reversibilidade dos papéis;
- serem (re)distribuidores de poderes;
- e serem espaços de realização de direitos e de exercício de cidadania;

O projecto Nómada procura identificar, rentabilizar e potencializar as redes de relações informais e as dinâmicas sociais e comunitárias enquanto estratégias fundamentais de participação e de intervenção democráticas, baseadas num processo permanente de negociação e de construção de parcerias, no sentido de ir tecendo uma rede de pessoas e organizações significativas com relações privilegiadas com as comunidades ciganas.

Este projecto desenvolve-se em torno de quatro grandes iniciativas reciprocamente interdependentes:

- 1) a *Animação nos Mercados e na Rua* que visa, através da convivência e da ludicidade
  - a participação das famílias nas actividades socioeducativas dos filhos;
  - a interacção social enquanto encontro de culturas e espaços de aprendizagens interculturais;
  - a sensibilização das famílias para a cultura escolar e a sensibilização das escolas para a cultura familiar/doméstica;
  - a democratização, explicitação e intersecção de saberes formais e informais
  - e dar visibilidade social ao acto educativo enquanto acto cultural.
  
- 2) A *Ecoformação*, enquanto modalidade de formação<sup>43</sup> de professores e educadores (e demais actores sociais) e enquanto espaço de reflexão que promova e permita
  - um acompanhamento metodológico aos profissionais;
  - uma reflexão sobre as práticas sociais e educativas enquanto actos culturais;
  - a identificação de estratégias de intervenção social promotoras de participação e de cidadania;
  - a racionalização (gestão emocional) das incertezas e das inseguranças
  - e a consolidação e sistematização dos saberes que vão emergindo e se vão construindo sobre as práticas reflectidas.
  
- 3) A *dinamização e constituição de grupos culturais ciganos* que promovam a dignificação da cultura cigana;
  
- 4) o *Jornal Andarilho* enquanto espaço de divulgação e de partilha das práticas educativas e da cultura cigana.

43. O ICE procura, enquanto estratégia de acção no quadro do desenvolvimento dos seus projectos, formalizar o tempo e o esforço que os professores despendem assim como as energias mobilizadas e/ou a mobilizar na/para a reflexão sobre as práticas em formação acreditada pelo CCPFC-Conselho Científico Pedagógico de Formação Contínua.

**Por Onde "Andarilhou" o Nómada**  
(entre 1995/96 e 2003/2004)

**PENÍNSULA DE SETÚBAL**

Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro  
Associação para o Desenvolvimento das Mulheres  
e Crianças Ciganas Portuguesas  
Caritas Diocesana de Setúbal  
Centro Comunitário PIA II  
Centro de Animação Infantil e Comunitária da Bela Vista  
Centro de Bem Estar Social do Laranjeiro  
Centro de Formação Profissional do Seixal/CEFEM  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente de Almada  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente do Seixal  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente Setúbal  
Divisão da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal  
Divisão de Educação da Câmara Municipal de Almada  
Divisão de Intervenção Social da Câmara Municipal de Setúbal  
EB1 das Manteigadas (Setúbal)  
EB1 n.º1 de Arrentela  
EB1 n.º1 do Alfeite  
EB1 n.º1 do Feijó  
EB1 n.º1 do Laranjeiro  
EB1 n.º11 de Setúbal (Fonte do Lavra)  
EB1 n.º18 de Setúbal (Bela Vista)  
EB1 n.º2 de Arrentela  
EB1 n.º2 de Fernão Ferro  
EB1 n.º2 de Santana  
EB1 n.º2 do Feijó  
EB1 n.º2 do Laranjeiro  
EB1 n.º2 do Monte de Caparica  
EB1 n.º2 Vale Figueira  
EB1 n.º3 do Feijó  
EB1 n.º3 do Fogueteiro  
EB1 n.º3 do Monte de Caparica  
EB1 n.º4 da Cova da Piedade  
EB1 n.º5 de Amora (Qt.ª da Princesa)  
EB1 n.º8 de Setúbal (Pinheirinhos)  
EB1 n.º9 de Setúbal (Peixe Frito)  
Ensino Recorrente da Torre da Marinha  
Jardim de Infância n.º2 do Monte de Caparica  
Projecto/Centro Comunitário "Várias Culturas Uma Só Vida"

**ALENTEJO**

Associação Rota do Guadiana  
Biblioteca Escolar da EB1 n.º7 de Beja (B.ª da Esperança)  
Biblioteca Municipal de Beja  
Câmara Municipal de Beja  
Carrossel da Criança (B.ª da Esperança de Beja)  
Casa da Cultura de Beja  
Centro de Saúde de Moura  
Centro Social, Cultural e Recreativo do Bairro da Esperança de Beja  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente de Beja  
EB1 de Corte de Sines  
EB1 de Corte do Pinto  
EB1 de Corte Gafo de Cima  
EB1 de Ferreira do Alentejo  
EB1 de Mina de São Domingues  
EB1 de Moreanes  
EB1 de Salvada

EB1 de Sobral da Adiça  
EB1 n.º1 de Moura  
EB1 n.º2 de Beja  
EB1 n.º3 de Moura (Fojo)  
EB1 n.º6 de Beja  
EB1 n.º7 de Beja (B.ª da Esperança)  
EB23 Abade Correia da Serra (Serpa)  
EBM de Salvada  
EBM de Sobral da Adiça  
ECAB de Moura  
Educação de Infância Itinerante de Cortes de Sines  
Educação de Infância Itinerante de Moreanes  
Instituto Português da Juventude de Beja  
Instituto Superior de Serviço Social de Beja  
Jardim de Infância da Salvada  
Jardim de Infância de Barrancos  
Jardim de Infância de Mina de São Domingues  
Jardim de Infância n.º4 de Beja (B.ª da Esperança).  
Ludoteca Municipal de Moura  
Paróquia de São Luís dos Franceses (Lisboa)  
PLCP Girassol (Serpa)  
Pólo n.º1 do Agrupamento de escolas de Serpa  
Pólo n.º2 do Agrupamento de Escolas de Serpa  
Pólo n.º3 do Agrupamento de Escolas de Serpa  
Pólo n.º4 /Jardim de Infância de Serpa  
Projecto de Animação Infantil e Comunitária do Bairro  
da Esperança (Beja)  
Voluntariado da EMRC da Escola Secundária Diogo  
de Gouveia de Beja

**ALGARVE**

Associação Cultural e Social do Algoz  
ATL do Algoz  
Casa do Povo de Messines  
EB1 de Pontes de Marchil  
EB1 de St.ª Bárbara de Nexe  
EB1 de Tunes  
EB1 do Algoz  
EB1 Major David Neto  
EB1 n.º1 de Pechão  
EB1 n.º2 de Faro (Campo da Feira)  
EB1 n.º2 de Pechão  
EB1 n.º4 de Faro (Bom João)  
EB1 n.º5 de Faro (Penha)  
EB1 n.º6 de Faro (Vale Carneiros)  
EB1 n.º3 de Faro (Alto Rodes)  
EBM n.º744 de Ameixial  
Educação de Infância Itinerante de São Brás de Alportel  
Educação de Infância Itinerante de Silves  
Ensino Recorrente na EB1 n.º5 de Faro  
Ensino Recorrente nas EB1 n.º1 e 2 de Pechão  
Instituto Português da Juventude de Faro  
Jardim de Infância da Conceição  
Jardim de Infância de Parchal  
Jardim de Infância de Porches  
Jardim de Infância do Algoz  
PLCP do B.º do Chincato (Lagos)  
PLCP Renascer (Portimão)

**Com Quem “Andarilhou” o Nómada**  
**E de quem recebeu muitos contributos para a elaboração deste documento**  
(entre 1995/96 e 2003/04)

Abílio Joaquim Teixeira  
Adelaide Da Conceição Martins Liberato Fialho  
Adelaide Maria Custódio  
Adelina Maria David Silva  
Agostinha Ramalho Geraldo  
Aida Maria Miguel Tomé  
Alexandra Maria Cardoso Gomes  
Alexandra Maria Quelhas Amaral Garcia  
Amílcar Augusto De Sousa Caetano  
Ana Cristina Correia  
Ana Cristina De Oliveira Caseiro Marques Da Silva  
Ana Cristina Simões Dias Gonçalves Do Cabo  
Ana Do Carmo Dias Marques  
Ana Ferreira Rosa  
Ana Filipa Vicente Realista Godinho  
Ana Isabel Gonçalves Eusébio Domingos  
Ana Luísa De Almeida Pina  
Ana Luisa Dos Reis E Moura Nunes Da Silva  
Ana Maria Da Maia Gomes  
Ana Maria De Azevedo Ramos  
Ana Maria Do Rosário Valente  
Ana Maria Duarte  
Ana Maria Galamba Douninho  
Ana Maria Luís Da Avó  
Ana Maria Martins Da Silva Correia Dias  
Ana Maria Romana Dos Reis Sobral Gonçalves  
Ana Paula Boto Silva  
Ana Paula Dos Santos  
Ana Paula Marques Fernandes  
Ana Paula Neves Loja  
Ana Paula Soares Cardoso Gaspar  
Ana Sofia Nunes Peixinho  
Anabela Cabeça Carvalho  
Anabela Custódio Rodrigues Dos Santos  
Anabela Maria Mendes Carrilho Mira Borreicho  
Anabela Maria Mendes Sarilho  
Anabela Neves Rodrigues Narciso  
Anáisa Teodóra Dias Cativo Viegas Custódio  
Beatriz Graziela Calafate Ferreira  
Bento José Campaniço Camacho Fernandes  
Benvinda Maria Bento Nobre Cavaco  
Carla Cristina Simão Paulino Mósca  
Carla Isabel Batista Piçarra  
Carla Sofia Junceiro Costa Martins Costa  
Carla Sofia Santos Silva  
Carla Susana Matos Oliveira  
Carlos Manuel Pereira Peixoto  
Célia Maria Grade Pereira Doutor  
Célia Maria Granja Viegas Domingos  
Célia Maria Rodrigues Costa Sequeira  
Cidália Guadalupe Santinhos Carrasco Fabela  
Claudia Sofia Da Conceição R. Gabriel  
Clotilde Maria Guerreiro Soares Neto Carvalho  
Cristina Maria Da Silva Corga Nogueira  
Cristina Maria Galamba Fortunato Trindade  
Cristina Maria L. Rodrigues De Passos E Costa  
Cristina Maria Marcelino Garcia Arvanas  
Daniela Maria Cunha Cardoso  
Delfina Maria Simões Gonçalves Zacarias  
Desidéria Maria Guerreiro Nascimento Dos Santos  
Diamantina Do Carmo Chagas Escoval Beiramar  
Dilar Maria Rodrigues Martins  
Dilar Maria Sousa Dos Santos Pereira  
Dina Maria Martins Nunes Serra  
Domingos Manuel Carrasco Fabela  
Donzila Maria Gomes Carrão De Freitas Faria  
Edília Maria Alves De Brito  
Eduarda Maria Gago Silvestre  
Ela Maria Vidigal Da Paz Gomes Quaresma  
Élia Maria Pereira Reis  
Elisa Maria De Barros Marques  
Elisa Maria Jesus Martins Dias Sanches  
Elisabete Da Conceição Passos Marques Cristão  
Elisabete De Jesus Charrua  
Elisabete Maria De Sousa Alves Fernandes  
Elsa Maria Baltazar Dias Correia Afonso  
Ema Cristina Santos Neves Gouveia  
Ema Maria De Castro Mariano Osório  
Eugénia Da Graça Pereira Pinel  
Eugénia Modesto Pereira Xavier  
Fátima Batista Rodrigues Coelho  
Fátima Marques Candeias  
Feliciano Rosa Ganhão Santana Cordeiros  
Felisbela Conceição Cruz Baião Nascimento  
Felisbela Martinheira Rocheta Brito Leitão  
Fernanda Brás Gil Lopes  
Fernanda De Sousa Simões  
Fernanda Maria Baptista Reigada Silvério  
Fernanda Maria Barrocas Cruz Correia  
Filipa Cristina De Matos Sobral Piçarra  
Filomena Maria Almeida Dos Santos Borreicho  
Filomena Maria Machado Pinto Serafim  
Filomena Maria Miragaia Dinis Ramos  
Francisco Inácio Colaço Da Palma  
Francisco José Gabriel Bossa  
Georgina De Oliveira E Silva  
Graça Maria Simões Da Costa Almeida  
Graciete Da Conceição Ribeiro Nunes  
Helena Augusta Ramos Mateus Chocalheiro  
Helena Isabel Da Fonseca Cabrita Fernandes  
Helena Maria Pacheco Ferreira Teixeira  
Helena Maria Pardal Da Silva  
Herlander Miguel Gonçalves Madeira De Mira  
Idalécia Sustelo Cabrita Brás  
Idalina Maria Oliveira Albarrão Da R. Francisco  
Ilda Leonor Candeias  
Isabel Da Conceição Fernandes Garrido  
Isabel Francisco Barão Migas  
Isabel Maria Fernandes De Oliveira  
Isabel Maria Godinho Lucas  
Isabel Maria Henrique Guerreiro Brito Palma  
Isabel Maria Isidro Vasco Parreirão E Gomes  
Isabel Maria Lourenço Pina Dos Santos  
Isabel Maria Maceneiro Capela

Isabel Maria Marques Silva  
Isabel Maria Moura Lourenço  
Isabel Maria Paixão Afonso  
Isabel Maria Tomásio Correia  
Isabel Pires Dias Mestre  
Isaura De Fátima Saruga Fernandes  
Isilda Alves Da Silva Bento  
Isolinda Maria Mendonça Gomes Cavaco  
Jaime Manuel Baião Machado Campos  
João Manuel Rodrigues Xavier  
José Francisco Aguiar Serafim  
José Joaquim Agostinho Da Cruz  
José Manuel Rodrigues Pereira  
José Orlando Figo Lucas  
Josélia Maria Marques Rodrigues  
Juliana Maria Santos Filipe Farinha  
Julieta Dória Ferro Da Silva Raposo  
Justina Celeste Monteiro  
Laura Maria Cristina Pinheiro Andrez Martins  
Leonilde Afonso Martins Pereira  
Lina Gertrudes G. Janeiro Barrocal Fialho  
Lina Maria Florência Domingues Viegas  
Lobélia Grade Coelho Da Silva Montes  
Lucília Maria Borrvalho Pipa Godinho  
Luísa De Oliveira Fernandes  
Marcelina Da Piedade Correia Félix Lopes  
Margarida De Jesus Seita Monge  
Margarida Isabel Da Cruz Brito  
Maria Adília Pinto Vieira  
Maria Alexandrina Pacheco Da Costa  
Maria Alice Pereira Serra  
Maria Alvina Figueira Trindade  
Maria Alzinda Simão Carmelo  
Maria Ana Baião Tristão Delgado  
Maria Ana Sousa Da Palma De Jesus César  
Maria Anália Brito Palma Picarra  
Maria Ângela Serrano Mendes Belchior  
Maria Antónia Doutor Lança  
Maria Antonieta Marques Teixeira  
Maria Arlete Costa Ferreira Marçal Corrêa  
Maria Augusta Fonseca Rato Capeto Saramago  
Maria Augusta Saraiva Dos Santos Ferreira  
Maria Belchior Gualdino Mestre  
Maria Cândida Da Silva Cativo  
Maria Celeste Soares  
Maria Clara Beirão De Oliveira De Barros Martins  
Maria Clara Chinita Da Mata  
Maria Clara Cruz Figueira Sousa  
Maria Clara Guerreiro Salvado Machado  
Maria Cristina De Bravo Santos  
Maria Da Conceição Almeida Reboredo  
Maria Da Conceição Carvalho Pereira De Sousa  
Maria Da Conceição Gomes Ferreira Fonseca  
Maria Da Conceição Marques Peres Ramos Da Silva  
Maria Da Conceição Martins Costa Freitas  
Maria Da Conceição Vidigal C. P. Bandeira Gonçalves  
Maria Da Encarnação Cristina Maio Dias  
Maria Da Graça Antunes Ribeiro  
Maria Da Graça Neto Dos Santos Jacob Brás  
Maria Da Graça Paixão Barroso  
Maria Da Graça Pires  
Maria Da Guadalupe Dos Santos Mestre  
Maria Da Natividade Gonçalves Brigas Janela  
Maria Da Paz Aleluia Paquete Sequeira  
Maria Das Dores Gamito Marques  
Maria De Deus Sariwa Pereira Mendes Leal  
Maria De Fátima Almeida Afonso  
Maria De Fátima Carneiro Da Fonseca Reis Santana  
Maria De Fátima Cavaco Dos Santos  
Maria De Fátima Dias Mendonça Duarte  
Maria De Fátima Dos Santos Mateus Sousa  
Maria De Fátima Lampreia Gomes Carapinha  
Maria De Fátima Oliveira G. Patriarca Sebastião  
Maria De Fátima Pereira Rodrigues Martins  
Maria De Fátima Pires  
Maria De Fátima Ribeiro Filipe Passeiro  
Maria De Fátima V. Correia B. De Aragão Teixeira  
Maria De Jesus Gomes Neto Dos Santos Barracosa  
Maria De Jesus Guerreiro Galvão  
Maria De Lurdes Cardoso Saraiva Machado  
Maria De Lurdes Do Nascimento R. Ribeiro De Almeida  
Maria De Lurdes Silvério  
Maria Do Carmo Seita Silva Baião Gama  
Maria Do Céu Rato Maria Gonçalves  
Maria Do Céu Trindade Caeiro Velez  
Maria Do Rosário C. Laranjorodrigues Leitão  
Maria Do Rosário Matias Da Silva  
Maria Dos Santos Rafole Braz Guerreiro Graço  
Maria Dulce Amaro Gil  
Maria Eduarda Da Conceição R. Sequeira Martinho  
Maria Elisa Lopes Da Costa  
Maria Elisete Janela Jorge  
Maria Elvira Dias Do Nascimento  
Maria Emília Gaspar Guerreiro Pica  
Maria Emilia Monteiro Dos Santos Almeida  
Maria Fernanda De Lima Pinto Marques  
Maria Fernanda Dos Santos S. De Sousa Marcelino  
Maria Filomena De Sousa Nunes Batista  
Maria Filomena Pava Gomes Martins  
Maria Filomena Rala Estevens  
Maria Filomena Sustelo Dos Santos  
Maria Filomena Vieira Cabrita Ferrreiro  
Maria Francisca Carvoeiras E. Flores Mantinhas  
Maria Gabriela Afonso Henrique Pires Do Nascimento  
Maria Gisélia Viegas Dos Santos Correia  
Maria Gonçalves Dias Rodrigues Palma  
Maria Gorette Jardim Ribeiro  
Maria Graciete Ramos Egidio  
Maria Guadalupe Dos Santos Mestre  
Maria Gualdino Janeiro Felix  
Maria Helena Gonçalves De Brito  
Maria Helena Moraes Furtado De Carvalho  
Maria Helena Piteira Gafanis  
Maria Helena Vicente Caracol  
Maria Inês De Paula Fernandes  
Maria Isabbel Oliveira Da Costa  
Maria Isabel Catarino  
Maria Isabel Da Palma Estevens Bule  
Maria Isabel De Carvalho Sobral  
Maria Isabel Esteves Pereira  
Maria Isabel Fevereiro  
Maria Isabel Saramago Valadas Alves Horta  
Maria Joana Caixeiro Fialho Machado Baião  
Maria Joana Direitinho Vidinha Raposo  
Maria Joana Emídio Marques  
Maria João Bento Seródio



Maria João Branquinho Brazão Valente  
Maria João Nunes Gusmão Gomes  
Maria José Afonso Lopes Ramalho  
Maria José Arrobe Dos Reis Mendonça  
Maria José B. Bolinhas Cruz  
Maria José Brás Pereira Duarte Efigénio  
Maria José Martins  
Maria José Morgado Fino De Azevedo  
Maria José Patinho Marques Reis  
Maria Julia Aurélio Grilo Pereira  
Maria Laura Alves Pereira  
Maria Leonor António Guia Parreira Da Silva  
Maria Leonor Dos Reis Ventura Brissos  
Maria Lisete Lavadinha Travassas  
Maria Lucinda Afonso  
Maria Luísa Da Palma Garrido Sobral Mestre  
Maria Luísa Silva Santos Pereira  
Maria Manuel Dos Reis Horta Palma  
Maria Manuela Barradas Domingues  
Maria Manuela De Sousa Almeida Nobre  
Maria Manuela Gois Belchior Godinho  
Maria Manuela Sargento Campaniço  
Maria Manuela Vida Marçano Correia  
Maria Marcelina Oliveira  
Maria Margarida Batista João  
Maria Margarida De Jesus Manjua  
Maria Margarida Ferreira  
Maria Margarida Morais Marcão Caeiro  
Maria Matilde Da Ressurreição Borges Martins  
Maria Matilde De Gois Raposo  
Maria Moreira Filipe Caetano  
Maria Natália Gamito Baião Santos  
Maria Noel Mariano Gouveia  
Maria Odete De Jesus Duarte Leote Teixeira  
Maria Odília Palma Guerreiro  
Maria Otilia Martins Da Conceição Vieira  
Maria Patrocínia Teixeira Olhero  
Maria Perpétua Porfírio Piedade Picado  
Maria Raquel Azevedo Varrasquinho Dias Guerreiro  
Maria Rosa Godinho Pereira  
Maria Rosário Do Nascimento Fernandes Horta  
Maria Teixeira Pinho Da Silva  
Maria Teresa C.Tavares De Almeida S. M. Fernandes  
Maria Teresa Da Silva B Sousa  
Maria Teresa De Jesus Brito Mascarenhas Santana  
Maria Teresa Dias Roldão Bento  
Maria Teresa Figueira Condeça  
Maria Teresa Roldão Bento  
Maria Vitória Silva Dos Santos Coelho  
Mariana Bule Palma Pires  
Mariana Da Guadalupe Martins Dos Santos Janeiro  
Mariana Luísa Dias Êmídio  
Mariana Vitória Vaz Lampreia Ramos Costa  
Marília Alexandra Machado Dias  
Mario Jorge Quinteiro Pereira Dos Santos  
Marisa Da Graça Neves Aniceto  
Marisa De Jesus Pitaça Luna  
Mary Elizabete Rodrigues Dos Santos Pratas  
Matilde Maria Rodrigues Baptista Carrilho  
Mirna Montenegro Val-do-rio Paiva  
Mónica Alexandre Pereira Costa  
Mónica Maria Cabaço Leitão  
Natércia Da Conceição Mealha Caetano  
Natividade Da Glória Correia  
Nélia Rodrigues Da Silva  
Nelson António Paraíba Canhoto  
Nuno Ricardo Da Costa Ferro  
Odete Maria José Pinheiro Santos  
Ofélia Maria Rosa Catarino Da Silva  
Olga Natália Maia Mariano  
Orlandina Maria Martins Carreira  
Otelinda Maria Mendonça Dos Santos Camarneiro  
Otilia Gabriel Dos Santos  
Patrícia Isabel Bernardino Paulo Dos Santos Abrantes  
Patricia Maria Catarino Barreira  
Paula Alexandra De Brito Ramalho Silva  
Paula Cristina Caetano De Brito Figueiredo  
Paula Cristina De Mira Grosso Russo Farinha  
Paula Cristina Jorge Lourenço  
Paula Cristina Silva De Carvalho  
Paula Da Conceição Mestre Albuquerque Barata  
Pedro José Pacheco Grilo  
Pedro Miguel Pereira Florêncio  
Rosa Maria Amaral Da Costa  
Rosinda Lima Barreto Do Rosário Pires Nunes  
Sandra Do Carmo Afonso De Sousa  
Sandra Isabel Da Silva Carvalho Pereira  
Sandra Maria Silva Costa  
Sara Cristina Dos Santos Nobrega Peão Valdez  
Sara Marina Garcia Dos Santos  
Sílvia Da Conceição Roque Da Silva  
Sílvia Maria Palma Santos Afonso Borges Lopes  
Silvina Da Silva Ventura Pereira  
Sofia Alexandra F. Rebelo Mortas  
Sofia Margarida Dias Caetano  
Sónia Castelo Carvalho Matos  
Sónia Cristina Nunes De Almeida  
Sónia Margarida Nunes De Figueiredo  
Susana Isabel Ferreira Dos Santos Morte  
Susana Isabel Neno Gregório  
Susana Margarida Almeida Teixeira  
Susana Marina Gonçalves Nogueira  
Tânia Nanuza Wahnnon De Miranda  
Telma Carla Soares Casimiro  
Telma Cristina Dos Santos Francisco Costa  
Teresa Maria Silveira Guerreiro  
Teresinha Romão Cardoso  
Vanda Cristina De Sousa Amado Vaz  
Vanda Cristina Fidalgo Narciso  
Vanda Montenegro Val Do Rio Paiva  
Vera Guerra Teixeira Constantino  
Violeta Aida Da Graça José Da Costa De Oliveira  
Yolanda Dos Santos Faial Fraga  
Zélia Maria Chambre Cavaco  
Zélia Maria Da Silva Balbino  
Zulmira Coelho Proença Leonardo

## *Equipa de Pilotagem do Projecto Nómada*

### **Coordenação Regional:**

Ana Cristina Correia (Almada em 1995/96 e em 1998/99)  
Ana Josefina Gonçalves (Setúbal em 1995/96)  
Anabela Santos (Seixal de 1995/96 a 1997/98)  
Cristina Bravo (Algarve de 1995/96 a 1997/98)  
Isabel Estevens (Serpa de 2001/2004)  
Mário Santos (Almada de 1995/96 a 2000/2001 e Seixal de 1998/99 a 2000/2001)  
Mirna Montenegro (Setúbal de 1996/97 a 2001/2004 e Algarve 2002/2004)  
Susana Nogueira (Algarve de 1998/99 a 2001/2003)  
Teresa Fernandes (Alentejo de 1998/99 a 2000/2001)

**Coordenação Nacional:** Mirna Montenegro

**Director do Projecto:** Rui d'Espiney

**Consultor Científico:** Rui Canário

## **Associações Ciganas em Portugal**

AMUCIP - Associação para o Desenvolvimento de Mulheres e Crianças Ciganas Portuguesas  
Sr<sup>a</sup> Olga Mariano  
Rua da Liberdade, nº3, r/c drtº, Fogueteiro  
2840 Amora  
Tlm. 91-6283158 / 91-4573044

ARCA - Associação Raízes Calé  
Sr<sup>a</sup> Anabela Abreu  
Av. Avelino Teixeira da Mota, lote 325 - 2ºDrtº  
1900-625 Lisboa  
Tel: 93-8874791

Associação Oficinas Romani  
Dr. Tiago Maymone  
Antº Bairro Irmão Pobre,  
Parque Florestal de Monsanto  
1400-208 Lisboa  
Tel: 213020924

AJOROM - Associação Portuguesa de Jovens Romani  
Sr. José Adelino Silva  
Rua ONPC - Bairro Portugal Novo, lote C - Espaço P  
1900-174 Lisboa  
Tel: 21-8406698

APODEC - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Etnia Cigana  
Sr. Adérito Montes & Sr. Bruno Gonçalves  
Parque Florestal de Monsanto  
1400-208 Lisboa  
Tel: 21-3020924  
Telm: 93-3772565

Associação Social Recreativa Cigana de Coimbra  
Sr. Joaquim Cardoso  
Bairro da Rosa, lote 16-V c/2  
3020-208 Coimbra  
Tlm. 91-7544948

Associação Social Recreativa Cigana de Matosinhos  
Sr. Manuel Navarro Gimenes "Manolo"  
Tv. Carlos Oliveira, Ent. 52-1ºEsq.  
4465 São Mamede da Infesta  
Tlm: 96-5628288

Associação Social Recreativa Cigana Os Viquingues  
Sr. José Maria Fernandes  
Bairro S. João de Deus, Bl. 2, Ent. 968-C/31  
4300 Porto  
Tlm: 96-5097580

Associação Social Recreativa e Cultural Cigana de Águeda  
Sr. Rafael Ximenes  
Bicha-Moura  
3750 Águeda  
Tlm. 96-4451848

Igreja Evangélica de Filadélfia  
Pastor Joaquim de Abreu Sá  
Praceta Antero de Quental, 3-3ºEsq.  
Quinta da Fonte - Apelação  
2685 Loures  
Tlm. 93-3799207

União Romani Portuguesa  
Sr. Vitor Marques  
Bº São João de Deus, Bl. 2, Ent. 968-C/31  
4350-295 Porto  
Tlm. 96-3083581

Associação Cigana de Leiria  
Sr. Dimis de Abreu  
Telm: 96-4109584

Associação Cigana de Aveiro  
Sr. José Rui Maia  
Telm: 91-8134397

Associação Cigana do Barro  
Sr. Paulo Fernandes  
Calçada Barro, lote n.º 34, 2.º B Barro  
2670 - Loures

Associação Social Recreativa e Cultural Cigana de Espinho  
Sr. António Fonseca Bairro Ponte de Anta,  
BL. P-Ent. 3 - r/c Esq.º - Ponte de Anta, Espinho  
4500 - Espinho

## **Bibliografia Seleccionada sobre a Etnia Cigana**

- Alvarez, José Luís Pinha** (1992), *Entre os Calé do Alentejo*, Dissertação de Mestrado em Ciências Antropológicas. Universidade Técnica de Lisboa.
- Amiguiinho, Abílio e al.** (1993), *Caracterização sócio-demográfica e cultural das comunidades cigana no Alentejo*, Centro Regional de Segurança Social do Alentejo. FSE/Iniciativa Horizon.
- Arbex, Carmen** (1999), *Actuar com a Comunidade Cigana*, Cadernos REAPN, Porto: REAPN/SASTIPEN
- Auzias, Claire** (2001), *Os Ciganos*, Lisboa: Antígona
- Boumard, Patrick** (2000), *République contre démocratie: le problème de la scolarisation des enfants tsiganes*, in Estrela, **Albano & Ferreira, Júlia** (Org.), (2000), *Diversidade e Diferenciação em Pedagogia*, Actas do IX Colóquio da AFIRSE/AIPELF. Lisboa.pp.102-110.
- Casa-Nova, Maria José** (2002), *Etnicidade, género e escolaridade. Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana do Porto*. Lisboa: IIE
- Castro, Alexandra** (1995), *Ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação*, Sociologia, Problemas e Práticas nº17.pp.97-111
- Cortesão, Luíza & Pinto, Fátima** (1995), *Cidadãos na Sombra, Processos explícitos e ocultos de exclusão*, Porto: Edições Afrontamento
- Costa, Elisa M<sup>a</sup>** (1996), *O Povo Cigano em Portugal. Da história à escola*, Setúbal: IPS/BSE
- Costa, Elisa M<sup>a</sup>** (1997), *Histórias de Longe e de Perto*, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Lisboa: Ministério da Educação. p.39
- Enguita, Mariano F.** (1996), *Escola e Etnicidade: O caso dos Ciganos*, Educação Sociedade & Cultura, nº6. Porto: Edições Afrontamento.pp.5-22.
- Enguita, Mariano F.** (1999), *Alumnos gitanos en la escuela paya. Un estudio sobre las relaciones étnicas en el sistema educativo*. Barcelona: Ariel Practicum
- Fernandes, M<sup>a</sup> Teresa** (1999), *Comunidade Cigana em Beja, Traços Culturais e Problemática da Escolarização*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses - Culturas Regionais Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Fraser, Angus** (1998), *História do Povo Cigano*, Lisboa: Editorial Teorema
- Garrido, Albert**, (1999), *Entre Gitanos e Payos, Relación de prejuicios y desacuerdos*, Barcelona Flor del Viento Ediciones
- Heredia, Juan de Dios** (1974), *Nós os Ciganos*, Braga: Editorial Franciscana
- Kenrik, Donald** (1998), *Ciganos: da Índia ao Mediterrâneo*, Centre de recherches tsiganes/Secretariado Entreculturas: Lisboa: ME
- Lamara, Farid** ; (2000), *La minorité rom/tsigane en Europe, d'hier à aujourd'hui*, Errance, Exclusion Champ Psychomatique nº20, Évry : L'esprit du temps.pp-75-85
- Liégeois, Jean-Pierre** (1989), *Ciganos e Itinerantes*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
- Liégeois, Jean-Pierre** (1994), *A escolarização das crianças ciganas e viajantes*, Lisboa: DEP-GBF Ministério da Educação, Comissão das Comunidades Europeias.
- Liégeois, Jean-Pierre** (1994), *Roma, Tsiganes, Voyageurs*, Strasbourg : Conseil de l'Europe
- Liégeois, Jean-Pierre** (1997), *Minorité et scolarité : le parcours tsigane*, Toulouse :Centre de recherches tsiganes & Centre régional de documentation pédagogique Midi-Pyrénées.
- Liégeois, Jean-Pierre** (2001), *Minoría e escolarização : o rumo cigano*, Centre de recherches tsiganes/Secretariado Entreculturas, Lisboa :ME
- Machado, Paulo Filipe** (1994), *A presença cigana em Portugal: um caso de exclusão secular*, Mediterrâneo nº4.
- Marques, Cesarina; e al** (1997), *Comunidade Cigana na Diocese de Lisboa*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa
- Marques, Elisa** (2003), *Trans(formar) o olhar*, Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa/UIED
- Mendes, M<sup>a</sup> Manuela** (1998), *Etnicidade cigana, exclusão social e racismos*, Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. III. Pp.207-247.
- Montenegro, Mirna** (1994), *Alguns passos de dança... com ciganos*, Cadernos de Educação de Infância nº31, Lisboa: APEI.Pp.22-28.
- Montenegro, Mirna** (1996), *As competências sociais numa comunidade de "iliteratos". Uma experiência socioeducativa no CAIC da Bela Vista*, in Educação e Ensino nº13, Setúbal: AMDS.Pp.45-47.
- Montenegro, Mirna** (1999), *Projecto Nómada! Em busca de uma utopia*, Educação e Ensino nº21, Setúbal: AMDS.Pp.9-12.
- Montenegro, Mirna** (1999), *Quando o trabalho é outra coisa*, entrevista orientada por Eduarda Dionísio, Revista Abril em Maio nºzero um, Lisboa: Abril Em Maio.Pp.35-42.
- Montenegro, Mirna** (2003), *Aprendendo com Ciganos: Processos de Ecoformação*, Lisboa: EDUCA

- Montenegro, Mirna** (Org.) (1999), *Ciganos e Educação*, Cadernos ICE nº5, Setúbal: ICE.
- Montenegro, Mirna** (Org.); (1997), *Educação de Infância e Intervenção Comunitária*, Cadernos ICE nº4, Setúbal: ICE.pp27-47
- Noronha, Maria Helena** (2003), *a Escola é Uma Esperança – Sugestões para Famílias de Etnia Cigana*, Lisboa: Secretariado Entreculturas/ME
- Nunes, Olímpio** (1996), *O Povo Cigano*, Lisboa: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos
- Pereira, Cristina** (1991), *Lendas e Histórias Ciganas*, Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Pinto, Maria de Fátima** (2000), *A Cigarra e a Formiga: contributos para a reflexão sobre o entrosamento da minoria étnica cigana na sociedade portuguesa*, Cadernos REAPN, Porto: REAPN.
- Ramírez-Heredia, Juan de Dios (s/d), *Primer Manual de conversación en Romanó-Kaló*, Barcelona: Unión Romani
- Reis, Fernanda** (2001), *Quadros da Vida Cigana, Entrevistas com...*, Lisboa: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos do Secretariado Diocesano de Lisboa.
- Robert, Christophe**, (2000), *Errance pour les uns, dynamique social pour les autres, Errance, Exclusion, Champ Psychomatique nº20, Évry: L'esprit du temps*.pp-59-73
- San Román, Teresa**, (1994), *Entre la marginación y el racismo. Reflexiones sobre la vida de los gitanos*. Madrid: Alianza Universidad
- San Román, Teresa**, (1997), *La diferencia inquietante. Viejas e nuevas estrategias culturales de los gitanos*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores SA
- Sertório, Elsa** (2001), *Livro Negro do Racismo em Portugal*, Lisboa :Dinossauro
- Thede, Nancy** (1998), *L'identité ethnique des Gitans de la basse Andalousie*, Thèse de Doctorat. Université de Montréal.
- Tong, Diana** (1998), *Contos Populares Ciganos*, Lisboa: Teorema
- Viegas, Alberto; Sá e Silva, José (1993), *Ciganos*, Lisboa: Colibri
- VV. AA.** (1984), *Les Tsiganes*, Le Courier de l'Unesco, Octobre. Paris : ONU.
- VV. AA.** (2001), *"Que Sorte! Ciganos na nossa Escola"*, Coleção Interface, Centre de recherches tsiganes/Secretariado Entreculturas: Lisboa: ME.
- VVAA.** (1998), *Relatório de trabalho, Grupo de Trabalho para a Igualdade e Inserção dos Ciganos, Alto Comissário para as Minorias étnicas*, Braga: Governo Civil
- VVAA.** (1999), *Ciganos e degredos*, Coleção Interface, Centre de recherches tsiganes/Secretariado Entreculturas: Lisboa: ME.
- VVAA.** (2000), *Bu, cigano sempre! Histórias de vida*, Lisboa: Ministério da Educação.
- VVAA.** (2000), *Palavra e Comunicação. A arte da escrita pela minoria cigana*, Lisboa: Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos.
- VVAA.** (2001) *Histórias do Povo Cigano, Sugestões de actividades para o Ensino Básico*, Lisboa: Ministério da Educação
- VVAA.** (2001) *Saúde e Liberdade. Ciganos, Números, Abordagens e Realidades*. Lisboa: SOSRacismo.